

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CAMPUS SANTANA DO LIVRAMENTO
BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

THIAGO PALOMINO DE BEM

**O NACIONALISMO COMO FORÇA UNIFICADORA E DESTRUTIVA NA
IUGOSLÁVIA NO GOVERNO DE TITO E DE MILOŠEVIĆ (1945 - 2000)**

Santana do Livramento

2025

THIAGO PALOMINO DE BEM

**O NACIONALISMO COMO FORÇA UNIFICADORA E DESTRUTIVA NA
IUGOSLÁVIA NO GOVERNO DE TITO E DE MILOŠEVIĆ (1945 - 2000)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Relações
Internacionais, da Universidade Federal
do Pampa – UNIPAMPA, como requisito
parcial para obtenção do Título de
Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Flávio Augusto Lira
do Nascimento.

Coorientadora: Prof. Me. Cristiane
Barboza Lopes da Silva.

**Santana do Livramento
2025**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais)

B455n Bem, Thiago Palomino de
O nacionalismo como força unificadora e destrutiva na
Iugoslávia no governo de Tito e Miloševi (1945-2000) / Thiago
Palomino de Bem.
130 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, RELAÇÕES INTERNACIONAIS, 2025.
"Orientação: Flávio Augusto Lira Nascimento".

1. Nacionalismo. 2. Iugoslávia. 3. Discursos. 4.
Socialismo. 5. Etnia. I. Título.

THIAGO PALOMINO DE BEM

**O NACIONALISMO COMO FORÇA UNIFICADORA E DESTRUTIVA NA
IUGOSLÁVIA NO GOVERNO DE TITO E DE MILOŠEVIĆ (1945 - 2000)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Relações
Internacionais, da Universidade Federal
do Pampa – UNIPAMPA, como requisito
parcial para obtenção do Título de
Bacharel em Relações Internacionais.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em:

25/11/2025



Documento assinado digitalmente
FLAVIO AUGUSTO LIRA NASCIMENTO
Data: 12/01/2026 15:35:21-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Flávio Augusto Lira Nascimento
Orientador

UNIPAMPA



Documento assinado digitalmente
CRISTIANE BARBOZA LOPES DA SILVA
Data: 12/01/2026 19:59:36-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Cristiane Barboza Lopes da Silva

UNIPAMPA



Documento assinado digitalmente
LEONARDO ULIAN DALL EVEDOVE
Data: 12/01/2026 15:57:59-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Leonardo Ulian Dall Evedove
Escola Superior de Defesa

*Dedico este trabalho à minha família e
amigos, vocês são minha base.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer à minha mãe, Mônica Lourdes Palomino de los Santos e meu pai, Sepé Tiaraju Trindade de Bem por terem me trazido ao mundo, além de terem me rodeado de amor e cuidado desde sempre, com um apoio incondicional o qual sou eternamente grato, quem eu sou hoje é fruto da educação que vocês me proporcionaram, sempre prezando pelo investimento nos estudos com valores que levo comigo constantemente, minha alma se enche de alegria e orgulho por ser filho de vocês. Devo agradecer ao João César, meu padrasto e segundo pai, uma pessoa exemplar, educado, respeitoso e que acima de tudo, sempre quis o meu bem e torceu pelo meu sucesso, orgulhosamente eu posso chama-lo de meu amigo, obrigado por tudo, por ter ajudado a arrumar meu kitnet aqui em Santana, sempre arrumando uma coisinha ou outra, isto é uma linguagem de amor a qual eu não me esquecerei jamais.

Além dos meus pais, gostaria de agradecer ao meu irmão, Gabriel Palomino de Bem, o cara que me influenciou profundamente nos gostos, no estilo, na forma de agir, nos valores honrosos que só uma grande pessoa como o meu irmão poderia mostrar-me. Me guiastes em momentos chave da minha vida, meu gosto musical (que é algo de muita importância para mim) é influenciado diretamente por ti, meu irmão, muito obrigado por ser esse exemplo de ser-humano, de boa índole, coração puro e honesto, eu me espelho em ti diariamente e sinto saudades tua. Todos os momentos juntos são memoráveis e engraçados, te admiro desde criança meu irmão, eu te amo e guardo com carinho muitas lembranças memoráveis que nós vivenciamos juntos, desde as piadas internas, entre os “rolês noturnos” nas viagens em família, até os momentos em que ficávamos escutando Charlie Brown Jr na tua caixa de som, novamente, o meu muito obrigado. Agradeço à Larissa Franck, minha cunhada querida, sou grato por tu ter me tratado sempre com cordialidade e gentileza, ficou extremamente feliz contigo sendo parte da nossa família.

Sou grato tanto pela minha família por parte de pai, quanto por parte de mãe, são muitas pessoas para colocar aqui mas saibam que estão todos no meu coração, todavia, devo um agradecimento especial ao meu primo Rodrigo de Bem Nunes, um cara que eu admiro profundamente tanto na sua carreira profissional quanto na vida pessoal. Primo, me inspirastes a seguir a área de Relações Internacionais, toda vez quando me perguntavam o motivo da escolha da área, sempre te mencionei como

principal inspiração, desde criança, obrigado por me apoiar e servir de um amigo que me aconselha quando necessito.

Por outro lado, tenho que agradecer do fundo do meu coração os meus amigos de Bagé, ou melhor como nos chamamos entre si, os “Irmãos”, que sempre estiveram presentes quando necessitei, vocês são uma extensão da minha família eu amo vocês profundamente, estamos juntos nos momentos bons e ruins, sempre um pelo outro. Eu admiro nossa amizade e a valorizo, sou grato por vocês meus amigos, meus irmãos, com todas nossas risadas, bobagens, nós já rimos e choramos juntos, vivemos momentos incríveis juntos, a energia pura e positiva que paira sobre o ar quando estamos juntos é indescritível, saibam que os guardo com muito carinho na minha vida, seguimos até o fim, juntos, inseparáveis seja por distância ou quaisquer mudanças. O meu muito obrigado à vocês: Matheus Curtinaz, o “Curti”; Matheus Barcellos, o “Maths”; Bernardo Midon, o “Gordo”; Luan Ribeiro, o nosso jogador; Caetano Bittencourt, o “Caetina”; Humberto Machado, o “Humbertinho”; Pedro Obino, o “Cabeça”; Júlio Centeno, o “Freddy Mercury”.

Graças à Universidade Federal do Pampa, a qual também sou profundamente grato por ter me proporcionado essa experiência que serviu para muitos aprendizados, em matéria de autoconhecimento e intelectualmente, agora, quase como um Bacharel em Relações Internacionais o que me resta é agradecer por cada segundo vivido na faculdade. A cidade de Santana do Livramento reservou pessoas extraordinárias que pude atrair para a minha vida e que continuarão até o fim comigo, começando pela “República Resenha”, que assim como as estrelas se alinham, a configuração da casa proporcionou quatro irmãos que eu desejo tudo de melhor no mundo, Joiada Oliveira, Eduardo Vargas, Diego Martinho e João Victor Santos Vieira. Como esquecer dos nosso almoços e churrascos juntos, ou daquele dia no começo da nossa vida acadêmica em que presenciamos um fenômeno cósmico que nos uniu pra vida, Diego e João, quando vimos duas estrelas cadentes rasgando o céu em seu esplendor poético, apenas nos ajoelhamos, nos abraçamos e choramos de gratidão, este momento para sempre estará guardado na minha memória.

Eu preciso dizer que, João Victor Santos Vieira é o meu melhor amigo, meu parceiro, João, eu sou grato por todos os momentos que estivestes ao meu lado, sempre contando tuas histórias, tomando nossas cervejas clássicas e inesquecíveis. Cara, tu é uma pessoa fenomenal, um ser-humano de grande valor que eu agradeço

imensamente por ter cruzado este caminho que chamamos de vida. Nunca esquecerei dos momentos em que estávamos Benito Di Paulo e Seu Jorge a ponto de chorar de admiração pela nossa Música Brasileira Popular, sempre agradecendo por termos nascido brasileiros. Todos nossos chimarrões no Uruguai, nossas conversas filosóficas, impossível não lembrar com carinho enquanto escrevo estas palavras, meu amigo, um muito obrigado por tudo, vivemos muito, e muito bem aproveitado.

Luiza Larruscahim, o meu muito obrigado também por ser esta amiga parceria que és, sou grato por poder te chamar de amiga, pois tu é uma pessoa de grande coração, lembrarei com carinho de todas nossas jantas com o pessoal, os churrascos com o Luiz Dutra “Pato” Lopes, seu pai, e a Dona Eli, sua mãe, que me acolheram como parte da família nestes domingos longe dos meus pais, obrigado, isto não tem valor. Devo agradecer ao Breno da Rosa, um grande amigo que a Universidade proporcionou, tu és uma pessoa muito boa, tenho o privilégio de chamá-lo de amigo, desejo todo sucesso do mundo para ti. Gustavo Rodrigues meu grande amigo, sou grato pelas risadas e bobagens que juntos compartilhamos, os papos cabeça, saudades meu amigo. Carlos Eduardo Teixeira, saudades tua meu amigo, marcastes a minha trajetória acadêmica, sou grato pela nossa amizade e te admiro meu amigo.

Meus camaradas que conheci pelo curso de Relações Internacionais e pelo campus, Angelo Alberti, Diego Aránguiz de Oliveira, Iannic Coelho, Juan Brandi, Ramiro Rivas, Marcelo Rocha, Wanderson Cardoso. Meus amigos, vocês foram grandes parceiros durante a minha jornada acadêmica, rimos, debatemos, estudamos juntos, isso nos aproximou de maneira que não somos meros colegas mais, somos amigos, amigos valiosos que levarei para a vida inteira. O que falar das nossas discussões políticas no pátio, dos almoços e jantas no RU, das idas ao Start, da nossa viagem magnífica e mística que fizemos para São Paulo de carro, as incontáveis histórias que permeiam nossas memórias são incríveis. Sou eternamente grato por cada um de vocês, e tenho o privilégio de chamá-los de amigos.

Agradeço imensamente aos docentes que lecionaram para mim e para meus colegas durante estes quatro longos e importantes anos da minha vida, saibam que vocês proporcionaram-me novas formas de enxergar o mundo e o sistema que vivemos. Um agradecimento especial eu devo aos professores Fábio Bento e Anna

Carletti, lembro-me o primeiro dia da aula de sociologia, em que o professor Fábio mencionou o Budismo e a arte da meditação, uma área em que eu estava me aventurando na época, foi conexão imediata, a partir dali, além de Professores, Fábio e Anna tornaram-se meus amigos, com nossas jantas e idas ao churros no Uruguai, tais experiências ficarão para sempre comigo.

Não devo deixar de mencionar o Professor Flávio Lira, que foi o meu querido orientador, uma pessoa de uma alma bondosa e justa, o qual eu me espelho profundamente, seu profissionalismo é admirável, professor. Foi no Grupo de Estudos do GESEU no primeiro semestre de 2022, com o professor Flávio apresentando a figura de Josip Tito e a Iugoslávia que eu sabia, seria isto que eu estudaria no meu TCC, e cá estamos, se não fosse por aquele momento, tudo poderia ser diferente, agradeço ao GESEU do fundo do meu coração. Por fim mas não menos importante, temos o professor Renato Costa, um cara extraordinário, parceiro, divertido, que eu nutro além de admiração, gratidão por ser meu amigo, com as descontraídas conversas no pós-almoço e com sua aula que fomenta o debate, suas aulas sempre foram maravilhosas.

Agradeço aos servidores terceirizados da UNIPAMPA, sempre com um alto astral que me cativa, o sorriso no rosto é característico de todos vocês: Mauro, Djalma, César, Sandro. Vocês alegram inconscientemente as manhãs nubladas, as noites frias, as tardes escaldantes, com suas piadas, trocas de cumprimentos e simplicidade no olhar, obrigado por tornar estes quatro anos mais leves. Ademais, sou grato à minha turma de 2022, meus queridos colegas e amigos, começamos juntos esta jornada que chegou ao fim, e que jornada incrível! O âmago do meu ser clama pelo sucesso de todos vocês, que nós sejamos felizes de escolher os caminhos que nos levarão ao paraíso na terra!

Duda, Helo, Laura, Ana Eliria, Samuel, eu sou grato pela parceria de vocês, não esquecerei dos tererês pela tarde enquanto escrevíamos alucinados o TCC, irônico que agora que terminamos, sentirei falta de momentos como esses. “Inha” e Sandra, o que falar de vocês que serviram como figuras familiares, como praticamente minhas tias também, sempre me trataram tão bem e fizeram questão que minha estadia em Livramento tenha se tornado mais doce, literalmente! Obrigado à Duda Lamberti, que serviu como uma grande parceira nestes anos de faculdade, sempre com teu chimarrão quase ritualístico do meio-dia, tua honestidade e riso fácil contagiam, obrigado por tudo minha amiga. Um agradecimento especial à

Camila Costa Lamberti, que foi minha companheira por quase toda minha jornada acadêmica, a gratidão que sinto por ti não cabe nestas poucas palavras, mas saiba que agradeço por cada momento que tivemos juntos, fostes uma fonte de inspiração e suporte indescritível, acadêmica e pessoalmente, em todos aspectos da minha vida, guardo todos os momentos com carinho na memória.

Nestes agradecimentos, com certeza alguém infelizmente ficou de fora, mas saibam, todos vocês que esbarraram por mim durante esta jornada que se acaba, cada um de vocês deixou um pedaço de si no meu coração, esta é a beleza da vida, momentos que nos lembraremos pra sempre, experiências novas e profundas, seja um bate papo em um intervalo, ou seja uma conexão mais profunda. Eu me sinto extremamente grato por tudo que vivi durante esses anos, mas principalmente, pelas pessoas que cruzaram meu caminho, afinal, a felicidade só é real quando compartilhada. Agora, cada um toma seu rumo, mas não esquecerei de nada, do impacto que vocês tiveram na minha vida, somos todos conectados por uma energia cósmica maior, vocês estarão pra sempre em meus pensamentos. Como diria o grande poeta Armandinho, a felicidade se encontra nas coisas mais simples da terra. Deixo aqui, o meu muito obrigado, gratidão, gratidão.

“Tomado de profunda piedade, deprimido, Arjuna disse: Tendo visto, ó Krishna, esta minha gente perfilada para a batalha, meus membros desfalecem, minha boca seca, há tremores em meu corpo e os pelos do meu corpo se eriçam”.

RESUMO

O presente trabalho analisa o impacto do nacionalismo nos destinos da Iugoslávia, principalmente através dos discursos oficiais proferidos por Tito e Milošević. O estudo busca investigar como cada líder instrumentalizou o nacionalismo em sua retórica. Partiu-se da questão central de que os discursos oficiais foram determinantes para os rumos da Iugoslávia, apresentando a hipótese de que Tito utilizou o discurso como ferramenta integradora, enfatizando uma identidade supranacional iugoslava capaz de suprimir rivalidades étnicas e promover estabilidade. Em contrapartida, sustenta-se que Milošević adotou uma retórica etnonacionalista voltada para a centralidade sérvia, que culminou nas guerras de dissolução da Iugoslávia nos anos 1990. O problema que norteia a pesquisa consiste em que os discursos oficiais dos líderes serviram como fatores determinantes nos rumos da Iugoslávia, influenciando a sua desintegração. Buscou-se realizar a investigação da formação histórica da região, fornecendo mais atenção ao período pós-Segunda Guerra Mundial em 1945, na ascensão de Tito, até o ano de 2000, que marca a queda de Milošević. O embasamento teórico utilizado foi o nacionalismo como teoria, a pesquisa explora principalmente contribuições de Hobsbawm, Kaldor e Gellner. Ademais, buscou-se comparar as ambições nacionalistas nos discursos de ambos os líderes, através da metodologia hipotético-dedutiva e uma abordagem qualitativa, com foco na ferramenta da Análise de Discursos (AD) aplicada a fontes primárias e secundárias. Os resultados obtidos ao final da pesquisa demonstram que, os discursos foram importantes para a coesão e desintegração da Iugoslávia, no entanto, não foram determinantes únicos no destino da Iugoslávia, mas sim, parte de um conjunto de políticas e ações que levaram à coesão de Tito e a fragmentação causada por Milošević. Ou seja, confirmou-se parcialmente a hipótese da pesquisa.

Palavras-Chave: Nacionalismo; Discurso; Etnia; Ideologia; Coesão.

ABSTRACT

The present study analyzes the impact of nationalism on the fate of Yugoslavia, mainly through the official speeches delivered by Tito and Milošević. The research seeks to investigate how each leader instrumentalized nationalism in their rhetoric. It is based on the central question that official speeches were decisive for the course of Yugoslavia, presenting the hypothesis that Tito used discourse as an integrating tool, emphasizing a supranational Yugoslav identity capable of suppressing ethnic rivalries and promoting stability. In contrast, it is argued that Milošević adopted an ethnonationalist rhetoric centered on Serbian primacy, which culminated in the Yugoslav wars of the 1990s. The research problem guiding this study is that the leaders' official speeches served as determining factors in the direction Yugoslavia took, influencing its disintegration. The study aimed to investigate the historical formation of the region, with greater attention to the post–World War II period in 1945, during Tito's rise, up to the year 2000, which marks Milošević's downfall. The theoretical framework employed was nationalism as a theory, and the research primarily explores the contributions of Hobsbawm, Kaldor, and Gellner. Furthermore, it sought to compare the nationalist ambitions in both leaders' speeches through a hypothetical-deductive methodology and a qualitative approach, focusing on the tool of Discourse Analysis (DA) applied to primary and secondary sources. The results obtained at the end of the study demonstrate that the speeches were important for both the cohesion and disintegration of Yugoslavia; however, they were not the sole determining factors in the country's fate, but rather part of a set of policies and actions that led to Tito's cohesion and Milošević's fragmentation. In other words, the research hypothesis was partially confirmed.

Keywords: Nationalism; Discourse; Ethnicity; Ideology; Cohesion.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Países que compõem a península Balcânica e seus mares.....	44
Figura 2 - Ondas migratórias para a Península Balcânica ao longo dos séculos.....	48
Figura 3 - Josip Broz Tito (à esquerda) com Moša Pijade em Foča (1942).....	67
Figura 4 - Capa da Revista Time com o rosto de Tito em 1946.....	71
Figura 5 - Idoso observa a Biblioteca Nacional da Bósnia-Herzegovina em chamas.....	87
Figura 6 - Representação da divisão política e territorial da Bósnia.....	90

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Diferenças entre primordialistas e modernistas.....	36
Tabela 2 - Religiosidade majoritária nas ex-repúblicas iugoslavas.....	54

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AD	Análise de Discurso
EUA	Estados Unidos da América
KFOR	Kosovo Force (Força do Kosovo)
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
ONU	Organização das Nações Unidas
UNMIK	United Nations Interim Administration Mission in Kosovo (Missão de Administração Interina das Nações Unidas no Kosovo)
UÇK	Ushtria Çlirimtare Kosovës (Exército de Libertação do Kosovo)
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	17
2. O NACIONALISMO COMO TEORIA.....	20
2.1 O embate teórico entre Modernistas e Primordialistas.....	34
2.3 Fundamentos da Análise de Discurso.....	38
3. A HISTÓRIA DA IUGOSLÁVIA: ORIGENS E MULTICULTURALISMO.....	43
3.1 A Era Grega e Romana.....	45
3.2 Os Bálcãs sob domínio Bizantino.....	47
3.3 O domínio Otomano e a Ascensão do Islamismo.....	52
3.4 A ascensão das Nações Balcânicas.....	57
3.5 Tito no poder: Irmandade e Fraternidade.....	68
3.6 Início da Desintegração: Ascensão de Milošević.....	79
4. ANÁLISE DE DISCURSOS DOS LÍDERES DA IUGOSLÁVIA.....	94
4.1 “O Nacionalismo é o maior perigo para o nosso país”: Discursos de Tito e o combate à fragmentação.....	96
4.2 “Nunca permitiremos que alguém nos espanque novamente”: Discursos de Milošević e a reconstrução da Identidade Nacional Sérvia.....	102
4.3 Comparação dos discursos e a identificação do Nacionalismo.....	112
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	118
REFERÊNCIAS.....	124

1. INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso dedica-se a investigar o nacionalismo como fenômeno político dual, ao passo que é capaz de consolidar identidades coletivas, e simultaneamente dissolvê-las, a partir do estudo da trajetória da Iugoslávia entre 1945 e 2000. A análise concentra-se nos governos de Josip Broz Tito e Slobodan Milošević, ambas lideranças simbolizam dois momentos decisivos da história iugoslava, pois de um lado, o período do Marechal é marcado pela coesão e integração supranacional construído no pós-Segunda Guerra Mundial. Em contrapartida, o período do início de 1990 foi marcado pela fragmentação étnica e revanchismo de hostilidades históricas, enquanto Milošević estava no poder na Sérvia. A Iugoslávia desde sua origem em 1918 como Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos, até sua desintegração constitui um caso singular para compreender como discursos políticos e narrativas nacionalistas são mobilizados, instrumentalizados e reinterpretados ao longo do tempo, moldando o destino de Estados complexos e plurais.

Partindo dessa realidade, a pesquisa delimita-se ao estudo da forma como Tito e Milošević utilizaram de discursos oficiais como ferramenta política, buscando compreender se suas enunciações contribuíram efetivamente para fortalecer, transformar ou corroer a identidade coletiva iugoslava. Desta maneira, formula-se a pergunta central: os discursos oficiais de Tito e Milošević moldaram e reforçaram as posições nacionalistas pró-Iugoslávia e pró-Sérvia, respectivamente, portanto tal prática discursiva influenciou determinantemente os destinos do Estado iugoslavo? A presente hipótese baseia-se que sob Tito, o discurso teve um caráter integrador, que apostava na implementação de um pertencimento supranacional com marcador ideológico do socialismo como pauta de unificação das populações culturalmente distintas, enquanto Milošević mobilizou um nacionalismo de viés etnicista, baseado em mitos históricos sérvios, no ressurgimento de ressentimentos identitários e na retórica das diferenças como fundamento de um projeto político excludente. Assim, o discurso atuou como mecanismo de poder com impactos diretos no comportamento coletivo e na projeção do nacionalismo, o que levou a Iugoslávia a dissolver-se.

O trabalho divide-se em três capítulos, o primeiro trata da teoria do nacionalismo, em que investiga-se sua importância no estudo do caso iugoslavo, além de evidenciar o embate teórico entre primordialistas e modernistas. Ao final do

capítulo, a teoria da Análise de Discurso é apresentada pois serve como ferramenta metodológica para análise dos discursos de Tito e Milošević. O segundo capítulo consiste na investigação histórica da região dos Bálcãs, desde os tempos de Filipe II da Macedônia até Milošević, com o intuito de demonstrar as causas da região ser uma “encruzilhada” entre diferentes religiões, culturas e etnias, tal estudo permite o entendimento de que graças às dominações estrangeiras ao longo dos séculos, a região carece de experiências independentes, experiências estas que quando ocorreram durante a história, na modernidade foram resgatadas como elementos nacionalista. Já no último capítulo encontram-se os discursos oficiais de ambos os líderes e sua análise através das teorizações do nacionalismo e da AD, em função de compreender seu impacto nos rumos da Iugoslávia.

A justificativa para esta pesquisa paira sobre a necessidade contemporânea de compreender o papel do discurso e do nacionalismo como fatores de mobilização política em contextos de pluralidade étnica, pois atualmente percebe-se um aumento considerável dos discursos de ódio contra minorias. A dissolução violenta da Iugoslávia ocorreu num momento em que o mundo após o fim da Guerra Fria vivia um momento de grande otimismo. Entende-se que ao expor a história da Iugoslávia, busca-se compreender as causas que levaram um Estado a desintegrar-se, para que tal catástrofe marcada por guerras sangrentas não repita-se nos dias atuais, e que a memória coletiva lembre-se da Iugoslávia. Nesse sentido, compreender como Tito e Milošević estruturaram suas narrativas torna-se fundamental para analisar a forma como o nacionalismo opera como ferramenta de coesão e de conflito, especialmente num cenário global contemporâneo que também vivencia a ascensão da extrema-direita, o aumento da intolerância contra imigrantes e os crescentes discursos de ódio baseados na etnia.

A escolha do recorte temporal, que abrange o período de Tito (1945–1980) e o de Milošević (1989–2000), deve-se ao fato de que essas duas lideranças representam fases opostas, mas complementares, do nacionalismo iugoslavo. Ademais, a pesquisa realiza um resgate histórico da região, até chegar em Tito, justamente para compreender as dinâmicas interétnicas. O Marechal consolidou um Estado que mesmo com as diferenças étnicas, culturais e religiosas, alcançou níveis de estabilidade superiores aos de muitos países europeus da época, em grande parte devido à construção discursiva de uma identidade supranacional que se sobrepunha aos nacionalismos particulares. Já Milošević operou no sentido inverso,

ao apropriar-se de símbolos, narrativas e memórias da história sérvia para fomentar um projeto de poder da “Grande Sérvia”.

O embasamento teórico que sustenta esta pesquisa apoia-se principalmente nas contribuições de Hobsbawm (2022), Ernest Gellner (1983) e Mary Kaldor (2012) que debatem o conceito de nacionalismo. Hobsbawm (2022) argumenta que as elites no comando do Estados frequentemente inventam tradições e moldam identidades de maneira consciente para fins de coesão e controle político, geralmente vindo de “cima para baixo”. Gellner (1983), defende que o nacionalismo antecede a nação, criando-a artificialmente de acordo com necessidades políticas e econômicas, além de enxergar o conceito como um processo inevitavelmente dado no contexto das Revoluções Industriais.

Ao passo em que Guimarães (2008) contribui ao enfatizar a ideia de que a nação é produto de construção político-ideológica reforçada pela ação estatal, articulada para gerar coesão e legitimação. O debate entre primordialistas e modernistas também é abordado pelo presente estudo, enquanto os primeiros consideram as nações como entidades históricas contínuas, com raízes desde a pré-história entre as nações, focando na questão sanguínea, os modernistas afirmam que são criações modernas, forjadas por elites principalmente do contexto pós-Revolução Industrial. No caso iugoslavo, ambas as abordagens dialogam, uma vez que Tito se apropriou de elementos modernistas para construir a unidade iugoslava, ao passo que Milošević utilizou de elementos primordialistas para legitimar as divisões.

Paralelamente, os estudos de Mary Kaldor (2012) acerca das “novas guerras” fornecem uma interpretação plausível aos acontecimentos das guerras iugoslavas dos anos 1990. A autora demonstra que os discursos nacionalistas e identitários podem ser apropriados por elites políticas para obter apoio, legitimar violência e reforçar fronteiras simbólicas. A limpeza étnica na Bósnia, os estupros sistemáticos, os processos de homogeneização territorial e a manipulação de identidades religiosas e históricas evidenciam como o discurso opera como ferramenta política. Ademais, a construção de mitos fundadores reforça a capacidade do discurso de produzir mobilização emocional, legitimar lideranças e criar uma sensação de comunidade nacional que é frequentemente inventada ou reinterpretada (Miguel, 1998).

A metodologia adotada é qualitativa, com uso do método hipotético-dedutivo e

aplicação da Análise de Discurso (AD) como ferramenta central. A AD permite identificar como linguagem, ideologia e contexto histórico se entrelaçam para construir fins políticos. A pesquisa utiliza fontes primárias, entre discursos oficiais de Tito e Milošević, e fontes secundárias, como livros, artigos acadêmicos e análises históricas, além de vídeos na plataforma do YouTube. A perspectiva metodológica foca-se em compreender o modo pelo qual enunciados, escolhas de palavras, símbolos e referências históricas presentes nos discursos dos líderes atuaram na formação de identidades coletivas. A análise histórica complementa tal abordagem ao situar os discursos no contexto político dado de cada período, o que permite compreender não apenas o que foi dito, mas por que foi dito e como repercutiu na realidade sociopolítica da Iugoslávia.

Dessa forma, o objetivo geral é analisar o impacto do nacionalismo na coesão e na queda da Iugoslávia, partindo de três objetivos específicos: (1) investigar a formação histórica e cultural da região, que situa a pesquisa para compreensão das dinâmicas sociais do recorte temporal analisado, pois para compreender muitas das peculiaridades étnicas, a investigação histórica mostra-se essencial; (2) comparar as ambições nacionalistas presentes nas falas de Tito e de Milošević, identificando convergências, rupturas e estratégias retóricas; e (3) examinar o papel da retórica na eclosão das tensões étnicas que levaram à desintegração da Iugoslávia. A pesquisa busca contribuir para o campo das Relações Internacionais ao demonstrar que o discurso político é condicionado por diversas nuances, dado os contextos históricos que está situado, além de produzir a realidade que está inserido, podendo consolidar Estados ou precipitar sua destruição, como o caso iugoslavo revela. Ademais, o nacionalismo serve como objeto de análise de grande valor para a academia de Relações Internacionais, o presente trabalho busca investigá-lo e expor sua riqueza teórica.

2. O NACIONALISMO COMO TEORIA

É imprescindível compreender o nacionalismo como não apenas um conceito a ser explicado, mas sim sendo uma teorização embasada por um vasto conjunto de estudos e explicações, sem haver um único significado universalmente aceito. Para compreender a dinâmica dos Bálcãs, é preciso traçar tal análise sobre o nacionalismo, tendo em vista a multietnicidade presente na região. Teóricos que

estudam o nacionalismo como Ernest Gellner, em sua obra “Nations and Nationalism” (1983) e Hobsbawm, na obra “Nações e Nacionalismo desde 1780” (2022), auxiliam no atual trabalho, pois fornecem uma base teórica para esse conceito que é tão heterogêneo. O presente capítulo analisa as ideias dos dois teóricos acima citados e também de Mary Kaldor e sua teorização sobre “Novas e Velhas Guerras”, além de evidenciar o embate acadêmico de teóricos que estudam o nacionalismo, chamados Modernistas e Primordialistas, e por fim, o instrumento de análise de discurso (AD).

Primeiramente, para ilustrar o conceito geral de “nação” nas palavras de Samuel Pinheiro Guimarães:

É uma comunidade de indivíduos vinculados social e economicamente, que compartilham certo território, que reconhecem a existência de um passado comum, ainda que diverjam sobre aspectos desse passado; que têm uma visão de futuro em comum; e que acreditam que esse futuro será melhor se se mantiverem unidos do que se separarem, ainda que alguns aspirem modificar a organização social da nação e seu sistema político, o Estado (Guimarães, S. P. 2008, p.145).

Guimarães demonstra de maneira clara percepção do que é uma nação na percepção moderna, o autor ainda defende a mesma ideia de Hobsbawm no tocante de que o Estado cria a nação posteriormente como uma “construção ideológica” e que isso permite o maior controle de uma sociedade, assim como sua coesão (Guimarães, 2008). A origem da palavra “nação” vem do latim *Natio*, que sugere a ideia de territorialidade e laços de sangue em comum. Foi nesse sentido que o termo foi empregado por muito tempo, para definir de onde o indivíduo vinha, muito antes do moderno Estado formal (Nascimento, 2003).

Além disso, a atual pesquisa reconhece a importância dos mitos fundadores na formação da consciência nacional, o que auxilia na mobilização do povo em prol de um pertencimento à sua nação. Entende-se a importância da construção de elementos aglutinadores, como é o caso do mito, que está vinculado de maneira intrínseca à propaganda comercial, a qual ampara a retórica de determinado líder junto com seu discurso mobilizador, pois não há discurso tão onipresente quanto as mensagens publicitárias que ajudam a moldar a mentalidade coletiva (Miguel, 1998). Geralmente, o mito fundador de um Estado é fruto de uma criação social dos líderes para personificar a glória passada, elevando até mesmo a um nível sobrenatural e dotado de valor e prestígio dos tempos iniciais (Miguel, 1998).

Recomenda-se tomar nota de que, para os autores analisados, o sentimento nacional nasce a partir da Revolução Francesa e das Guerras Napoleônicas ao final do século XVIII e início do século XIX, seja pela aceitação das ideias francesas ou sua rejeição, o que percebe-se como períodos de mudanças sociais influenciam na ascensão de movimentos nacionalistas e reforçam o agrupamento populacional em prol de uma ameaça externa (Lopes, 2018). Ressalta-se também o papel dos ideais iluministas de fraternidade, razão e liberdade que influenciaram os movimentos nacionais do fim do século XIX, pois o nacionalismo moderno se baseia na soberania popular/nacional, com o Estado nacional sendo soberano e a representação dos cidadãos (Silva, 2022). De acordo com Ernest Gellner (1983) e Scandolara (2019), o nacionalismo é primordialmente um princípio político, criado artificialmente pelo Estado e que garante a união do mesmo, surgido na modernidade em conjunto com as mudanças que a Revolução Industrial trouxe para a dinâmica política mundial, além de espalhar-se de “cima para baixo” no estrato social.

É interessante diferenciar Estado de Nação, pois há uma confusão epistemológica entre ambos os termos desde a Revolução Francesa, em que estas expressões se tornaram quase como sinônimos, visto que a difusão da noção que o povo era a fonte de todo poder político tornou-o a representação do Estado por si só (Nascimento, 2003). A própria disciplina das Relações Internacionais estuda preferencialmente os Estados, pois são estes os dotados de realizar a política externa e possuem o caráter weberiano baseado no monopólio legítimo do uso da força física dentro de um determinado território. Esse monopólio, para ser considerado legítimo, deve ser reconhecido como tal pela população, o que demanda um tipo de dominação aceita socialmente. No entanto, a convergência entre Estado e nação, nem sempre se verifica na prática já que a maioria dos Estados é composta por múltiplos grupos étnicos, culturais ou linguísticos (Nascimento, 2003).

Todavia, Gellner (1983) afirma que sua explicação para nacionalismo depende do esclarecimento de outros dois conceitos também indefinidos: Estado e Nação. Tendo em vista que o Estado, com sua centralidade político/burocrática, possibilitou a integração de territórios inclusive heterogêneos cultural e linguisticamente, muito através da educação formal e dos intelectuais da elite. Gellner (1983) ainda

reconhece que a definição de Estado proposta por Weber¹ pode cair em contradição pois demonstra-se etnocêntrica, o que pode não se aplicar para todas as sociedades, tendo em vista que pressupõe um modelo ocidental e homogêneo etnicamente, o que não se constata na maioria dos Estados modernos.

Para haver o Estado, é indispensável a existência da divisão social do trabalho, além disso, para a garantia de sua coesão, o Estado cria elementos aglutinadores que fazem a população sob seu véu institucional, quanto mais palpável e visível estes elementos “patrióticos” demonstram-se, maior a probabilidade do nacionalismo ser implementado. Há um embate em relação ao florescimento do nacionalismo, pois para Hobsbawm (2022), o nacionalismo é uma construção moderna, histórica e política, inventado pelas elites com o foco de consolidar seus poderes, enquanto que para Gellner, o nacionalismo se mostra como um fenômeno inevitável que eclodiu após a Revolução Industrial, tal qual foi a implementação do Estado após a sedentarização² (Gellner, 1983).

Nota-se que a sociedade europeia agro-letrada (pré-industrial) possuía uma distinção hierárquica forte entre duas formas de cultura, a “inferior” e “superior”, constata-se que não havia uma cultura ampla que abrangesse a sociedade europeia pré-industrial, mas sim uma divisão entre dois blocos culturais diferentes. A “superior” dominava o ensino formal, a escrita e a língua falada, no outro lado, a “inferior” não era amparada pela alfabetização, era a cultura do “dia a dia”, espalhada hereditariamente e oralmente (Scandolara, 2019).

A própria língua falada entre as elites era diferente da falada pelos camponeses, o que demonstra a falta de coesão entre uma base e a outra, fato esse que fez o nacionalismo se tornar uma ferramenta de dominação direta no qual as elites poderiam exercer sob os camponeses, ao exemplo de implementar a língua que estas elites queriam, os camponeses teriam que adaptar-se. Foi apenas no moderno Estado-nação que o “localismo segmentado” se dissipou de maneira irreversível, as pessoas não mais identificavam-se apenas com suas sociedades

¹ Weber define o Estado como uma associação política, que reivindica o monopólio do uso da força em determinado território, com sustentação de um aparato administrativo para manter a ordem. Tal definição de Weber se baseia na experiência histórica europeia (Weber *apud* Bianchi, 2018, p. 92).

² O autor descreve que a humanidade passou por três grandes fases: pré-agrária; agrária; industrial. Ainda afirma que durante a sedentarização, o acontecimento do “fenômeno do Estado” foi inevitável, no entanto, sua configuração variava bruscamente de sociedade para sociedade, todavia, Gellner demonstra que durante tal período havia ao menos a opção de adotar tal institucionalidade, opção esta que não existia na era de caçadores-coletores (Gellner, 1983).

feudais e patrimoniais, mas sim com a instituição centralizadora do Estado (Mouzelis, 2007).

Deve-se tomar nota que é muito difícil encontrar um Estado moderno que seja culturalmente homogêneo, as nações detêm uma pluralidade cultural sob si, a lógica do “dividir para dominar” é mais atrativa, pois pouco importa a cultura do povo, mas sim seus impostos (Scandolara, 2019). De acordo com Gellner (1983), a ideia de pertencer a uma nação não é um atributo inerente à humanidade, mas da modernidade quando começou a ser percebido como tal. A relação que o nacionalismo desempenha entre Nação e Estado se manifesta de maneira clara com a explicação de Gellner (1983, p. 6, tradução nossa),

Na verdade, as nações, assim como os estados, são uma contingência, e não uma necessidade universal. Nem nações nem estados existem em todos os tempos e em todas as circunstâncias. Além disso, nações e estados não têm a mesma contingência. O nacionalismo sustenta que eles foram destinados um ao outro; que um sem o outro é incompleto e constitui uma tragédia. No entanto, para que pudessem se tornar destinados um ao outro, cada um deles precisou emergir, e essa emergência foi independente e contingente. O estado certamente surgiu sem a ajuda da nação. Algumas nações certamente surgiram sem as bênçãos de seu próprio estado. É mais debatível se a ideia normativa de nação, em seu sentido moderno, não pressupõe a existência prévia do estado (Gellner, 1983, p. 6, tradução nossa)³

Percebe-se que Gellner identifica o nacionalismo não como algo natural, mas sim um sentimento interligado à Nação e ao Estado, pois não está presente na psique humana de maneira normal. Além de ser um fenômeno recente, o Nacionalismo é conceituado por Gellner (1983) como uma organização de grupos humanos em unidades grandes, centralmente educadas e culturalmente homogêneas, e apenas uma dessas formas, ainda é uma forma muito rara.

Por outro lado, a visão de Hobsbawm (2022) à primeira vista em relação ao termo “nação” é de notável mutabilidade, pois o mesmo afirma que o conceito se manifesta de forma objetiva e subjetiva, o autor busca esquivar-se do reducionismo teórico dos critérios objetivos e ambíguos identificados como língua, etnicidade ou passado comum, o autor discorre acerca da importância de cada um destes âmbitos.

³ In fact, nations, like states, are a contingency, and not a universal necessity. Neither nations nor states exist at all times and in all circumstances. Moreover, nations and states are not the same contingency. Nationalism holds that they were destined for each other; that either without the other is incomplete, and constitutes a tragedy. But before they could become intended for each other, each of them had to emerge, and their emergence was independent and contingent. The state has certainly emerged without the help of the nation. Some nations have certainly emerged without the blessings of their own state. It is more debatable whether the normative idea of the nation, in its modern sense, did not presuppose the prior existence of the state (Gellner, 1983, p. 6).

Desta maneira, o autor ainda reforça que a definição subjetiva também pode ser enganosa, pois basta uma pessoa se identificar com certo grupo ou nação mesmo não partilhando laços religiosos, linguísticos, culturais ou parentesco de determinado local.

Apesar do autor não utilizar uma definição clara sobre o conceito de nação, o mesmo parte da hipótese inicial de que a nação se constitui em torno de qualquer corpo de pessoas suficientemente grande cujos membros consideram-se como membros de uma “nação”, e que o ponto central na construção desta é a língua (Hobsbawm, 2022, p. 17). Ademais, o autor afirma que a nação só pode ser percebido como tal *a posteriori*, o que pode ser constatado ao final do século XIX conforme ocorriam mudanças sociais, históricas e o florescimento da elite que possuía a consciência de que para dominar.

É preciso criar instrumentos aglutinadores que façam com que as pessoas que vivem em determinado território delimitado por fronteiras, se identifiquem em torno de aspectos comuns. Todavia, a implementação do sentimento nacionalista apesar de ter sido plantado pelas altas camadas, seria um erro afirmar que foram puramente os aristocratas que lograram tal adesão, pois em certo momento, se tornaram reféns do que haviam proposto, com as classes médias e baixas ganhando um forte sentimento de patriotismo e peso político.

Hobsbawm fornece um olhar histórico acerca do nacionalismo, pois atualmente é um termo conhecido e natural no imaginário da sociedade, todavia, o autor cunha o termo de “protonação”⁴ para elucidar comunidades espalhadas pelo globo, que podem mobilizar certas variantes de sentimento de pertencimento coletivo, eventualmente podendo operar em uma escala macro-política, os modernos Estados-nação (Hobsbawm, 2022). Durante sua teorização, Hobsbawm reforça que definir o conceito de “protonacionalismo” é de extrema dificuldade, pois seria necessário descobrir os sentimentos de pertencimento de grande parte do mundo que até o início do século XX era analfabeto, ou seja, seus pensamentos não estão registrados, ao contrário da elite alfabetizada. Os camponeses analfabetos possivelmente não viam como um problema a ser resolvido o não-entendimento das línguas de outros povos, mas seus senhores o viam como tal, para organizá-los de

⁴ Em primeiro lugar, existem os laços supralocais de identificação, que vão além daqueles circunscritos nos espaços reais. Em segundo lugar, há os laços e vocabulários políticos de grupos mais ligados ao Estado, capazes de ligar a uma eventual generalização. Todavia, nenhuma das duas definições servem como a nação moderna como hoje se conhece (Hobsbawm, 2022, p. 70).

acordo com seus interesses. Contudo, a questão que surge é se tais barreiras linguísticas poderiam impedir uma dominação da sociedade analfabeta (Hobsbawm, 2022).

Houve uma ruptura com a sociedade tradicional quando a burguesia industrial alastrou-se pela Europa acerca do sentimento de pertencimento sobre determinado território, que se deu ao longo do século XIX, graças às mudanças sociais e econômicas as estruturas políticas previamente conhecidas aos poucos cederam para dar lugar à sociedade moderna, e consigo, o nacionalismo (Silva, 2022). A partir de sua obra *Nações e nacionalismo desde 1780*, Hobsbawm auxilia a percepção dos fatores que são ferramentas para o desenvolvimento do nacionalismo, como a língua, etnia, história e religião, no entanto, não são determinantes. Apesar de muitos movimentos nacionalistas do final do século XIX e início do século XX reivindicarem uma unidade étnica, isto não se configura principalmente em territórios que possuem multietnicidade, como é o caso do Leste Europeu e da própria Iugoslávia (Silva, 2022).

A nação é construída utilizando o seu passado, a justificativa para uma rivalidade entre nações são seus passados em conflito. Todavia, outro fator essencial na formação da nação, é esquecer a história ou até mesmo interpretá-la de acordo com seus interesses (Hobsbawm, 1992). Em outras palavras, “nação” é um agrupamento voluntário de pessoas culturalmente não-definidas, faz se entender mais como uma escolha do que automático, a nação é um plebiscito diário, já o nacionalismo é a manifestação do sentimento desta escolha (Brubaker, 2017). Na sociedade atual, pós-industrial, percebe-se o evidenciamento do nacionalismo como ferramenta anti-imigratória, no entanto, este exemplo aplica-se em países com maioria étnica homogênea, e não para países em que a diversidade é maior (Bieber, 2018).

O idioma agraciado pela máquina estatal provém da “nação” dominante, o que exemplifica seu status oficial privilegiado, surgido após a generalização da educação primária. Hobsbawm constata que o florescimento da nação e do nacionalismo se dá quando a sociedade está em crise, ao exemplo do Império Russo, Austro-Húngaro e Otomano ao final da Primeira Guerra Mundial, neste contexto, inúmeros Estados-nação surgiram e se agruparam de acordo com a etnia, religião e linguagem em comum (Hobsbawm, 1992).

Nas palavras de Hobsbawm, o nacionalismo é um programa político, o mesmo sustenta que grupos definidos por “nação” têm o direito de formar um Estado territorial, tal programa político implica no controle soberano sobre uma extensão contínua de território, com fronteiras claramente definidas, habitadas por uma população “homogênea”⁵ (Hobsbawm, 1992). O nacionalismo provém uma fonte de legitimação da dominação, seja contra elementos externos quanto internos, pois supervaloriza um grupo de indivíduos identificados com elementos comuns construídos pelas elites e pela própria cultura (Bieber, 2018). Ademais, Hobsbawm dialoga novamente com Gellner sobre a importância do nacionalismo para a centralização estatal, pois é um princípio que sustenta a unidade política e nacional, ou seja, se aplica à organização política que abrange e representa a nação, superando todas outras obrigações públicas (Hobsbawm, 2022).

Ademais, o autor afirma que muitos poucos movimentos nacionalistas modernos são realmente baseados na consciência étnica, porém, assim que se formam costumam inventar uma, através da utilização do racismo e da misoginia como ferramentas a separar o “nós” e “eles”. Ainda em sua obra, o autor resgata a importância da religião na formação das nacionalidades, ao exemplo do catolicismo romano (e seu subproduto, a escrita latina) e o catolicismo ortodoxo (e seu subproduto, a escrita cirílica), que serviu para separar os croatas dos sérvios, que até então partilhavam de uma única cultura e língua (Hobsbawm, 2022). Deve-se mencionar o termo “Chauvinismo Nacional”, que consiste em uma crença que beira o irracional acerca da devoção pela própria nacionalidade, combina-se com o desprezo por outras nações, a xenofobia e o racismo (Hobsbawm, 2022).

Assim como Gellner, Hobsbawm percebe que a nação provém do nacionalismo, tendo em vista que as nações são pensadas de acordo com o sentimento comum, todavia, vale ressaltar que há uma diferença entre a visão dos autores no que diz respeito ao objeto de análise, pois para Gellner as nações são construídas do alto para baixo, Hobsbawm opta por colocar a nação pensada não por governantes, mas por pessoas comuns (Lopes, 2018). Na medida em que os meios de comunicação e a educação formal tomava conta das sociedades europeias ao fim do século XIX e o aumento do contingente de pessoas elevadas ao grau de cidadãos, os Estados necessitaram se auto-legitimar para seus não mais súditos, e

⁵ O próprio autor afirma que tal ideia é irrealista e foi abandonada há algum tempo pelos estudiosos.

sim cidadãos, ao passo em que deveriam criar e moldar suas lealdades e identificações.

Em certo ponto, as tensões internacionais que preconizavam os conflitos mundiais do início do século XX, urgia a necessidade de mobilizar a massa populacional contra os inimigos, neste contexto, o nacionalismo serviu como estratégia unificadora determinante para a maioria dos Estados envolvidos nos conflitos (Silva, 2022). Ademais, o autor ainda destaca que existem três estágios históricos dos movimentos nacionais europeus, são eles: o estágio A, ocorrido ao longo do século XIX e foi puramente folclórico, literário e cultural, não teve impactos políticos ou nacionais efetivos; o estágio B, quando há um corpo de pioneiros militantes da “ideia nacional” e o começo das campanhas políticas para implementar tal ideia; o estágio C, quando programas nacionalistas adquirem suporte das massas, e o sentimento nacionalista se espalha de maneira sem precedentes (Hobsbawm, 2022).

Após a utopia das ideias iluministas que nortearam os primeiros movimentos nacionalistas da Europa, Hobsbawm traça um paralelo com a ascensão do ultranacionalismo nazi-fascista⁶ na Itália e Alemanha, pois este último serviu como outro tipo de utopia, como uma esperança em meio à inabilidade de outras ideologias, projetos e programas políticos, o nacionalismo mobilizou a população contra ameaças externas, o que reforçou o patriotismo dos Estados, através também da valorização dos soldados comuns, tal sentimento nacionalista alastrou-se naturalmente (Hobsbawm, 2022).

Por outro lado, Mary Kaldor (2012) inicialmente traz os conceitos de “Novas e Velhas Guerras”, que leva o título de sua obra “New and Old Wars: Organized Violence in a Global Era”, a autora busca traçar novas interpretações aos conflitos armados que eclodiram principalmente após o fim da Guerra Fria, incluindo os conflitos de dissolução da Iugoslávia. Para Kaldor, o conceito de Velha Guerra que os estadistas e líderes militares definem é fruto de um fenômeno específico que remonta o século XV ao XVIII na Europa. É um fenômeno que está intimamente ligado com a modernização do aparato estatal e se baseia nas guerras interestatais

⁶ O nazi-fascismo foi um produto histórico, causado por processos atípicos como a tardia unificação e desenvolvimento econômico tanto da Itália, quanto da Alemanha. Foi um produto da crise moral da sociedade europeia no início do século XX, ou seja, desenvolveu-se através do contexto de dada época. Ademais, o fascismo caracteriza-se pelo antiliberalismo, anticomunismo e o nacionalismo exacerbado, as mesmas características surgem no nazismo, além do antisemitismo e da eugenia (Vianna, 2018, p. 86).

clássicas, com exércitos regulares e com o objetivo da conquista político-territorial (Kaldor, 2012).

A guerra é uma atividade social, pois envolve a presença de homens (majoritariamente) com o intuito de infligir violência física ao seu adversário para conquistar suas ambições. A autora argumenta que a noção de guerra como atividade estatal se deu ao final do século XIX, até então o último exemplo de exército institucionalizado havia sido a Roma antiga. A guerra era travada por atores localizados da Europa, senhores feudais, igrejas, tribos bárbaras, cidades-estado, cada uma destas com configurações operacionais próprias. Ademais, o serviço de defesa muitas vezes dependia de mercenários, todavia, a sua lealdade era instável, seu papel diminuiu no cenário europeu após as monarquias terem organizado um exército imutável, que permanecia em atividade mesmo em tempos de paz, isto permitiu a criação de forças militares especializadas e conseqüentemente, forneceu ao Estado o monopólio legítimo da força (Kaldor, 2012). Durante sua obra, Kaldor dialoga frequentemente com Clausewitz para auxiliar sua análise acerca da guerra e os motivos que levam a população a se voluntariar para a guerra:

Nenhum cálculo utilitarista individualista pode justificar o risco de morte. A principal razão pela qual os exércitos mercenários eram tão insatisfatórios é que o incentivo econômico é, por sua natureza, inadequado como motivação para a guerra. O mesmo vale para o “interesse do Estado” – um conceito que deriva da mesma escola de pensamento positivista que deu origem à economia moderna. Os homens vão à guerra por uma variedade de razões individuais – aventura, honra, medo, camaradagem, proteção do “lar e da família” – mas a violência legítima organizada socialmente exige um objetivo comum no qual o soldado individual possa acreditar e que compartilhe com os demais. Se os soldados devem ser tratados como heróis e não como criminosos, então é necessária uma justificativa heroica para mobilizar suas energias, persuadi-los a matar e a arriscar serem mortos. (Kaldor, 2012, p. 28)⁷.

Percebe-se que as motivações para lutar modificaram-se através da história, a modernização da comunicação e a institucionalização do Estado desempenham papéis importantes na mobilização populacional em prol de determinada bandeira,

⁷ No individualistic utilitarian calculation can justify risking death. The main reason why mercenary armies were so unsatisfactory is that economic incentive is, of its nature, inadequate as a motivation for warfare. The same is true of ‘state interest’ – a concept that derives from the same school of positivistic thinking that gave rise to modern economics. Men go to war for a variety of individual reasons – adventure, honour, fear, comradeship, protection of ‘home and hearth’ – but socially organised legitimate violence needs a common goal in which the individual soldier can believe and which he shares with others. If soldiers are to be treated as heroes and not as criminals, then heroic justification is needed to mobilize their energies, to persuade them to kill and risk being killed (Kaldor, 2012, p. 28).

assim como o próprio nacionalismo. O apogeu do termo “Velha Guerra” se deu nas guerras mundiais da primeira metade do século XX, com toda a sociedade sendo mobilizada em torno dos conflitos e a destruição chegando a níveis extremos, com o uso de armas industriais e posteriormente, armas nucleares. A era das guerras mundiais ainda antecipou uma característica que se constatou nas Novas Guerras, o rompimento da distinção entre civis e combatentes, entre interno e externo (Kaldor, 2012).

O conceito de “Novas Guerras” de Kaldor busca traçar uma nova interpretação a respeito das guerras que se deram após o fim da Guerra Fria, em que novos atores encontram-se envolvidos nos conflitos. A autora argumenta que o fim do conflito ideológico entre EUA e URSS causou a eclosão de inúmeros conflitos espalhados pela África, Ásia Central e Balcãs, o que se mostrou incongruente com o otimismo que tomou forma no Ocidente, pois esperava-se que as organizações internacionais regulassem o sistema internacional (Kaldor, 2000). Ademais, Kaldor identifica que atualmente, as “Velhas Guerras” definidas também como “Guerras Clausewitzianas”⁸ pela autora, são muito custosas para todos os Estados envolvidos, devido ao progresso das instituições internacionais regulatórias as Novas Guerras tendem a desmembrar e fragilizar o próprio aparato estatal (Kaldor, 2021).

As Novas Guerras manifestam-se em Estados com deficiências estruturais, principalmente financeiras, pois a falha destas sociedades em fornecer as necessidades básicas para sua população causa o aumento da informalização da economia, certas vezes por meios ilegais. Tal enfraquecimento e fragilização estatal fornece um vácuo de poder, que é preenchido por redes clientelistas, com a economia formal em decadência, as redes (que geralmente são baseadas na etnia) passam a excluir outros setores da sociedade, priorizando os seus próprios interesses, o que gera um aumento de tensões entre os envolvidos (Kaldor, 2000). As Novas Guerras surgem no contexto de crescente globalização e ascensão do neoliberalismo, a lógica deste novo formato de guerra se baseia não mais na conquista militar clássica territorial, mas sim na desintegração e desestabilização do

⁸ Por guerra clausewitziana, a autora refere-se à guerra entre duas unidades políticas, geralmente organizadas como Estados, envolvendo forças militares regulares, e na qual o encontro decisivo é a batalha. Ademais, são as guerras que demandam o domínio sobre determinado território, em que ambos os lados buscam a vitória, através de três principais pontos: interesses, ideias e emoções (Kaldor, 2021).

Estado. Kaldor a caracteriza como a combinação de atores estatais e não-estatais, marcada pela mistura entre violação dos direitos humanos e crimes cometidos contra os civis, é movida geralmente por diferenças étnico-religiosas (Kaldor, 2012).

O objetivo das Velhas Guerras eram geopolíticos ou ideológicos, em contraste, as Novas Guerras se baseiam na política de identidade, que se define como a reivindicação ao poder justificada através de uma determinada identidade, seja nacional, religiosa ou linguística (Kaldor, 2012). De acordo com Kaldor, essas identidades são construídas de maneira artificial, baseada em narrativas que separam e excluem, traça-se um paralelo entre o pensamento de nacionalismo de Hobsbawm e Gellner com tal definição de Kaldor, os autores dialogam no sentido de que os meios de comunicação servem como ferramentas de mobilização das massas, em prol de um determinado nacionalismo que exclui outros. A lógica das Novas Guerras é influenciada por políticas extremistas baseadas no medo e ódio, transfigurado em meios como: limpeza étnica, massacres, ataque à civis e destruição de símbolos religiosos. A autora explica o conceito de política de identidade:

A política de identidade tende a ser fragmentadora, voltada para o passado e excludente. Agrupamentos políticos baseados em identidades exclusivas tendem a ser movimentos de nostalgia, baseados na reconstrução de um passado heroico, na memória de injustiças — reais ou imaginadas — e de batalhas famosas, vencidas ou perdidas. Eles adquirem significado por meio da insegurança, do medo reacendido de inimigos históricos ou de um sentimento de ameaça por parte daqueles com rótulos diferentes. Os rótulos podem sempre ser divididos e subdivididos. Não existe pureza ou homogeneidade cultural. Toda política baseada em identidade exclusiva necessariamente gera uma minoria. Na melhor das hipóteses, a política de identidade envolve discriminação psicológica contra os rotulados de forma diferente. Na pior, leva à expulsão populacional e ao genocídio (Kaldor, 2012, p. 80-81)⁹.

Entende-se que os Estados que vivenciaram as chamadas Novas Guerras na era pós-Guerra Fria enfrentavam questões em comum, como a existência de líderes autoritários enfraquecidos pela abertura de seus mercados para o mundo, ademais,

⁹ Identity politics tends to be fragmentative, backward-looking and exclusive. Political groupings based on exclusive identity tend to be movements of nostalgia, based on the reconstruction of an heroic past, the memory of injustices, real or imagined, and of famous battles, won or lost. They acquire meaning through insecurity, through rekindled fear of historic enemies, or through a sense of being threatened by those with different labels. Labels can always be divided and subdivided. There is no such thing as cultural purity or homogeneity. Every exclusive identity-based polity necessarily generates a minority. At best, identity politics involves psychological discrimination against those labelled differently. At worst, it leads to population expulsion and genocide.

apesar deste período ter garantido avanços em relação às instituições internacionais e a globalização, muitos Estados economicamente marginalizados sofreram com as tendências do neoliberalismo ascendente, pois não estavam preparados para tal (Kaldor, 2013). A tecnologia e a globalização são elementos centrais na caracterização das Novas Guerras, o aumento da potencialidade destrutiva que as novas tecnologias militares trouxeram fizeram com que as guerras sejam cada vez mais simétricas, e difíceis de serem vencidas.

Mary Kaldor (2012) elucida sua teorização sobre “Novas Guerras” através do capítulo 3 de seu livro “New and Old Wars: Organised Violence in a Global Era” acerca do estudo de caso da Guerra Bósnia (1992 e 1995), a autora traça uma análise cuidadosa sobre tal caso pois o mesmo mostrou-se como um exemplo concreto de sua teorização. Após o fim da Guerra Fria, os conflitos intra-estatais aumentaram enquanto os inter-estatais diminuíram e tendo em vista que as Novas Guerras são movidas pela política de identidade, a Bósnia serve como exemplo de tal dinâmica, ademais, era a República com maior diversidade étnica da Iugoslávia e de acordo com Kaldor (2012), em 1991 era composta por 43,7% de muçulmanos, 31,4% de sérvios e 17,3% de Croatas.

Em relação ao pensamento de Kaldor (2004) acerca do nacionalismo, a autora concorda com Hobsbawm (2022) no tocante à ideia de ser um princípio político direcionado de “cima para baixo”, e que tomou forma graças à própria massa populacional de determinada nacionalidade. Ademais, a autora afirma acreditar que o fenômeno do nacionalismo continuará ativo no espectro social, mesmo com o avanço da globalização. Por outro lado, ilustra-se a conceitualização do termo “novo nacionalismo”:

Molda e é moldado por diversos fenômenos que a globalização traz consigo, além disso é considerado regressivo e, na medida em que persiste, contribuirá para uma forma selvagem e anárquica de globalização caracterizada pela violência e desigualdade (Kaldor, 2004, p. 162, tradução nossa)¹⁰.

A autora argumenta que o novo nacionalismo pode ser encontrado na Bósnia em seu período de conflito, pois o contexto proporcionou uma onda de insegurança e

¹⁰ Shaped by, and shapes, the various phenomena we bunch together under the rubric of globalisation. I would argue that the new nationalism is regressive, and, in so far as it persists, will contribute to a wild, anarchic form of globalisation, characterised by violence and inequality (Kaldor, 2004, p. 162).

violência que baseava-se na exclusão de diferentes nacionalidades¹¹. A percepção se dá não apenas pelo caráter religioso do nacionalismo, mas também porque muitas nações são definidas pelas suas próprias religiões (Kaldor, 2004).

Na antiga Iugoslávia, o nacionalismo floresceu primeiro nos limites administrativos do sistema de planejamento centralizador, pois quaisquer investidas ideológicas paralelas e exclusivistas sem ser exclusivamente Iugoslava foram reprimidas (Kaldor, 2004). Kaldor (2012) manifesta que o nacionalismo foi utilizado como instrumento de mobilização na dissolução da Iugoslávia por propósitos políticos, com causas contemporâneas, tendo em vista a fragilização e desintegração das bases institucionais que a Bósnia fazia parte, um vácuo de poder surgiu com o fim do Estado Iugoslavo centralizador. Ademais, a emergência do ultranacionalismo na Guerra Bósnia evidenciou-se graças ao contexto crítico do Estado, com uma elite desesperada e corrupta que buscava manter a sociedade coesa, além da crescente insegurança econômica, a população consequentemente foi influenciada por tais retóricas nacionalistas (Kaldor, 2012).

Em outras palavras, o “novo nacionalismo” surge no contexto do colapso do bem-estar social, na marginalização do trabalhador, a urbanização acelerada, o aumento da desigualdade, e na crise de legitimidade das instituições tradicionais. Tais fatores geram insegurança na sociedade que não identifica-se na nova configuração estatal e sistemática, o novo nacionalismo aproveita-se deste contexto e fornece uma ideologia que abarca a parcela da população que busca um propósito étnico ou religioso em comum (Kaldor, 2004). Hobsbawm (2022) argumenta que no início da década de 1990 a desintegração da URSS e da Iugoslávia romperam com um paradigma conhecido pelos habitantes, quando o Estado cai, a nação serve como única garantia de uma tradição reinventada.

Durante a Guerra da Bósnia, o novo nacionalismo foi construído por meio de estratégias deliberadas de propagar o ódio, ao exemplo de estupros sistemáticos, limpeza étnica e massacres. A federação bósnia antes da guerra existia com relativa coesão multiétnica, com as três principais etnias coexistindo pacificamente, Kaldor

¹¹ Os bosníacos (bósnios-muçulamanos) sofreram perseguições por parte tanto dos sérvios (cristãos-ortodoxos) quanto pelos croatas (católicos-romanos). Em novembro de 1990, Alija Izetbegovic, bósnio e muçulmano sunita, assume a presidência da federação bósnia, o que serviu como retórica por parte de ultranacionalistas sérvios e croatas de que a Bósnia se tornaria uma federação islâmica dentro da Europa (Belançon, 2015).

(2004) reconhece que graças à este fator, a população foi induzida a transformar tais laços pacíficos em barreiras intransponíveis.

Mostra-se interessante ressaltar o papel da mídia na teorização das novas guerras e na difusão das ideias baseadas no novo nacionalismo, pois o avanço dos meios de comunicação serviram e servem como meios de propagar a intolerância. Ao exemplo de que, durante a Guerra da Bósnia a televisão estatal sérvia costumava passar imagens da Segunda Guerra Mundial comparando com as cenas que se desenrolavam em seu conflito em dado momento, o intuito era de moldar a ideia do “bem contra o mal” para a população, legitimando o uso da violência como necessidade histórica (Kaldor, 2004). O uso do nacionalismo não foi apenas o causador da guerra, mas também seu produto, pois servia como ferramenta de conquistar poder político no vácuo institucional e crescente caos social.

2.1 O embate teórico entre Modernistas e Primordialistas

Para evidenciar a complexidade do nacionalismo, o presente tópico busca ilustrar o embate acadêmico entre duas alas de pensamento que divergem entre si e enriquecem o debate, são os chamados modernistas e primordialistas. O nacionalismo tornou-se objeto de estudo de inúmeros teóricos desde meados da metade do século XX e permanece em alta até os dias atuais, Hobsbawm (2022), argumenta que durante o século XIX os estudos sobre nacionalismo mostravam-se de baixa carga intelectual visto que o racismo era a sua retórica, pouco se estudava o nacionalismo como legitimamente uma teoria, os primeiros esforços em tal área se deram através de intelectuais socialistas, ao exemplo de Kautsky, Rosa Luxemburgo, Lenin e Otto Bauer.

Ademais, os modernistas defendem que o nacionalismo é fruto da transição da sociedade tradicional para a modernidade, principalmente com o advento da industrialização e do capitalismo. Enquanto que para os primordialistas a nação é um fenômeno natural que acompanha a humanidade desde a pré-história, tal corrente assume que a identificação grupal se baseia em laços sanguíneos, culturais, étnicos, religiosos e linguísticos (Bilgen, 2021). Existem cinco grandes diferenças entre as correntes teóricas, são eles: (1) a idade das nações; (2) a imutabilidade da identidade étnica e os elementos que a constituem; (3) a abordagem dos primordialistas no tocante às origens étnicas e identidade nacional;

(4) a relação entre a identidade étnica e nacional com outras identidades; (5) o aspecto emocional sobre a lealdade étnica e nacional (Bilgen, 2021).

O livro “Mapping the nation” editado por Gopal Balakrishnan (1996) agrupa o pensamento de diversos intelectuais da área do nacionalismo, e fornece um olhar reflexivo acerca das diferenças teóricas. Para Hobsbawm (1996), o nacionalismo é um programa político surgido após a revolução industrial, fundamentado e criado artificialmente de acordo com os interesses da elite, para desta maneira garantir a coesão e a identidade nacional. Já para Otto Bauer (1996), a nação é uma “comunidade do destino”, com caráter e cultura próprios, a unificação de uma nação depende da cultura e história em comum, tais laços segundo o autor, podem ser mais poderosos do que os laços entre classes. Ademais, o autor evidencia que o avanço do capitalismo e o avanço da educação primária, fizeram com que os camponeses fossem forçados a adaptar-se às mudanças de paradigma e identificar a nação que estes pertenceriam (Bauer, 1996).

Em contraste com as ideias de Bauer e Hobsbawm, Hroch (1996) argumenta que as conexões entre a ascensão do nacionalismo e a sociedade moderna industrial são fracas, ou seja, o autor rejeita a ideia de que a industrialização tenha sido determinante ou a única razão para a formação do nacionalismo¹². O autor traça que o seu trabalho se concentra no momento em que grupos de minoria étnica passaram a reconhecer-se como tal, e reivindicaram a possibilidade de formar uma nação própria. Outra visão é a de Anthony Smith que afirma que o nacionalismo, naturalmente e necessariamente, se desenvolve a partir de comunidades étnicas antigas, Smith (1996) evidencia que o nacionalismo não surge espontaneamente, mas é ancorado por mitos que fundamentam a legitimidade e apelo popular.

O autor continua e reforça a ideia de que o nacionalismo e nação eram inexistentes no período pré-moderno, contudo o modernismo além de ocasionar o surgimento do nacionalismo, abarcou também a globalização que resultou em conflitos étnicos baseados no nacionalismo, em outras palavras, seu produto foi sua própria armadilha. O nacionalismo é um movimento de manutenção da unidade e para determinada população que constitui uma potencial nação (Nma, 2023).

¹² O autor argumenta que apesar da mutabilidade da história, três fatores são essenciais na compreensão do nacionalismo: (1) uma “memória” de algum passado comum, tratado como um “destino” do grupo — ou pelo menos de seus principais integrantes; (2) uma densidade de laços linguísticos ou culturais que permita um grau mais elevado de comunicação social dentro do grupo do que fora dele; (3) uma concepção da igualdade de todos os membros do grupo organizados como uma sociedade civil (Hroch, 1996, p. 79, tradução nossa).

O célebre pensador contemporâneo Jürgen Habermas (1996) contribui para a teorização acerca do Estado-nação e nacionalismo, seu pensamento se constrói em torno da noção de que a partir do momento que o sujeito adquire o status de cidadão, com a consciência da identidade nacional, há o desenvolvimento do sentimento nacionalista no coração e na mente das pessoas. Além disso, o autor concorda com o fato de que apesar de todo o mundo contemporâneo ser composto por nações, o Estado já existia antes da nação, foi apenas no século XVIII que ambos mesclaram-se e formaram o Estado-nação.

Por fim, a ideia de Katherine Verdery (1996) define o nacionalismo como uma prática discursiva e homogeneizadora que utiliza da nação para mobilizar certo grupo de pessoas com história e cultura em comum. A autora dialoga com Hobsbawm no sentido de que o nacionalismo manifesta-se em dois pontos: a partir do momento em que a população adquire o caráter de cidadão e participa dos processos democráticos; através da etnia e como forma de identidade (Verdery, 1996).

A seguinte tabela ilustra as diferenças entre as escolas modernistas e primordialistas através das informações da obra de Şeyma Bilgen (2021):

Tabela 1: Diferenças entre primordialistas e modernistas¹³

CATEGORIA	PRIMORDIALISMO	MODERNISMO
Origem das nações	Natural, anterior ao Estado, existindo desde tempos pré-históricos.	Produto moderno da transição para sociedades industrializadas e burocráticas.
Identidade étnica	É imutável, transmitida por sangue, língua, religião ou território.	É socialmente construída, fluida e pode ser transformada conforme contexto e interesse.
Fundamento emocional	Os laços são profundos, quase místicos, comparáveis aos vínculos familiares.	Emoções são reproduzidas socialmente por rituais, mídia e instituições — não são naturais nem inexplicáveis.
Agente central	A etnia ou grupo cultural que “existe” antes do Estado.	O Estado moderno é quem “cria” a nação por meio de políticas, educação, língua oficial.
Continuidade histórica	A cultura e os símbolos nacionais são herdados, transmitidos de geração a	Muitas tradições e símbolos são “inventados” ou reinterpretados.

¹³ Elaboração própria, com dados de Bilgen (2021)

	geração.	
Crítica à abordagem oposta	Os modernistas ignoram os sentimentos reais e duradouros dos indivíduos por suas raízes.	Os primordialistas naturalizam laços sociais e não explicam por que só algumas etnias/nacionalismos emergem politicamente.

De acordo com as informações da Tabela 1, é possível relacionar os autores mencionados anteriormente para identificá-los de acordo com sua respectiva corrente teórica. De primordialistas, temos Anthony Smith com sua teorização que valoriza o passado étnico através de mitos e memórias em comum, e Otto Bauer que concede a nação como “comunidade de destino”, que apesar de histórica, é natural. Por outro lado tem-se em sua maioria os autores modernistas, no entanto os mais célebres são Ernest Gellner e Hobsbawm – são os teóricos com maior enfoque no presente trabalho – que apesar de serem da mesma corrente teórica, é possível identificar diferenças entre eles, como ao exemplo de que Gellner defende que a sociedade moderna precisa de uma homogeneidade cultural para a coesão estatal, através do nacionalismo e a construção de uma língua nacional, em contrapartida Hobsbawm rejeita tal ideia de homogeneização, pois atualmente as sociedades são multiétnicas e que apesar institucionalização estatal, diversas etnias coexistem nos Estados.

A seguir, percebe-se que Hroch (1996) é um modernista com enfoque histórico, pois reconhece que o nacionalismo é um fenômeno construído politicamente, dito isto, Habermas é considerado um modernista cívico, define o nacionalismo como uma ferramenta de consolidação da cidadania no Estado democrático, e que tal nacionalidade é construída pelo próprio Estado, e não baseado unicamente na etnia. Ademais, a autora Katherine Verdery, assim como Mary Kaldor, podem ser enquadradas como modernistas críticas, no tocante ao que representa suas teorizações que se focam nas guerras e nos movimentos nacionalistas no final do século XX e que o nacionalismo é um fenômeno utilizado pelas elites de acordo com seus interesses. Apesar de Kaldor não ser uma teórica nacionalista clássica, a autora fornece uma visão densa e robusta do papel do nacionalismo nas novas guerras, assim como no caso bósnio.

2.3 Fundamentos da Análise de Discurso

A Análise de Discurso (AD) é uma ferramenta metodológica que faz uso dos discursos políticos de chefes de Estado e analisa como suas palavras impactam os rumos de suas políticas, assim como a sociedade que absorve suas retóricas. Para traçar um olhar histórico, percebe-se que a AD remonta aos tempos da Antiguidade Clássica na Grécia e os estudos de retórica, com os chamados Sofistas que estudavam a arte da persuasão (Gregolin, 1995). Inicialmente, entende-se que de acordo com o senso comum o discurso como um pronunciamento político, marcado pela eloquência e proferido de modo formal, todavia, sua análise é mais profunda e robusta, o que demanda um estudo científico do que significa realmente o discurso com acepções teóricas (Fernandes, 2005).

O discurso não é somente o entendimento das palavras proferidas, mas o peso social e ideológico impregnado à elas, o discurso vai além da língua em si, mas precisa dela para existência material (Fernandes, 2005). O discurso é uma forma de materialização da ideologia para o sujeito que é o seu depósito, sem vontade própria, e a língua é um processo que passa por diversas esferas do âmbito social, ou seja, é o materialismo histórico (Pêcheux, 2006).

A AD está presente nas ciências humanas e sociais, o objeto de estudo é o próprio discurso, o discurso, por si só, é de natureza tridimensional, abarcando a linguagem, a história e a ideologia, o que garante uma análise completa da importância do mesmo no espectro popular e político (Gondim, Fischer, 2009). Deve-se ter em mente que a AD reconhece por vezes a dubiedade do sentido da linguagem construída em um discurso. A disciplina surgiu nos anos 1960, na França, com os teóricos Michel Pêcheux e Jean Dubois sendo os patronos da Análise de Discurso, o que liga ambos os pensadores é o marxismo e a política, pois Pêcheux e Dubois partilhavam ideias como a luta de classes, a história e o movimento social (Mussalim, 2001).

Pêcheux traz o exemplo da eleição de François Mitterrand como presidente na França de 1981 para ilustrar o momento em que a massa populacional que comemora sua vitória, cantarolando “*On a gagné*” (ganhamos), tal cantoria mostra o momento em que o espectador se torna em uma atividade coletiva gestual e vocal, materializa a vitória ideológica do que estes consideravam o seu representando, deixam de ser passivos para serem cidadãos dotados de influência e manifestação

social (Pêcheux, 2006). A disciplina da AD foge dos paradigmas positivistas que a psique Ocidental tende a enxergar as teorizações, o estudo é imbuído na subjetividade, pois como o próprio nome pressupõe, o discurso não é um texto, nem é sobre a língua e gramática, etimologicamente é o percurso e o movimento das palavras, podendo mudar de sentido de acordo com a posição daqueles que o empregam (Orlandi, 2000).

O discurso é importante na construção de identidade e ideologias, pois fornece um campo fértil para a conscientização dos sujeitos em relação à suas próprias identidades e do local em que habitam.

Por esse tipo de estudo se pode conhecer melhor aquilo que faz do homem um ser especial com sua capacidade de significar e significar-se. A Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana. Assim, a primeira coisa a se observar é que a Análise de discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção dos sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade (Orlandi, 2000, p. 15-16).

Ou seja, o discurso não serve apenas como reflexo da realidade, mas também a constrói, é uma ferramenta simbólica no tocante à representação das permanências, transformações e contradições da condição humana. Para utilizar a AD, é ideal levar em conta o contexto que determinados sujeitos estão inseridos, seja histórico ou a ideologia em que estão inseridos, ainda permite a permanência dos valores morais ou a deturpação destes. Os sujeitos são produtores de sentido e membros de uma coletividade socialmente institucionalizada (Orlandi, 2000). É o caso do nacionalismo, que dialoga neste sentido com a AD, pois a linguagem pode ser utilizada como o falante deseja e de acordo com os seus interesses.

Vale ressaltar a importância da linguagem na psicologia humana, pois há de ter consciência que ela é central em todas atividades sociais, é uma atividade tipicamente humana que além de servir de comunicação, serve como o próprio pensamento e compreensão (Nogueira, 2001). Além da linguagem gramática, a linguagem serve como a representação da percepção dos indivíduos e constrói interações e mundos sociais. A Análise de Discurso sendo uma materialização

linguística, leva o pesquisador romper com as estruturas linguísticas para chegar até o discurso, tendo em vista que este está no seio da vida social (Fernandes, 2005, p. 15).

A abordagem da AD inclui a linguagem como forma de interpretação que liga o texto no contexto, busca além do que é dito, o estudo aprofunda no “por que se diz o que se diz”. O discurso simboliza um confronto simbólico, em que ideologias se expressam, disputam e se reproduzem, os sentidos não são fixos, variam de acordo com as marcas enunciativas, de tempo, espaço e referencial, que posiciona o interlocutor ao outro (Gregolin, 1995). É possível compreender que o discurso é analisado por três meios, são eles: o nível fundamental, em que se identifica os valores centrais (vida/morte; liberdade/repressão); o nível narrativo, em que os valores encontram-se nos enredos e nos contratos simbólicos; o nível discursivo, o qual a escolha manifesta as questões ideológicas e estratégias de persuasão¹⁴ (Gregolin, 1995).

O sujeito discursivo é um ser social, não um individualizado, mas sim um ser empírico que tem existência particular, representado por vozes, ideologias e relações de poder todavia não se nega também à existência real dos sujeitos em sociedade (Fernandes, 2005). O sujeito manifesta suas ideias através da subjetividade, sua retórica é polifônica, em seu sentido é o fato de que sua fala representa inúmeras outras vozes que ecoam e encontram-se representadas pelo interlocutor, dotado de certa ideologia que varia de acordo com o respectivo contexto histórico e social (Fernandes, 2005). A identidade do sujeito varia de acordo com sua identidade, que é mutável, instável e construída discursivamente que depende do contexto que integra.

A abordagem da Análise de Discurso varia de acordo com o campo de estudo, indo da psicologia, até letras e ciências sociais, a AD se concentra em discursos transmitidos através da televisão, cartas, entrevistas e documentos (Nogueira, 2001). A pesquisa do discurso se propõe a analisar os elementos expressos de maneira explícita e implícita, nos diálogos que manifestam ações

¹⁴ Gregolin adota a estrutura semiótica greimasiana como referencial para a sua teorização sobre Análise de Discurso, tal estrutura é baseada nas obras de Julien Greimas, que propõe um modelo de percurso gerativo do sentido, dividido em tais níveis citados. O autor contribui com ferramentas teóricas para descrever as relações entre sujeito, objeto, valor, emoção e verdade, propondo uma sintaxe narrativa e modal capaz de modelar tanto ações quanto estados afetivos e cognitivos. Seu modelo é útil para analisar como o discurso organiza o real, constrói sujeitos e regula os sentidos por meio de modalizações como dever, querer, poder e saber (Greimas, 2014).

sociais, padrões de significação e representações que se traduzem na cultura. Existem quatro abordagens distintas em relação à Análise de Discurso, a Sociolinguística, Análise Conversacional, Psicologia Discursiva e Análise Crítica do Discurso (Nogueira, 2001).

A Sociolinguística adota uma abordagem voltada para a própria linguagem, os autores desta corrente buscam estudar as variações da linguagem em seu uso, pois pretendem descobrir tais variações para depois relacioná-las com as questões sociais (Nogueira, 2001). Em contrapartida, a abordagem da Análise Conversacional se foca no uso da linguagem, mais do que da própria linguagem. Tal corrente enxerga a linguagem como um processo implícito ou explícito, com enfoque nas conversações orais, que implica em um posicionamento específico referente ao sujeito que usa a linguagem, a contribuição para tal análise é cumulativa no sentido de que o interlocutor anterior influencia a posterior (Nogueira, 2001).

A Psicologia Discursiva, por outro lado, como o próprio nome pressupõe baseia-se na análise os padrões de linguagem associados a um determinado tópico para compreender a construção dos discursos dos indivíduos e seu impacto no psicológico humano, pois estes são participantes ativos da vida social e buscam seguidamente construir descrições. Nogueira (2001) argumenta que o processo psicológico que a corrente mais visa é o desejo do sujeito de fazer-se ativo, além de negociar uma posição moral viável e que seja aceita pelos ouvintes, os componentes da Análise de discurso são a sua função, sua variabilidade e construção, utiliza-se de questionamentos como: quem é esta pessoa? O que esta parte do discurso busca alcançar? Que discurso é usado para isso?

Por fim, a Análise Crítica do Discurso é a abordagem que o presente trabalho utiliza com maior atenção para traçar o estudo acerca da questão iugoslava. Tal meio de análise busca traçar uma visão crítica ampla às questões sociais, utiliza-se da teorização de Foucault¹⁵ acerca das relações de poder e conhecimento. A corrente foca no discurso como prática social, com foco na utilização do discurso para espalhar determinada ideologia, conquistar poder e dominação. Nogueira

¹⁵ Foucault (2002) teoriza que o discurso não é simplesmente o uso da linguagem, mas vai além disso, passa por relações de poder que moldam o sujeito e produz o saber. O autor destaca que a linguagem participa na construção de verdades, além de ilustrar quando determinado discurso se torna aceitável em dado contexto histórico e as relações de poder aceitas e contestadas pela retórica. Cria-se através do discurso um aparato no qual delimita o que pode ser dito, e por quem, ou seja, reforça o poder do interlocutor e legitima suas ideias, produzindo verdades e identidades, o que molda o mundo social.

(2001) argumenta que diferentes combinações de discursos ligados à mudanças sociais específicas, transformam-se em novas formas de discursos, mais complexas e que se adaptam em relação ao contexto em que este é empregado. Nogueira fornece um olhar claro de que, esta linha teórica é controversa e nessa contradição, surgem os discursos que reforçam o discurso de ódio e legitimam o poder empregado,

Esta abordagem toma frequentemente em atenção as origens históricas e a natureza social do mundo “tal como ele existe”. A controvérsia é a base desta quarta abordagem, porque envolve o estudo do poder e da resistência, da contestação e da luta. A assunção básica é que a linguagem que está disponível para as pessoas utilizarem permite e constrange, não só e apenas a expressão de ideias mas também aquilo que as pessoas fazem. É através da linguagem que as pessoas são categorizadas, são segregadas, consideradas diferentes, “anormais e doentes”, sendo que a própria linguagem dá valor atribuindo existência ou negando essas categorizações (Nogueira, 2001, p. 28-29).

Em suma, percebe-se que o nacionalismo é um conceito difuso, complexo e de notável disposição de teórico que estudam o fenômeno, o presente estudo fornece uma abordagem foca para a escola modernista, principalmente no que tange à teorização de Gellner, Hobsbawm e Kaldor. Busca-se traçar um paralelo entre as contribuições dos autores e o caso da integração e dissolução da Iugoslávia, analisando os fatores determinantes para a consciência nacional de tal país que manteve-se existente por aproximadamente 60 anos. Conclui-se que a nação e o nacionalismo são fenômenos relativamente recentes na história, e que atualmente estão intrínsecos no cotidiano, com períodos em que o nacionalismo emerge e se torna um possível perigo para a sociedade. A utilização do sentimento nacionalista atualmente não parte apenas das elites dominantes, mas também da massa populacional que identifica-se como parte de determinada nação, e envolve sentimentos de vida e morte, sobrevivência e extinção da instituição estatal.

É possível perceber que a Análise de Discurso serve como um paralelo entre o nacionalismo e a mobilização do cenário social, é a transmutação do poder presente nos discursos para os ouvintes, aqueles que são os receptores não limitam-se a passividade, mas a partir do momento em que tomam consciência que são cidadãos, dotados de peso político, o discurso atinge o âmago do ser. De acordo com os interesses nacionalistas do interlocutor, a sociedade entende que a retórica utilizada é uma verdade absoluta, o que reforça seu poder sobre os rumos político e social. Os capítulos subsequentes buscam traçar um histórico à respeito da

formação da Iugoslávia e seu senso nacional, assim como, ilustra como o nacionalismo pode ser utilizado tanto na coesão de um Estado iugoslavo, quanto na legitimação de um discurso de ódio, como o que ocorreu na Guerra da Bósnia (1992-1995).

3. A HISTÓRIA DA IUGOSLÁVIA: ORIGENS E MULTICULTURALISMO

A história é dotada de nuances, transformações e contradições, muitas vezes compreender a história é sinônimo de entender o presente. O atual capítulo visa elucidar a história de formação da região dos Bálcãs¹⁶, que posteriormente viria a abrigar a República Socialista Federativa da Iugoslávia. Pretende-se abordar as influências religiosas, culturais e civilizacionais que a região assimilou ao longo de, pelo menos, dois milênios. Através de séculos de dominação sob diferentes impérios, com breves momentos de independência, a região destacou-se pela sua posição geográfica estratégica, sendo alvo de disputas geopolíticas que visavam seu domínio, pois, além de ser a região que separa Ásia e Europa. Exemplifica-se a complexidade da região com a famosa frase de Winston Churchill: “Os povos balcânicos são carregados de mais história do que podem suportar.” (Dimitras, 2000).

Primeiramente, destaca-se a geografia da península Balcânica, de maneira a compreender as fronteiras naturais e sua correlação com o desenvolvimento histórico e cultural da região. De acordo com Schevill (1991), o rio Danúbio liga o leste da Alemanha até desaguar no Mar Negro, o rio é símbolo da integração da península com a Europa Ocidental, todavia, o autor reforça que tal comunicação se enfraquece pelas intrincadas montanhas dos Alpes Dináricos e pela Cordilheira dos Bálcãs, além do Danúbio, os rios Kuava, Morava e Maritsa mostram-se como importantes. Tal geografia acidentada reflete na separação dos povos da própria península, separados por barreiras naturais, conseqüentemente os povos visam manter suas individualidades, o que dificulta a unificação.

A península Balcânica se estende da Europa Central até o extremo leste europeu, ao sul encontra-se ao leste do Mar Mediterrâneo, além de ser banhado por

¹⁶ O termo “Bálcãs” é relativamente recente, data de 1808 pelo geógrafo prussiano Johan August Zeune, até então o nome da península variava de acordo com a dominação em vigor: Península Ilíria, Turquia da Europa ou Europa Oriental. “Bálcãs” tem um significado geográfico, pois etimologicamente significa “montanha” ou “cadeia de montanhas arborizadas” (Mishkova, 2017).

outros quatro mares: O Adriático, a noroeste da península; O Jônico, que é um braço do Mediterrâneo e separa a costa italiana da costa oeste da Grécia; O Mar Egeu, que separa a Grécia da Turquia, ao sudeste da península; O Mar negro, ao extremo leste. Tal distribuição geográfica e os países que compõem a península podem ser visualizados na Figura 1.



Figura 1: Países que compõem a península Balcânica e seus mares
(Encyclopaedia Britannica, Inc, 2025)

Segundo Reed, Kryštufek e Eastwood (2004), o termo “Bálcãs” usualmente é associado a região do mundo em que estão os atuais Estados modernos da Grécia; Albânia; Bulgária; Eslovênia; Croácia; Bósnia e Herzegovina; Macedônia do Norte; Sérvia; Kosovo; Montenegro; Romênia; Moldávia; Parte da Turquia. A literatura diverge acerca da delimitação dos países que compõem os Bálcãs, ressalta-se o fato de que o presente trabalho busca dar um enfoque maior ao ex-espço Iugoslavo.

3.1 A Era Grega e Romana

Efetivamente, adentrando na questão histórica, a região dos Bálcãs é conhecida por ser uma encruzilhada entre Oriente e Ocidente. De acordo com Schevill (1991), a partir da Idade do Bronze e do ferro, civilizações com técnicas avançadas de agricultura e desenvolvimento social passaram a surgir ao sul da península, seriam os antecessores dos gregos por volta de 1.500 a.C. Ao norte da península, os primeiros povos organizados historicamente conhecidos foram os Ilírios, (na atual Croácia, Albânia e Bósnia), que eram conhecidos por serem piratas e atacavam comerciantes gregos, os Trácios (ao norte da atual Grécia e Bulgária) e os Dácios (atual Romênia). Através de pesquisas arqueológicas, os Ilírios Indo-europeus teriam vindo do Leste e sofrido influências até mesmo dos celtas (Laharnar, 2003).

Com as investidas comerciais e a criação de entrepostos comerciais gregos ao longo do Mar Egeu e do Mar Negro, a influência helenística paulatinamente penetrou o cotidiano dos que ali viviam. Apesar disto, os gregos não buscavam dominar efetivamente a região, a Era Grega nos Bálcãs chegaria ao fim em meados do século II a.C. graças à rivalidade entre as cidades-Estado de Atenas, Esparta, Tebas, Corinto entre outras, que enfraqueceram a coesão grega (Schevill, 1991). Apesar da conquista do sul da região através das campanhas militares insaciáveis de Filipe II e seu filho, Alexandre, o Grande - Figuras que são veneradas como mitos fundadores da atual Macedônia do Norte e Grécia - no século IV a.C., as tribos “bárbaras” não adotaram a Helenização de forma generalizada, pois a helenização limitou-se à Macedônia.

Por outro lado, a Era Romana estende-se do século II a.C. ao século V d.C., diferente dos gregos, os romanos dominaram e colonizaram grande parte dos Bálcãs, com influências profundas acerca do desenvolvimento regional por meio da construção de estradas, aquedutos e campos de plantação que viriam a se tornar cidades (Schevill, 1991). A resistência das tribos “bárbaras” era assídua e utilizava-se da geografia regional para seu benefício, tal resistência estendeu-se até o reinado do primeiro Imperador, Augusto, e a supremacia romana foi estabelecida. Pela primeira vez, a região Balcânica foi unificada sob um governo coercitivo, integrado à lógica romana, o que trouxe aspectos da cultura, religião e arte romana. O período de domínio por Roma unificou os povos balcânicos de maneira efetiva,

com um sistema legal comum e segurança militar. Evidentemente a conquista não foi homogênea, certas regiões da península seriam incorporadas de maneira gradual, ao exemplo da Dácia, que foi conquistada pelo Imperador Trajano apenas em 106 d.C. (Laharnar, 2003).

O processo de romanização se intensifica na região balcânica para frear possíveis investidas bárbaras que poderiam vir a ocorrer:

Os romanos transformaram essas vias em largas estradas, enquanto acampamentos militares — que rapidamente se expandiram em mercados de comércio — foram estabelecidos em lugares como Adrianópolis, Filipópolis, Sardica (Sofia), Naissus (Niš) e Singidunum (Belgrado). Esses nomes de cidades de origem romana provam de forma conclusiva que a grande rota leste-oeste, do Bósforo ao Danúbio, foi, sob os romanos, plenamente disponibilizada para fins militares, administrativos e comerciais. Os numerosos vestígios de acampamentos romanos descobertos por arqueólogos entre Niš e Salônica provam o mesmo para a importante rota norte-sul ao longo dos rios Morava e Vardar. Para proteger a crescente civilização da Balcânia dos bárbaros não conquistados na margem norte do Danúbio, cidades-guarnição, constituindo uma cadeia contínua de fortes ribeirinhos, foram estabelecidas desde Singidunum (Belgrado) até o Mar Negro (Schevill, 1991, p. 31, tradução nossa)¹⁷.

Percebe-se a atenção que os romanos forneciam à essa região, pois sabiam do seu valor geopolítico. Os costumes, as características das cidades, a religião politeísta, entre outros fatores foram incorporados pelos que viviam na península, nota-se que os romanos criaram as bases para cidades importantes que perduram até os dias atuais, em toda a região.

No entanto, a partir do século IV d.C. com o advento do cristianismo sob a égide do Império, através da “descriminalização” da religião por Constantino, o Grande por meio do Édito de Milão em 313, posteriormente, Teodósio I torna o cristianismo a religião oficial do Império em 380 pelo Édito de Tessalônica, proibindo assim quaisquer outras manifestações de fé pagãs. Tal mudança religiosa nos Bálcãs não sofreu maiores contestações, a população que vivia até então na região aceitou a decisão e incorporou a nova religião ao seu cotidiano (Schevill, 1991). No

¹⁷ These the Romans converted into broad highways, while military camps, which swiftly expanded into marts of trade, were laid out at such places as Adrianople, Philippopolis, Sardica (Sofia), Naissus (Nish), and Singidunum (Belgrad). These city names of Roman origin conclusively prove that the great east-west route from the Bosphorus to the Danube was, under the Romans, made fully available for military, administrative, and commercial purposes. The many remains of Roman camps discovered by archeologists between Nish and Saloniki prove the same for the important north-south route along the Morava and Vardar. To protect the growing civilization of Balkania from the unconquered barbarians on the north bank of the Danube, garrison towns, constituting a continuous chain of river forts, were laid out all the way from Singidunum (Belgrad) to the Black sea (Schevill, 1991, p. 31).

ano de 395, Teodósio I divide o império entre Ocidente (capital Roma) e Oriente (capital Constantinopla), tal divisão muda o destino do Império romano, da história do Ocidente e dos próprios Bálcãs.

3.2 Os Bálcãs sob domínio Bizantino

A decadência do Império Romano do Ocidente foi causada por uma conjunção de fatores¹⁸, todavia, graças a isso, os Bálcãs relativamente se beneficiaram, pois passaram a ter maior proximidade ao centro do poder, visto que estavam englobados no contexto do Império Romano do Oriente (Bizantino), com a capital em Constantinopla (Laharnar, 2003). Assim, a Península Balcânica se tornou a província mais bem defendida do império, a fronteira que demarcava a divisão dos impérios passava no rio Drina, atual fronteira entre Sérvia e Bósnia (Aguilar; Mathias, 2012). No âmbito cultural, a influência dos gregos continuou predominante nas áreas costeiras da península, contudo, por volta do século V, a região já se mostrava um mosaico étnico composto pelos povos antigos que lá habitavam (ilírios, trácios, gregos e dácios).

Deve-se notar que a língua principal utilizada na administração da península foi o latim até meados do século VII. Após esse período, o Império Bizantino adotou o grego como língua administrativa, que também se difundiu na vida cotidiana por meio da religião, já que o cristianismo ortodoxo de tradição grega ganhou grande projeção pela influência de Constantinopla. Já no século VI durante o reinado do Imperador Justiniano I (527-565), as Grandes Migrações atraíram para a região um povo de origem indo-europeia que impactaria profundamente a etnicidade dos Bálcãs: as tribos eslavas. Essas migrações também foram acompanhadas por incursões de povos asiáticos, como hunos e mongóis (Schevill, 1991).

Os croatas e os sérvios, que haviam se estabelecido nas regiões da Dalmácia e Panônia, foram forçados a tomar posições políticas para resguardar sua existência em oposição aos francos ao noroeste e os búlgaros a leste, durante os séculos VII e X percebe-se que tais povos aparecem com comunidades politicamente

¹⁸ De acordo com o autor Ferdinand Schevill (1991), quem causou a queda do império romano foram os próprios romanos, apesar dos “bárbaros” serem os causadores imediatos, mas dariam apenas o golpe final, além da exacerbada corrupção e da falta de contingente militar. Nota-se que um fenômeno notável foram as Grandes Migrações, em que os godos que habitavam o norte e leste da Europa passaram a migrar para o sul, ou seja, ao norte do Danúbio já nos Bálcãs.

organizadas, sob o domínio de Constantinopla (Horsch, 1972). A integração dos eslavos expandiu-se no século VII, (ver figura 2), com suas tribos indígenas chegando até mesmo na Grécia e em regiões do Peloponeso, de onde foram em certas ocasiões expelidos, todavia, instalaram-se sem maiores contestações na



Figura 2: Ondas migratórias para a Península Balcânica ao longo dos séculos (Lazaridis et al, 2023).

Macedônia e Albânia (Koder, 2020). Em primeira mão, os eslavos foram incorporados ao império, com tribos sedentárias vivendo sob o domínio dos Bizantinos. Entretanto, a adaptação dos eslavos teve de ser conduzida pelo Imperador Basílio I (867–886), que realizou três principais ações:

Primeiro, ele convenceu os eslavos a abandonarem seus costumes tradicionais (archaia ethe) e os “tornou gregos” (helenizou-os). Entendo esta última medida como um processo de adaptação dos imigrantes aos usos e modos de conduta da população de língua grega que vivia na Grécia, no Épiro e na Macedônia. [...] A segunda ação do imperador foi integrá-los às estruturas políticas e militares da administração bizantina, concedendo-lhes archontes (governantes, chefes) segundo o modelo romano. Isso frequentemente incluía a conversão à fé cristã (“Ele os agraciou com o batismo”). [...] Como terceiro passo, ele os incorporou aos exércitos bizantinos e os treinou para lutar contra todos os inimigos do império, o que pode ter incluído outras tribos eslavas também (Koder, 2020, p. 92-93,

tradução nossa)¹⁹.

Um caso extraordinário pode ser observado na Bulgária, que já em 681 havia atingido a independência, todavia, o imperador Miguel III (842–867) e o Czar Boris-Miguel, seu afilhado, em 864, firmaram um tratado que previa a cristianização dos proto-búlgaros. O caso búlgaro foi único, pois os bizantinos primeiramente realizavam a dominação cultural e “helenizavam” os povos eslavos, para posteriormente os cristianizar, porém, a Bulgária foi convertida sem perder seus costumes, liturgia e língua (Koder, 2020). Deve-se tomar nota que os croatas tiveram uma breve experiência de independência ao fim do século IX, sob o comando do duque Branimir (879-892), seu governo foi plenamente reconhecido pelo Papa João VIII, o que aproximou os croatas à Roma (Hosch, 1972).

Em outra face, a questão religiosa nos Bálcãs demanda cuidadosa atenção no que concerne ao espectro social, pois se reflete no sentimento de pertencimento de diversos povos e impacta as relações inter-regionais. A Igreja Ortodoxa Grega encontrava mais força em regiões que hoje correspondem a Grécia, Sérvia e Bulgária; em contrapartida, devido à aproximação geográfica e cultural com o Ocidente, áreas atualmente conhecidas como Croácia e Eslovênia foram majoritariamente influenciadas pela Igreja Católica Apostólica Romana.

Tal diferenciação aumentou com a “Cisma do Oriente” em 1054, quando o mundo eslavo foi dividido em dois, uma parte seguiu a Igreja Católica sediada em Roma e a outra parte, voltou-se ao rito de Bizâncio, que posteriormente viria a se tornar a Igreja Ortodoxa. Além do âmbito religioso, a diferenciação transbordou para a linguagem, com os católicos seguindo o emprego do alfabeto latino e os eslavos ortodoxos optaram por utilizar o alfabeto cirílico²⁰ (Aguilar; Mathias, 2012).

As dinâmicas geopolíticas que acometiam os Bálcãs dos séculos IX ao XI

¹⁹ First, he persuaded the Slavs to abandon their traditional customs (archaia ethe) and “made them Greek” (grecized them). I understand the latter measure as a process of adaptation of the immigrants to the usages and manners of conduct of the Greek-speaking population living in Greece, Epirus, and Macedonia. [...] The emperor’s second action was to integrate them into the political and military structures of the Byzantine administration by giving them archontes (rulers, chieftains) according to the Roman model. This often included the conversion to Christian faith (“He graced them with baptism”). [...] As a third step, he enrolled them into the Byzantine armies and trained them to fight against all enemies of the empire, which may have included other Slavic tribes as well (Koder, 2020, p. 92, 93).

²⁰ O alfabeto cirílico foi derivado do alfabeto grego no século IX, criado por dois irmãos gregos altamente instruídos de Salônica, os santos Cirilo e Metódio, conhecidos como “Apóstolos dos Eslavos” (Laharnar, 2003, p. 23). Os irmãos traduziram as liturgias cristãs em uma língua conhecida pelos eslavos, o “Eslavônico Eclesiástico”, um dialeto ancestral dos eslavos (Hosch, 1972). Deve-se tomar nota que o primeiro alfabeto literário dos eslavos foi o glagolítico, utilizado principalmente na liturgia croata, porém, logo foi substituído pelo cirílico (Schevill, 1991).

estavam envoltas em três principais atores, o Império Bizantino, o Império Búlgaro e o Reino da Hungria (ou dos Magiares). Durante a metade do século IX, os magiares possuíam caráter nômade e realizavam diversas ondas de ataque ao território Bizantino, o que mudaria ao fim deste século quando se sedentarizaram e sob o reinado de Estêvão I, o Santo Estevão (997-1038), puderam estabelecer relações pacíficas com seus vizinhos. Todavia, os Magiares optaram por unir-se ao papado de rito latino, o que os afastou da órbita do Oriente e dos ortodoxos (Hosch, 1972).

Houve tentativas para a aproximação estratégica entre as potências através de alianças matrimoniais, porém, as uniões não foram duradouras. Em contraste, a relação dos bizantinos com os búlgaros foi longa e repleta de conflitos, alianças e rivalidades, o que influenciou profundamente o desenvolvimento histórico do sudeste europeu por gerações (Hosch, 1972). Percebe-se a conturbada relação através do trecho abaixo:

O czar búlgaro Simeão (893–927) tentou usurpar os privilégios que os bizantinos haviam herdado e até mesmo o próprio trono imperial em Constantinopla – um episódio único antes das Cruzadas. Somente após a morte de Simeão é que seu filho e sucessor, o czar Pedro I (927–969), renovou as relações pacíficas com Bizâncio em 927. Em resposta a isso, o imperador Romano I Lecapeno (920–944) honrou o embaixador búlgaro em Constantinopla com o alto título de patrikios, que lhe concedia o privilégio de sentar-se ao lado do imperador à sua mesa. É compreensível que Constantino Porfirogênito, não sendo amigo de Lecapeno, não gostasse dos búlgaros, chamando-os de “a nação búlgara odiada por Deus” e “sempre vãos fanfarrões” (Koder, 2020, p. 94-95, tradução nossa)²¹.

A época de ouro do Império Búlgaro representou uma real ameaça existencial para os bizantinos, Simeão I chegou a controlar quase toda a Península Balcânica, exceto a capital Constantinopla e algumas áreas costeiras. Após o czar Pedro I, a Bulgária perdeu seu protagonismo e passou a perder territórios para os bizantinos, sob o reinado do Imperador Basílio II, conhecido como “matador-de-búlgaros”, a Bulgária foi conquistada em 1018 e incorporada à esfera de controle bizantino. Neste período, Constantinopla controlava inteiramente a região desde o Danúbio até

²¹ Consequently, their Tsar Symeon (893–927) tried to usurp the privileges, which the Byzantines had inherited, and even the imperial throne itself in Constantinople – a unique incident before the Crusades. It was only after Symeon’s death that his son and successor, Tsar Peter (927–969), renewed peaceful relations with Byzantium in 927. In response to that, Emperor Romanos Lakapenos (920–944) honoured the Bulgarian ambassador in Constantinople with the high rank of patrikios which provided him with the privilege to sit next to the emperor at his table. It is understandable that Constantine Porphyrogenitus, not a friend of Lakapenos, disliked the Bulgarians, calling them “the God-hated Bulgarian nation” and “always vain boasters” (Koder, 2020, p. 94-95).

a Grécia, sua hegemonia foi ameaçada por revoltas internas por parte dos sérvios e búlgaros, além de invasões ocasionais externas, porém tal protagonismo praticamente foi inquestionável na região e duraria aproximadamente até o final do século XII, quando o Segundo Império Búlgaro (1185) surge sob o reinado dos irmãos Pedro e Asen (Schevill, 1991).

Após a morte de Basílio II, o Império Bizantino se enfraquece e proporciona um relativo vácuo de poder que é aproveitado pelos sérvios, que sob o comando de Estevão Nemanja (1166-1196), declaram independência. A Dinastia Nemanjić comandaria a Sérvia por toda a Idade Média, em conjunto com os búlgaros, ambos se beneficiaram com a crise imperial do final do século XII. Schevill (1991) ressalta que isto lançaria as bases para as nações medievais, que seriam lembradas na posterioridade como mitos fundadores da consciência nacional e de resistência, em prol da independência de seus povos. Além destas duas figuras, há o mais proeminente mito fundador da Croácia, este é o Rei Tomislav (925-928), que unificou as tribos croatas da Dalmácia e da Pannonia, marca o ponto alto da Croácia medieval (Hosch, 1972).

A decadência do Império Bizantino paira sobre a falta de capacidade de governar dos sucessores de Basílio II, como Constantino VIII e Romano III, respectivamente. Tal enfraquecimento permite o surgimento de movimentos regionais fortalecidos, além da força militar, que passou a priorizar a contratação de mercenários ao invés de um exército organizado. Ademais, a ascensão do feudalismo suprimiu o pequeno agricultor e enfraqueceu a estrutura da sociedade, a classe média decaiu ao longo do século XI (Schevill, 1991).

Em contrapartida, os turcos ao leste estavam crescendo em matéria de organização, sob o governo de seu líder Seljuk, que estabeleceria o breve Império Seljúcida (Séculos XI-XII), os turcos seljúcidas eram provenientes da Ásia Central e chegaram a dominar a cidade de Bagdá. O ponto de inflexão para o declínio de Constantinopla e para o ingresso do islamismo na Ásia menor, foi a Batalha de Manzikert (1071), na atual Armênia, na qual os seljúcidas venceram os bizantinos comandados por Romano IV.

Schevill (1991) afirma que até então, a cultura na região era grega e majoritariamente europeia cristã, com a vitória dos turcos, cristãos foram subjugados e o islamismo teve sua primeira porta aberta na Anatólia. O antigo e desenvolvido Império Bizantino enfraquecia-se gradualmente, e toda sua herança administrativa,

cultural, religiosa, literária, artística, legal, foi destinada para as emergentes sociedades eslavas (Schevill, 1991). Nota-se que a Bósnia Medieval já também vivenciou um período de breve independência, de acordo com Hosch (1972), entre os séculos XIII e XIV, a poderosa família Šubić, de origem croata, conseguiu impor uma forma de autonomia prática sobre vastas regiões croatas e bósnias, tendo em vista que a autoridade húngara na região era enfraquecida²².

Realizando um salto temporal, em meados do século XIV, os bizantinos encontravam-se lutando para manter seu domínio sobre os Bálcãs, que haviam se dividido em diversos pequenos reinos. A Sérvia estava sob o reinado do Czar Estevão Uroš IV Dušan²³ (1331-1355), que é conhecido como o período de maior esplendor sérvio, pois seu governo espalhou-se por grande parte da península, sua figura é cultuada até os dias de hoje como símbolo do nacionalismo sérvio e do projeto da “Grande Sérvia”.

Sua figura serve até os dias atuais como o principal “mito fundador” da identidade sérvia, nota-se que a capital de tal reinado era em Skopje (atual capital da Macedônia do Norte), no entanto, deve-se tomar nota que o objetivo de Estevão não era ser uma figura nacional dos sérvios, mas segundo Schevill (1991), intitular-se como herdeiro legítimo do trono de Constantinopla. Concomitantemente, o Império Otomano tomava forma e expandia-se pela Ásia Menor e pelos Bálcãs, desta forma, o choque entre os muçulmanos e cristãos, tanto ortodoxos quanto católicos, era iminente (Hosch, 1972).

3.3 O domínio Otomano e a Ascensão do Islamismo

Oficialmente, o Império Otomano surge em 1288 sob a figura de Osman I na Ásia Menor, expandiu-se pelo interior dos Bálcãs em 1345 e travaram a Batalha do Kosovo em 1389, que é um dos eventos mais significativos da história nacional

²² Além disso, a Bósnia viveu um curto período de independência própria, sob o reinado de Tvrtko I (1353–1391), que consolidou a coroa real bósnia. Durante seu reinado, o território bósnio atingiu sua maior expansão, incluindo partes da Dalmácia, Croácia e Sérvia. Tvrtko consolidou uma monarquia independente em meio ao enfraquecimento húngaro e bizantino (Schevill, 1991).

²³ Seu reinado, apesar de curto, marcou a história sérvia por dois motivos principais: Estevão implementou o chamado “Código de Dušan” (Zakonik), que foi aprovado em 1349 e tinha o intuito de combinar o direito tradicional herdado com o código bizantino, misturado com valores religiosos, servia como regulador sócio-econômico e caráter teocrático (Hosch, 1972). Ao mesmo tempo, Estevão elevou a Igreja Ortodoxa Sérvia a nível de Patriarcado em 1346, esse ato significou a separação total da Igreja sérvia da autoridade do Patriarcado de Constantinopla, tornando-a autônoma, além de fazer com que o patriarca o coroasse para legitimar seu domínio.

sérvia e demonstra o choque entre muçulmanos (Império Otomano) e cristãos ortodoxos (sérvios). Os turcos venceram tal batalha e anexaram a região da Sérvia e Bulgária que encontravam-se já enfraquecidas, distantes da glória em que certo momento vivenciaram na Idade Média, portanto, os otomanos dominaram grande parte da península balcânica e mantiveram sua influência na região por aproximadamente cinco séculos, ressalta-se que o exército que lutava contra os muçulmanos era marcado pela multiétnicidade, nele estavam bósnios, albaneses, montenegrinos e búlgaros, todos lutando lado a lado contra o inimigo comum (Laharnar, 2003).

Segundo Schevill (1991), com a decadência dos bizantinos desde o século XIII causado pela IV cruzada e fragmentação interna, o Império apresentava sinais de uma força enfraquecida e envelhecida, ao passo que os otomanos estavam em uma ascendente na região. Após a vitória na Batalha do Kosovo (um ponto de virada no xadrez geopolítico dos Bálcãs), os otomanos estavam a um passo de subjugar os bizantinos. Os croatas encontravam-se sob o jugo da Coroa Húngara, portanto não foram totalmente dominados pelos otomanos.

A expansão otomana foi gradual na península, começando já a partir da segunda metade do século XIV nas regiões da Trácia e Macedônia, depois Sérvia e Bulgária e finalmente, com a queda de Constantinopla em 1453 pelo Sultão Mehmed II, período de inflexão histórica que marca o fim da Idade Média e início da Idade Moderna²⁴ (Schevill, 1991).

O Império Otomano é o sucessor do Império Bizantino e Seljúcida, os quais enfraqueceram-se entre si graças aos sucessivos conflitos que travaram frequentemente. Os otomanos herdaram dos Seljúcidas o posto de líderes do Mundo Islâmico, ao passo que também herdaram vastos territórios cristianizados pelos bizantinos, ou seja, cristãos e muçulmanos viveriam como sujeitos do mesmo império, existia uma certa tolerância religiosa por parte dos otomanos (Fanani, 2011). Era característica do Império Otomano conseguir combinar uma forma de governo firme e militarista com a autonomia administrativa e cultural dentre os seus dominados, no entanto, aqueles que optaram por converter-se ao Islã, gozavam de

²⁴ Tal mudança do eixo de poder da Europa Oriental é decisiva na história da humanidade, pois graças a essa transição que resultou no fim dos últimos resquícios do Império Bizantino, os europeus buscaram rotas alternativas para chegar ao Oriente, o que consequentemente ocasionou a “descoberta” do “Novo Mundo” por Cristóvão Colombo através das Grandes Navegações (Machado, 2025).

privilégios como a isenção de impostos, a possibilidade de carregar armas e facilidade em conseguir cargos públicos (Hosch, 1972).

A estratificação religiosa nos Bálcãs atual reflete-se em grande medida após a dominação otomana na região, percebe-se pela tabela abaixo as diferenças de maneira clara em cada Estado e Província da Península. Através da Tabela 2, é possível observar a pluralidade religiosa nos Bálcãs em um período recente, o ingresso do Islã pelo domínio Otomano é uma ferramenta utilizada pelos nacionalistas atuais que buscam justamente no passado, justificativas para seus atos no presente. É possível notar que o Islã penetrou de maneira efetiva na Bósnia, uma das explicações se dá pelo fato de que a região era dividida entre ortodoxos e católicos, o que permitiu o ingresso de uma nova religião (Urea, 2020).

Tabela 2 – Religiosidade majoritária nas ex-repúblicas iugoslavas

País	Religião Majoritária	Observações
Eslovênia	Catolicismo	3/4 da população é católica; presença menor de protestantes e irreligiosos.
Croácia	Catolicismo	Aproximadamente 85% católicos; minorias sérvias ortodoxas e muçulmanas.
Bósnia e Herzegovina	Islamismo sunita (pluralidade religiosa)	Grande mosaico: bósnios muçulmanos 50%; Sérvios ortodoxos 30,8%; Croatas católicos 15,4%. Outros 3,7%.
Sérvia	Cristianismo Ortodoxo	Predominantemente ortodoxa; minorias católicas e protestantes.
Montenegro	Cristianismo Ortodoxo	Maioria ortodoxa; significativa minoria muçulmana e católica.
Kosovo	Islamismo Sunita	População majoritariamente albanesa muçulmana; minorias sérvias ortodoxas.

Macedônia do Norte	Cristianismo Ortodoxo	Ortodoxia predominante; minorias muçulmanas e católicas.
--------------------	-----------------------	--

Fonte: adaptada do mapa *Religion in the Balkans* (Boris, 2023)

Após a queda de Constantinopla, Mehmed II rebatizou a cidade como Istambul, além disso, visou a conquista da península de maneira efetiva, no entanto a região já estava sob influência dos líderes turcos predecessores de Mehmed II que permitiam aos reinados exercer autonomia local. Tal cenário muda, tanto Sérvia quanto a Bósnia são atacadas e caem sob o domínio efetivo dos Otomanos (Schevill, 1991). O império atingiu seu ápice territorial, cultural e militar sob o governo de Solimão, o magnífico (1520-1566), fez com que o império chegasse às portas de Viena em 1529, capital do Império Habsburgo (Fanani, 2011). Todavia, após a morte de Solimão, o império se viu em uma decadência gradual, que culminaria em crises econômicas, diminuição dos investimentos em artes e perdas territoriais.

Na Península Balcânica, durante a Era Otomana, parte da população converteu-se, apesar dos otomanos não possuírem uma política de conversão forçada, apenas muçulmanos podiam ser gestores de terras, participar da vida política, ser isento de diversos tributos e ascender na administração pública (Aguilar; Mathias, 2012). Por sua vez, tal dinâmica se definia como o sistema dos “milletts”, que permitia a liberdade religiosa, pois ao exemplo da Igreja Ortodoxa, mesmo sob o domínio Islâmico podia assegurar sua coesão social e cultural de seus costumes (Schevill, 1991).

As autoridades otomanas raramente exerciam pressão sobre os cristãos para que se convertessem ao Islã, embora houvesse benefícios fiscais e legais em fazê-lo. Do ponto de vista administrativo, o império era dividido em “milletts”. Um “millet” consistia em uma única confissão religiosa. Os líderes religiosos tinham grande responsabilidade na arrecadação dos impostos estatais e na manutenção da ordem dentro da comunidade religiosa. A maior parte dos cristãos balcânicos era ortodoxa. Nessas circunstâncias, eles eram membros do millet governado pelo patriarca grego em Constantinopla. Os impostos que precisavam pagar incluíam o devshirme. [...] Nos Bálcãs, a grande maioria dos não muçulmanos era composta por cristãos ortodoxos, ao lado de uma minoria significativa de judeus e alguns católicos romanos. Infelizmente, a combinação de poderes seculares e religiosos investidos no clero levou à corrupção, especialmente nos níveis hierárquicos mais altos. Com o tempo, a corrupção tornou-se endêmica. Ainda assim, o sistema de comunidades religiosas conseguiu isolar os cristãos dos muçulmanos, contribuindo para a sobrevivência a longo prazo dos diversos povos balcânicos (Urea, 2020, p. 11, tradução

nossa)²⁵.

É possível observar que tal modelo de dominação nos Bálcãs foi efetivo para manter a coesão do controle otomano na região por 400 anos. Além disso, dentro de tal sistema, cada comunidade preservava seu idioma, com os povos da Sérvia, Croácia, Bulgária e Bósnia exercendo as variantes do Eslavo do Sul, apesar da língua oficial e administrativa do império ser o Turco-otomano (Schevill, 1991).

Do ponto de vista econômico e social, os otomanos trouxeram certa estabilidade no controle dos crimes na região, melhoraram as comunicações e por um tempo, promoveram o crescimento econômico, principalmente durante os séculos XVI e XVII. No entanto, o domínio por uma força externa e a falta de influência na política, aumentavam os descontentamentos dos povos balcânicos²⁶. A aristocracia bósnia e albanesa mantiveram suas terras pois muitos se converteram ao Islã, em contrapartida, as antigas aristocracias sucumbiram e foram removidas do poder. É interessante notar que na Bósnia, para os seguidores da crença do bogomilismo (crença gnóstica cristã) converter-se ao Islã foi conveniente dado contexto, pois já eram perseguidos tanto pelos ortodoxos, quanto católicos (Urea, 2020).

Com o relativo declínio do Império Otomano desde o fim do século XVII, diversas potências vizinhas passaram a visar a região, como os Habsburgos e os russos (Hosch, 1972). Os Habsburgos detinham influência sobre a Eslovênia e Croácia, evidentemente, os locais de maiores fervores nacionais e de revoltas eram na fronteira entre os impérios. Com tal política de influência por Viena, os sérvios por sua vez, viram como uma ameaça um novo domínio estrangeiro, com uma língua administrativa e religião distintas, dado momento o proto-nacionalismo passa a

²⁵ Ottoman authorities seldom exerted pressure on Christians to convert to Islam, although there were fiscal and legal benefits in doing so. From an administrative point of view the empire was divided into “millets”. A “millet” consisted of a single religious confession. Religious leaders had a great responsibility concerning collection of state taxes and maintenance of order within the religious community. The most part of Balkan Christians were Orthodox. In these circumstances they were members of the millet ruled by the Greek patriarch in Constantinople. The taxes they had to pay included *devşirme*. [...] In the Balkans, the vast majority of non-Muslims were Orthodox Christians, alongside a significant minority of Jews and a few Roman Catholics. Unfortunately, the combination of secular and religious powers invested into the clergy led to corruption, especially at higher hierarchical levels. In the meantime, corruption became endemic. Yet the system of religious communities managed to isolate Christians from Muslims, contributing to the long-term survival of the various Balkan peoples (Urea, 2020, p. 11).

²⁶ Ressalta-se a política do *devşirme*, que consistia na coleta de crianças cristãs capturadas em batalha para que no futuro, fizessem parte do corpo dos janízaros (elite do exército otomano) e se convertessem ao Islã (Schevill, 1991). Vale-se tomar nota que os sérvios eram considerados um povo guerreiro pelos otomanos, assim, compunham em grande medida o exército otomano.

emergir nos círculos culturais e os sérvios passam a cultuar suas origens e sua missão histórica (Hosch, 1972).

3.4 A ascensão das Nações Balcânicas

Durante os séculos XVIII e XIX, profundas transformações acometeram os Bálcãs, principalmente o surgimento do proto-nacionalismo sérvio e croata²⁷. Nota-se que o multiculturalismo balcânico estava sob o véu do sistema dos “millets”, todavia, tal sistema passou a perder importância à medida que o ideal de Estado-nação crescia. O avanço do nacionalismo no leste europeu abateu fortemente os otomanos, ao exemplo dos gregos, sérvios e montenegrinos, que conquistaram sua autonomia já no início do século XIX, enquanto os búlgaros se levantaram com o apoio russo na guerra de 1877-78, que culminou no Tratado de San Stefano²⁸ e depois no Congresso de Berlim (Kaplan, 1993).

A falta de coordenação entre as várias revoluções nacionais, impediu que obtivessem a solidariedade comum que foi necessária ao fim do século XIX. Os croatas, que primeiramente ansiavam por uma união entre Ilírios, já conformaram-se com a ideia de uma independência nacional, assim como os sérvios que inspirados pelo ideal da “Grande Sérvia” de Dušan, buscavam a independência (Hosch, 1972).

De acordo com Glenny (1999), a primeira grande ruptura foi a Primeira Revolta Sérvia de 1804, que apesar de ter sido reprimida, abriu caminho para a Segunda Revolta de 1815 e para a formação de um principado autônomo sob suserania otomana, reconhecido formalmente em 1830. Poucos anos depois, em 1821, os gregos iniciaram sua guerra de independência, apoiados por intelectuais da diáspora e pelas grandes potências europeias, conquistando em 1830 o primeiro Estado-nação independente dos Bálcãs modernos. O terceiro movimento nacional

²⁷ Sabe-se que a Croácia culturalmente e historicamente é ligada ao Ocidente e à autoridade papal, todavia, etnicamente, a diferença entre croatas e sérvios é mínima, de acordo com Kaplan (1993), se não fosse pela questão religiosa, muito pouco haveria para diferenciá-los. Inclusive, deve-se tomar nota de que apesar dos croatas terem sido duramente explorados pelos Habsburgos, a população parece ter perdoado tal perseguição.

²⁸ Prevê a implementação de uma “Grande Bulgária”, todavia, no Congresso de Berlim tais fronteiras foram redefinidas e as independências da Sérvia, Montenegro e Romênia, além da autonomia da Bulgária, foram reconhecidas, o que contribuiu para a criação de diversos Estados que tornaram-se rivais entre si, tal divisão pós Guerra Russo-Turca contribuiu significativamente para o aumento de tensões nos Bálcãs que culminaria na 1ª Guerra Mundial (Glenny, 2012).

que obteve sucesso foi na Romênia, na segunda metade do século XIX.

Acompanhado dos Liberalismo e Constitucionalismo europeu, os jovens intelectuais balcânicos inspirados pela solidariedade político-social, com toques de romantismo e pan-eslavismo compartilharam o sentimento revolucionário, em um contexto de crescente nacionalismo nos Bálcãs e na Europa (Hosch, 1972). Além disso, através dos séculos de dominação otomana, tanto na Albânia quanto na Bósnia-Herzegovina, surgiu uma classe aristocrática muçulmana que viu-se em perigo a partir do momento em que os nacionalismos surgiram nestes locais, neste contexto, tal classe defendeu uma homogeneidade com os turcos, evidentemente interligados pelos benefícios provindos da religião Islâmica (Hosch, 1972).

As tensões aumentaram em meados de 1875, quando os sérvios revoltaram-se novamente contra a dominação austríaca tanto em Herzegovina, quanto na Bósnia.

Ambas foram encorajadas pelas atividades revolucionárias baseadas na Sérvia e em Montenegro, e eram também apoiadas pelos sérvios do sul da Hungria. Na complexa crise diplomática internacional que se seguiu de 1876-78, o governo russo sacrificou interesses sérvios; e Bósnia e Herzegovina, os dois territórios sérvios mais ardentemente desejados pelos patriotas da Sérvia, foram colocados sob administração austríaca enquanto ainda se sujeitavam nominalmente ao suserano otomano. Essa decisão criou forte ódio contra a Áustria na Sérvia. Na Hungria, aqueles sérvios que expressaram apoio à causa sérvia contra a Turquia foram perseguidos. Os sérvios da Bósnia continuaram fundamentalmente hostis à Áustria e na Sérvia um crescente número considerava a Áustria como maior inimiga da Sérvia, segundo Seton Watson, maior mesmo que a tradicional, porém declinante, Turquia. (Azevedo, 2005, p. 48).

Além disso, no início do século XIX, através de uma elite bem instruída e intelectual, arraigada pelos ideais iluministas, tornou-se imperativo transformar suas comunidades do Leste Europeu em Nações e que deviam ser reconhecidas como tal, partindo de pressupostos iniciais e comuns como a religião, a língua e cultura para desta maneira, autodeterminar-se (Azevedo, 2005). Ressalta-se a importância do movimento do pan-eslavismo na construção de uma identidade nacional dos povos eslavos, idealizada principalmente pelos povos da Bulgária, Macedônia, Sérvia e Rússia. O principal meio de exercer os nacionalismos nos Bálcãs foi através da língua, pois as elites locais passaram a ver seus grupos linguísticos como uma ferramenta de construir o nacionalismo, desta maneira conseguiram influenciar as camadas inferiores a consciência nacional de base linguística (Azevedo, 2005).

Concomitantemente, o Império Austro-Húngaro expandiu sua influência principalmente na Bósnia-Herzegovina (que havia recém se libertado do domínio dos turcos), administrada por seus oficiais a partir de 1878 e formalmente anexada em 1908. Tal presença aumentou a rivalidade com a Sérvia, que entendia a Bósnia como parte de seu plano de unificação dos eslavos do sul. Além disso, o Império fomentava divisões internas: apoiava comunidades croatas e católicas para conter os sérvios ortodoxos, e tentava impor modelos administrativos que mostravam-se o contrário da tradição otomana dos “millets”, o que reforçou a retórica belicosa entre “Ocidente” e “Oriente” dentro da Bósnia (Glenny, 2012).

À medida que os nações se consolidavam, as línguas locais ganharam papel central na construção das identidades nacionais²⁹: gramáticas e literaturas foram sistematizadas, como no caso do croata e do sérvio, cujos intelectuais buscaram padronizar o idioma com base no dialeto štokaviano³⁰, enquanto os búlgaros desenvolveram uma gramática moderna para diferenciar-se do grego e do turco (Glenny, 2012). Ressalta-se a semelhança do idioma sérvio-croata, salvo que Belgrado utiliza o alfabeto cirílico e Zagreb o alfabeto latino, justamente com o objetivo de diferenciar uma língua da outra e reforçar o nacionalismo próprio, desta maneira cada Estado balcânico possui sua própria língua, apesar da semelhança entre eles (graças ao fato de serem dialetos do sérvio-croata) (Alves, 2004). Ademais, a Sérvia foi reconhecida como Estado independente através do Tratado de Berlim em 1878, após participar da Guerra Russo-Turco ao lado dos russos contra os otomanos, em 1882, a Sérvia se tornou oficialmente um reino com o rei Milan I.

Após 1887, os Bálcãs ficariam fora dos holofotes, isto é, até 1908³¹ quando a Bósnia-Herzegovina é anexada definitivamente pelo Império Austro-Húngaro, pode ser definido como um prelúdio das Guerras Balcânicas (1912-1913), e em seguida pelo estopim da Primeira Guerra Mundial (Jelavich, 1983). Os anos que

²⁹ Exemplifica-se através da Albânia, que durante o período de independência do Império Otomano, buscou através da língua albanesa uma autoafirmação nacional. No entanto, a região era marcada pela pluralidade étnica, composta por gregos, eslavos e albaneses, deste modo a unidade nacional encontrou dificuldades para instaurar a língua albanesa nas escolas, tendo sucesso apenas em 1908 quando o alfabeto latino foi adotado (Jelavich, 1983).

³⁰ É o dialeto mais difundido da Bósnia-Herzegovina, Sérvia e Croácia, servindo como base para estas línguas.

³¹ Neste mesmo ano, houve a Revolta dos Jovens Turcos, que segundo Glenny (1999), sua importância se compara até mesmo com a Revolução Russa (1917), pois, o intuito dos jovens era ser uma resposta ao despotismo do Sultão Abdülhamid, além de que os jovens buscavam reviver os tempos áureos Império Otomano, as demandas foram atendidas e o CUP (Committee of Union and Progress, partido dos Jovens Turcos), detinha o poder real sobre o império.

antecederam a Grande Guerra foram marcados por crises econômicas nos Bálcãs, pois as sociedades na Península eram majoritariamente agrárias, ao exemplo da Sérvia e Bulgária, em que 80% da população era voltada para a agricultura. Fatores como a taxa de natalidade em alta e a mortalidade em baixa, além de que a região recebia imigrantes do território otomano vizinho, a agricultura viu-se sobrecarregada e sem conseguir suprir a demanda (Jelavich, 1983).

De acordo com Jelavich (1983), o desenvolvimento econômico dos Bálcãs no século XIX e início do XX foi lento e desigual, marcado pela transição de uma economia agrária de base semifeudal para formas mais próximas ao capitalismo moderno. A maior parte da população ainda estava vinculada ao campo, com estruturas sociais tradicionais e forte dependência da terra, mas gradualmente surgiram reformas agrárias, abertura comercial e investimentos estrangeiros que integraram a região à economia europeia. Apesar de alguns avanços, como o crescimento de centros urbanos e o início da industrialização, os Bálcãs permaneceram economicamente atrasados em relação ao restante do continente, o que acentuou tensões sociais e políticas que influenciaram o nacionalismo local.

Houve uma corrida armamentista generalizada na Europa durante tal período, nos Bálcãs o cenário não foi diferente, aproveitando o enfraquecimento do Império Otomano, Sérvia, Bulgária, Grécia e Montenegro passaram a modernizar seu aparato militar (Kaplan, 1993). O príncipe Ferdinando, percebendo a fragilização otomana decide declarar a Bulgária totalmente independente, seguido pela já mencionada, anexação da Bósnia-Herzegovina em 1908.

O estopim dessa nova fase foi a Primeira Guerra Balcânica (1912), quando Sérvia, Bulgária, Grécia e Montenegro uniram-se por um breve pacto e lançaram uma ofensiva contra o Império Otomano. A vitória foi rápida e quase completa: em poucas semanas, os aliados haviam conquistado quase todas as possessões otomanas na península, deixando ao império apenas a Trácia oriental, graças à recente modernização militar dos Estados Cristãos aos moldes ocidentais. Todavia, a união não perdurou graças às disputas pela Macedônia, região reivindicada por todos. A insatisfação búlgara levou ao início da Segunda Guerra Balcânica (1913), quando Sérvia, Grécia, Romênia e até o próprio Império Otomano se voltaram contra a Bulgária, derrotando-a (Schevill, 1991).

As lutas militares pela unificação nacional, que culminaram nas Guerras

Balcânicas (1912–1913), contribuíram enormemente para a consolidação dos Bálcãs como um conceito político que representava uma região etnicamente instável, explosiva e ameaçadora à paz europeia. Na virada do século, essa representação desfavorável foi difundida por meio de numerosos estudos sobre a Macedônia (e a “Questão Macedônica”), apresentando-a como a “miniatura dos Bálcãs”. Como essa imagem — complementada pelos dilemas da “europeização” — moldou o discurso público ocidental (de caráter orientalista) acerca dos Bálcãs já foi amplamente analisado (Todorova 1997). Às vésperas da Primeira Guerra Mundial, a plena convergência entre geografia e política, no nível da terminologia, já estava estabelecida (Mishkova, 2017, p. 145, tradução nossa)³².

Tais Guerras Balcânicas influenciaram na instabilidade europeia do início do século XX, além disso, reforçaram o pensamento dos europeus ocidentais que a “Questão Oriental” dos Bálcãs trazia uma ameaça para a estabilidade política da Europa como um todo. Mishkova ainda traz o debate acerca do uso do termo “balcanização”, que consigo passou a trazer conotações negativas relacionadas à instabilidade política.

A variedade de concepções políticas da região no século XIX se completava com os diversos projetos (con) federalistas que surgiram a partir de planos liberal-democráticos e socialistas de libertação nacional, livres da interferência das grandes potências e como resposta à impossibilidade de criar estados etnicamente homogêneos. [...] No entanto, a ideia federalista do século XIX forneceu um conceito da região e de sua reorganização política que os muito mais bem estruturados movimentos social-democrata e comunista se mostraram dispostos a aproveitar após a Grande Guerra (Mishkova, 2017, p. 145-146, tradução nossa)³³.

Por outro lado, percebe-se que nos círculos intelectuais dos Bálcãs em meados do século XIX, a ideia de uma federação dos eslavos do sul era ventilada. Além disso, a autora aborda o anseio em libertar-se do domínio estrangeiro e

³² The military struggles for national unification, which culminated in the Balkan wars (1912–13), greatly contributed to the stabilization of the Balkans as a political concept standing for an ethnically unsettled, explosive region threatening the European peace. At the turn of the century, this unsavory representation was diffused through numerous studies on Macedonia (and “the Macedonian Question”) featuring it as the “miniature of the Balkans.” How this image—supplemented with the predicaments of “Europeanization”—molded the (Orientalist) western public discourse of the Balkans has by now been abundantly surveyed (Todorova 1997). By the eve of World War I, the full convergence of geography and politics at the level of terminology was in place (Mishkova, 2017, p. 145).

³³ The array of political conceptualizations of the region in the nineteenth century is rounded off by the various (con)federalist projects which emerged out of liberal-democratic and socialist plans for national liberation free of great-power interference and for coping with the impossibility of creating ethnically homogeneous states. [...] Nevertheless, the nineteenth century federalist idea did provide a concept of the region and of its political re-arrangement that the by far better-organized social-democratic and communist movements would prove eager to capitalize on after the Great War (Mishkova, 2017, p. 145-146).

reforçar uma identidade própria, a unificação dos Eslavos do Sul foi posteriormente bem utilizada, no entanto, ressalta-se a importância que tais movimentos tiveram na autodeterminação frente ao domínio externo.

O Tratado de Bucareste (1913) redefiniu o mapa balcânico, pois: a Sérvia dobrou seu território e consolidou seu papel de liderança entre os eslavos do sul; a Grécia fortaleceu-se no Egeu; a Bulgária, derrotada, cultivou ressentimento e desejo de revanche; e os otomanos, apesar de enfraquecidos, recuperaram parte da Trácia; a Macedônia foi dividida entre Grécia e a Sérvia. Schevill (1991) enfatiza que as guerras traçaram linhas fronteiriças sem considerar as diferenças étnicas, o que apenas aumentou os ressentimentos e fortaleceu as ambições nacionais, apesar disso, houve um crescente sentimento de irmandade entre os eslavos do sul.

Assim, os Bálcãs entraram em 1914 como um verdadeiro “barril de pólvora”. A ascensão sérvia ameaçava a estabilidade austro-húngara, ao passo que a Bulgária buscava revanche e as rivalidades pela Macedônia e pela Albânia permaneceram em voga. Somados ao envolvimento direto das grandes potências (Rússia apoiando a Sérvia e Áustria-Hungria tentando conter o expansionismo eslavo), tais fatores explicam os motivos do por que a península estava condenada a ser o estopim de um conflito muito maior. O atentado de Sarajevo não foi um caso isolado, mas o destino de uma série de tensões acumuladas.

O atentado em Sarajevo em 28 de junho de 1914 resultou na morte do herdeiro da coroa Austro-Húngara, o Arquiduque Francisco Ferdinando³⁴ e de sua esposa Sofia, o atirador foi um estudante chamado Gavrilo Princip, de origem bósnia-sérvia, fazia parte do grupo “Mão Negra”, que consistia em um movimento estudantil sérvio. De acordo com Glenny (1999), nenhum outro assassinato na história precipitou tantos eventos calamitosos, Guerra Mundial, colapso imperial, ascensão do socialismo. Gavrilo ao fim de sua vida reconheceu que, mesmo se não houvesse assassinado o Arquiduque, a guerra aconteceria de um jeito ou de outro.

O Entre-Guerras foi marcado pela crise não apenas nos Bálcãs, mas em toda a Europa. Uma reconfiguração no mapa balcânico foi imperativa, com a queda dos Impérios Otomano, Austro-Húngaro e Alemão, o reajustamento das relações internacionais se deu em um contexto pós-Grande Guerra. Todavia, os Bálcãs enfrentaram dificuldades em estabelecer fronteiras que condizem com as diferenças étnicas e culturais dos povos que lá habitam (Jelavich, 1983). Com o fim da guerra,

³⁴ Sobrinho do Imperador Francisco José I.

formou-se o Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos³⁵ em 1918 sob o Rei Pedro I, com a capital sendo Belgrado, posteriormente em 1929, adotou o nome de Reino da Iugoslávia (que significa “Terra dos Eslavos do Sul”) (Aguilar; Mathias, 2012).

O Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos foi estabelecido sem fronteiras claras e sem ordem constitucional, além disso, outros Estados não reconheceram imediatamente a existência de tal Reino, com receio de amargar as ambições italianas. Todavia, os habitantes do reino estavam indo para as ruas manifestar-se, principalmente os camponeses no Kosovo, Montenegro, Macedônia, Croácia e Dalmácia, contra a centralização que os sérvios impunham através de sua influência (Glenny, 2012). O reino muda de nomenclatura e passa a se chamar de Reino da Iugoslávia em 1929

Com tal contexto de insegurança nos Bálcãs, exacerbada pelo revisionismo que a Bulgária manifestava pelos tratados impostos, intelectuais e políticos liberais da região idealizaram uma colaboração conjunta para reduzir sua dependência das grandes potências europeias. A movimentação para a União dos Povos Balcânicos culminou na Conferência Balcânica (1930-1934), tal projeto previa superar a visão negativa que a região recebia do mundo, o objetivo não era de instaurar um governo supranacional, mas pode ser considerado como um bloco regional. Os objetivos da conferência consistiam em: Garantir a paz e segurança regional; Liberalizar a economia; Consciência Balcânica (Mishkova, 2017). O lema da Conferência era “Os Bálcãs para os povos balcânicos”, é possível observar certa semelhança de caráter utópico pós-Grande Guerra, no tocante ao que representava a corrente liberal em ascendente do período.

Apesar da Conferência ter fracassado em certos pontos, se resultou em 1934 a assinatura do Pacto Balcânico entre o Reino da Iugoslávia, Grécia, Turquia e Romênia, de caráter defensivo e militar. Todavia, mesmo sem alcançar a maioria de suas propostas, a Conferência foi o mais longe que a península chegou de uma unificação regional concreta até dado momento (Mishkova, 2017). Por outro lado, o centralismo sérvio no Reino da Iugoslávia foi predominante no aparato estatal, os principais ministérios e o exército ficaram nas mãos majoritariamente de Belgrado.

Graças ao histórico croata e esloveno de pertencer ao Império Habsburgo, possuíam uma tradição de certa autonomia política, o que fez com que estes povos

³⁵ Abrangia além dos citados, também o Reino da Sérvia, Montenegro e Voivodina, motivados pelo desmembramento do Império Austro-Húngaro e pelo pan-eslavismo.

exigissem uma estrutura federal (Jelavich, 1983). Ao mesmo tempo, o Entre Guerras foi marcado por uma forte crise econômica nos Bálcãs, o Reino da Iugoslávia era majoritariamente agrário e pouco industrializado, com a maioria do aparato industrial situada no norte do reino (Croácia e Eslovênia), com assimetria regional de desenvolvimento.

Sob o reinado de Alexandre I (1921-1934)³⁶, o reino foi marcado por turbulências internas que causaram o acúmulo de movimentos ultranacionalistas que seriam protagonistas na Segunda Guerra Mundial. Durante seu reinado, o principal líder do Partido Camponês da Croácia, Stjepan Radić, exigia uma organização federal, todavia ele e seus seguidores eram reprimidos e perseguidos, até que em 1928, Stjepan é assassinado. A monarquia parlamentar³⁷ foi dissolvida em 1929 e o reino transformou-se em uma ditadura real, com a dissolução de partidos da oposição, supressão da liberdade de expressão e reorganização do país em províncias artificiais (banovinas), traçadas de modo a garantir maiorias sérvias (Jelavich, 1983).

O governo realizou uma ampla reforma agrária que redistribuiu terras de grandes proprietários a centenas de milhares de camponeses, especialmente nas áreas que tinham pertencido à Áustria-Hungria e onde a nobreza muçulmana dominava a posse de terras. Isso reduziu as tensões sociais imediatas, mas não resolveu a dependência agrícola, nem criou um setor industrial sólido. A crise de 1929 e a Grande Depressão agravaram esse cenário, limitando o comércio e aumentando o protecionismo, o que reforçou um clima de nacionalismo econômico em toda a região (Jelavich, 1983).

Vale ressaltar que em 1929 Ante Pavelić, um advogado bem-sucedido com trinta e nove anos na época, era a principal figura do Partido Croata dos Direitos. Pavelić realizou diversas aparições públicas em 1929 com um discurso regado a um ultranacionalismo croata, defendia uma derrubada violenta da Iugoslávia, desta maneira foi condenado a alta traição e fugiu em exílio para a Itália de Mussolini, neste contexto, surge o movimento da Ustaše (Glenny, 2012). O movimento tinha

³⁶ Apesar do período majoritariamente ter sido marcado pelas crises, no ano de 1925 o reino passou por uma espécie de "Belle Époque", com o florescimento cultural extenso nas duas maiores cidades da Iugoslávia (Zagreb e Belgrado). Tal breve harmonia foi possível graças a uma conversa entre Alexandre e Radić, que transformou-se em Ministro da Educação, o que conciliou os ânimos do Partido Camponês da Croácia e Belgrado (Glenny, 2012).

³⁷ Ressalta-se a importância da figura política de Nikola Pašić, que desempenhou o papel de Primeiro-Ministro três vezes entre 1918 e 1926.

características fascistas, anti-semitas, anti-comunistas e genocida, para além das semelhanças com o fascismo e o nazismo, o movimento ainda era anti-sérvio e pró-Católico (inclusive o movimento recebeu respaldo de parte da Igreja Católica Croata) (Retchkiman, 2020).

Alexandre I foi assassinado em 1934 em uma visita de Estado em Marselha, assim como o Ministro das Relações Exteriores da França, Louis Barthou, os Ustaše organizaram tal atentado em conjunto com o IMRO (força revolucionária macedônia) (Glenny, 2012). O reino foi assumido por Pedro II³⁸, o último monarca a exercer o comando da Iugoslávia. Deve-se ter em mente que a Alemanha Nazista observava as reservas de minérios dos Bálcãs com atenção, ao passo em que tanto Mussolini e Hitler passaram a apoiar movimentos extremistas na Península, para que dessa forma tivessem Estados marionetes ao seu dispor.

A década de 1930 foi acometida por uma severa crise econômica, a população carecia de confiança nas instituições, no pluripartidarismo e na corrupção generalizada, a tendência da região era de rumar ao autoritarismo, pois possuíam dois grandes exemplos a seguir: a Itália fascista e a União Soviética (Jelavich, 1983). Ao passo em que no Reino da Iugoslávia, grande parte dos povos que não eram sérvios foram perseguidos, como albaneses, macedônios, croatas, muçulmanos e comunistas. Ao mesmo tempo, o período que antecede a Segunda Guerra Mundial foi marcado pelo relaxamento de certas medidas repressivas. Todavia, sob a regência de Paulo, o seu Primeiro-Ministro Milan Stojadinovic era considerado um proto-fascista, desta forma, a penetração nazi-fascista havia começado na Península (Glenny, 2012).

A forma como, inicialmente, seu deu a ocupação foi puramente diplomática, apesar da Iugoslávia geograficamente ser parte da zona de influência italiana, foram os alemães que conduziram as negociações. O Príncipe Paulo e seus ministros foram convidados a assinar o Pacto Tripartite (Alemanha, Itália e Japão), o ambiente doméstico dos políticos iugoslavos estava em ebulição, pois, caso o pacto fosse assinado, teriam ter que enviar contingentes militares para lutar em frentes a favor do Eixo, ao passo em que caso não concordassem em assinar, não poderiam ter capacidade militar e econômica de sustentar um conflito sozinhos contra a

³⁸ Pedro II possuía apenas onze anos de idade quando seu pai foi assassinado, desta maneira, organizou-se um reinado regencial liderado pelo primo de Alexandre I, o príncipe Paulo (Jelavich, 1983).

Alemanha. O resultado levou a assinatura do Tratado, com cláusulas como a promessa de que não haveria passagem de tropas em território iugoslavo, ademais, não precisariam participar da guerra ao lado da Itália e Alemanha (Jelavich, 1983).

Após a assinatura do tratado, a população espontaneamente revoltou-se e tal movimentação traduziu-se em um Golpe de Estado em 27 de março de 1941, sob o comando do líder da Força Aérea Iugoslava, o General Dušan Simović. O golpe foi reflexo da indignação da população iugoslava, um dia antes em 26 de março de 1941, cantos eram ouvidos em Belgrado na voz de estudantes que diziam “*Bolje rat nego pakt*” (Melhor guerra do que o Pacto) e “*Bolje grob nego rob*” (Melhor o túmulo do que ser escravo). O que Simović não premeditou foi o fato de que o reino não era mais centralizado politicamente como nos tempos de Alexandre I, pois, o Estado estava dividido em dois, com uma parte autônoma ao norte na Croácia e Eslovênia, a outra metade era na Bósnia-Herzegovina (Glenny, 2012).

Em questão de dias, Simović passou a glorificar o passado sérvio, através de discursos que enalteciam mitos fundadores, a Batalha do Kosovo, a luta contra os turcos e os príncipes medievais sérvios. Apesar da política do novo governo ter se comprometido a cumprir as medidas do Tratado Tripartite, Hitler já havia decidido invadir e ocupar militarmente o país (Jelavich, 1983). Em meados de abril de 1941, a invasão alemã começou, logo no dia 10 de abril, Hitler colocou Pavelić (Líder dos Ustaše) no comando da Croácia, transformando-a em um Estado fantoche fascista, o Estado Independente da Croácia. Rapidamente, Pavelić instaurou uma ditadura firme regada a leis raciais contra Judeus, Romas e Sérvios, além de criar um sistema de campos de concentração (Pavlaković, 2008).

Em quase todas as partes do país, o estabelecimento de uma nova autoridade foi acompanhado pelo acerto de velhas contas e pela abertura de novas. A governança foi substituída por um terror de Estado em escala horrível. Os Ustaša transformaram seu território em um grande matadouro. Os alemães em Belgrado não perderam tempo em elaborar suas listas de judeus, romas e subversivos, enquanto, na Macedônia do Norte, soldados e policiais secretos búlgaros torturavam suspeitos de simpatizar com os sérvios e penduravam seus corpos mutilados em postes de iluminação pública. Aqueles que se encontravam nas zonas ocupadas pelos italianos foram os menos infelizes (Glenny, 2012, p. 486, tradução nossa)³⁹.

³⁹ In almost every part of the country, the establishment of a new authority was accompanied by the settling of old accounts and the opening of new ones. Governance was replaced by state terror on a horrifying scale. The Ustaše turned their territory into one great slaughterhouse. The Germans in Belgrade lost no time in drawing up their lists of Jews, Gypsies and subversives while in northern Macedonia, Bulgarian soldiers and secret policemen were torturing suspected Serb sympathizers and hanging their mutilated bodies from street lamps. Those who found themselves in Italian occupied zones were the least unfortunate (Glenny, 2012, p. 486).

A ocupação alemã na Iugoslávia foi palco para a criação de uma forte resistência contra os invasores, o movimento dos Partisans⁴⁰, liderado por Josip Broz Tito (ver figura 3), despontaram como o movimento de maior expressão e rapidamente ganharam reconhecimento internacional, sobretudo após a comunidade internacional perceber a sua capacidade de causar sérias perdas às forças nazistas e Ustaša. Sua imagem foi construída como a do guerrilheiro heroico, símbolo de uma luta popular e antinazista, projetada até mesmo em filmes e periódicos ocidentais durante a guerra (Michail, 2012). Ao passo em que, o genocídio praticado pelos Ustaša vitimou cerca de 300 a 400 mil pessoas, incluindo 50 mil judeus, a igreja católica croata protegeu muitos criminosos de guerra, além de que muitos padres envolvidos em assassinatos, nem mesmo foram exonerados de seus cargos (Retchkiman, 2020).



Figura 3: Josip Broz Tito (à esquerda) com Moša Pijade em Foča (1942)

⁴⁰ Entre 15 e 20% dos guerrilheiros Partisans eram mulheres, os Chetniks as chamavam de “Prostitutas” (Benson, 2002).

(Áustria-Fórum, 2025).

Por outro lado, os Chetniks, grupo monarquista e inicialmente também de resistência, acabaram por perder espaço político e militar, o movimento via os Partisans como seus principais adversários. Sua colaboração ocasional com os alemães e italianos fez com que, ainda durante o conflito, o apoio britânico e aliado migrasse para os Partisans, vistos como mais eficazes e genuinamente comprometidos com a libertação nacional. A liderança dos Chetniks estava sob o comando do Coronel Draža Mihailović, grande parte dos camponeses o apoiavam, no entanto, sua liderança era fraca. A população oscilava entre a opressão brutal do Eixo e a esperança depositada nos movimentos de libertação, com os Partisans mostrando-se como o núcleo mais sólido e representativo da revolução nacional. O contexto da guerra permitiu a criação de uma resistência que, ao fim da guerra, pavimentaria o caminho para a Iugoslávia socialista de Tito (Michail, 2012).

3.5 Tito no poder: Irmandade e Fraternidade

As ideias supranacionais de Tito acerca de uma Iugoslávia unida encontram suas bases até mesmo na sua origem, pois nasceu em Kumrovec no ano de 1892, na fronteira entre Eslovênia e Croácia, em 1892, filho de pai croata e mãe eslovena, além de vir de família camponesa (Benson, 2002). Ademais, ressalta-se que Tito teve um passado militar glorioso, serviu para o Império Austro-Húngaro durante a Primeira Guerra Mundial, quando foi capturado pelos russos e teve participação na Revolução Russa de 1917, quando seus ideais socialistas afloraram. Sob seu comando, os Partisans libertaram praticamente sozinhos o país, através do Conselho Antifascista de Libertação Nacional da Iugoslávia (AVNOJ)⁴¹.

Ainda durante a Guerra, ao passo em que os Partisans libertavam as áreas ocupadas, também criavam “governos populares”, além de permitir o voto das mulheres e garantir autonomia política popular em decisões políticas, o que aumentou seu apoio pela camada popular e instaurou as bases para a Iugoslávia

⁴¹ O AVNOJ, criado em 1942 como órgão da resistência partisans, consolidou-se na Segunda Sessão da AVNOJ em 1943 como governo provisório, conferindo legitimidade à liderança de Tito e estruturando a futura Federação Iugoslava. Ademais, teve papel central na legitimação do poder comunista, estruturou a futura Federação e assegurou as bases políticas para a Iugoslávia de Tito, já em 1945, a Terceira Sessão reconheceu formalmente o governo provisório até a assembleia constituinte (Benson, 2002).

socialista⁴² (Severo, 2011). Além disso, durante a guerrilha, os Partisans perceberam que para lograr a vitória, teriam de deixar de lado as rivalidades entre as diferentes nacionalidades, sua luta se baseava na libertação nacional para impor uma sociedade igualitária (Casanova, 2004).

Após o fim da Guerra, o até então Reino da Iugoslávia transformou-se na República Popular Federativa da Iugoslávia, liderada pelo Partido Comunista de Tito no dia 29 de novembro de 1945, eleito com mais de 90% dos votos, composta pela Eslovênia, Croácia, Sérvia, Bósnia-Herzegovina, Montenegro e duas províncias autônomas, Kosovo e Voivodina, com direito a secessão (algo ilusório, assim como na URSS em 1936), cada república possuía sua própria constituição, assembleia e governo, funcionavam quase como Estados efetivos, autonomia esta que atenuou-se com a Constituição de 1974.

Com a monarquia abolida, o Partido Comunista Iugoslavo havia ascendido ao poder sem o auxílio da URSS, todavia, até 1948 a forma de governo de Tito seguia o modelo soviético, em grande parte através da Constituição de 1946⁴³ (Mazat, 2011). Os cidadãos que compunham o país agora detinham além de suas Repúblicas Federativas, um Estado-Nação para se autodenominar iugoslavos, ou seja, as “nações” presentes no território, voltaram-se para a centralização iugoslava.

O fato da Iugoslávia ter sido liberta sem o envolvimento direto da União Soviética, possibilitou que seus comandantes gozassem de uma autonomia que não era comum a outros Estados do Leste Europeu no pós-Segunda Guerra. As tensões entre Belgrado e Moscou degradaram-se também no contexto econômico, a Iugoslávia recusou a oferta soviética de estabelecer sociedades por ações, que consistia na maneira preferível que a URSS utilizava para extrair recursos de países satélites em função de reestruturar a economia soviética. Ao passo em que a Iugoslávia preparou um plano econômico de 5 anos, o que tornava o país um expoente de independência no Leste Europeu, fato este que tensionou ainda mais as relações de Tito com Stalin (Glenny, 2012).

Para transcender os embates étnicos e nacionais da Iugoslávia, a

⁴² Entende-se que a concepção socialista iugoslava se difere da visão soviética nos meios a alcançar o comunismo. O socialismo iugoslavo distinguiu-se do modelo soviético justamente pela adoção da autogestão, que transferia a gestão das empresas e instituições aos trabalhadores organizados em conselhos, consolidando um sistema descentralizado e democrático (Queiroz, 1981).

⁴³ Para resguardar as particularidades étnicas, religiosas, culturais, linguísticas e alfabéticas, a Constituição de 1946 garantiu que a federação multiétnica preservasse suas raízes, graças à isso, não se tem registros de insurgências nacionalistas exclusivistas nos primeiros quinze anos de existência da Iugoslávia de Tito (Severo, 2011).

Constituição de 1946 estabelecia que todos eram iguais, temporariamente o país estava unificado em prol de um bem maior, industrializando-se no contexto pós-guerra. O plano econômico adotado previa a Reforma Agrária generalizada, a qual dividiu as terras em porções menores e distribuídas para camponeses individuais que não possuíam propriedade própria, além da estatização da economia, todavia, apesar do país espelhar-se no modelo de industrialização soviética - isto é, o excedente para investimento teria de vir através do campesinato - após uma severa seca, em 1950 a coletivização de terras foi abandonada (Benson, 2002). Além da seca, camponeses de diversas regiões protestaram do modelo adotado pelo governo, graças à imposição política que previa a entrega forçada de grãos a preços fixos, o que gerou perseguições.

Deve-se ter em mente que o Marechal Josip Tito iniciou sua carreira na política iugoslava como Primeiro-Ministro, de 1945 até 1953, enquanto o presidente do país era Ivan Ribar, além de ter sido Ministro de Defesa, todavia, Tito já era visto como liderança inquestionável da Iugoslávia e figura proeminente, seja no cenário interno e quanto no externo. Tito era dotado de um carisma reconhecido por grande parte da população, além disso, cultuava a sua imagem como líder central. A influência da Iugoslávia no campo internacional do socialismo era forte, desta forma, em conjunto com os Estados da cortina de ferro e a URSS, criou-se a Kominform, em 1947, que servia como um centro de troca de informações entre os socialistas, a sede ficava em Belgrado (Jelavich, 1983).

O ponto de inflexão foi em 1948, quando se deu o cisma entre Tito e Stalin, após a Iugoslávia ter sido expulsa da Cominform, pois o líder soviético criticava a postura “arrogante” de Belgrado e seu viés independentista, a decadência das relações entre os Estados socialistas também tem suas bases nas políticas que a Iugoslávia pretendia em dado momento na Península. Tito buscava realizar uma Federação Balcânica, que abarcasse também a Bulgária, além de interferir na Guerra Civil Grega e demonstrar interesse em anexar a Albânia, o que chocava-se com os planos soviéticos. Moscou justificou a expulsão dos membros do Partido Comunista Iugoslavo pelo fato de serem “revisionistas” dos ideais marxistas-leninistas (Gomes, 2019).

A Iugoslávia tratou de adotar uma política externa independente, distinta dos moldes soviéticos, no que ficou conhecido como “comunismo nacional”, que foi interpretado por Stalin como um “desvio que deveria ser erradicado, pois desafiaria o

caráter monolítico do próprio Partido Comunista Soviético” (Severo, 2011). Desta maneira, Belgrado volta-se para o Ocidente e solicita auxílio financeiro, consequentemente, durante a década de 1950, os EUA investiram cerca de \$3,5 bilhões de dólares, pois era conveniente para os norte-americanos atrair para sua esfera de influência um país geograficamente perto da URSS (Gomes, 2019).

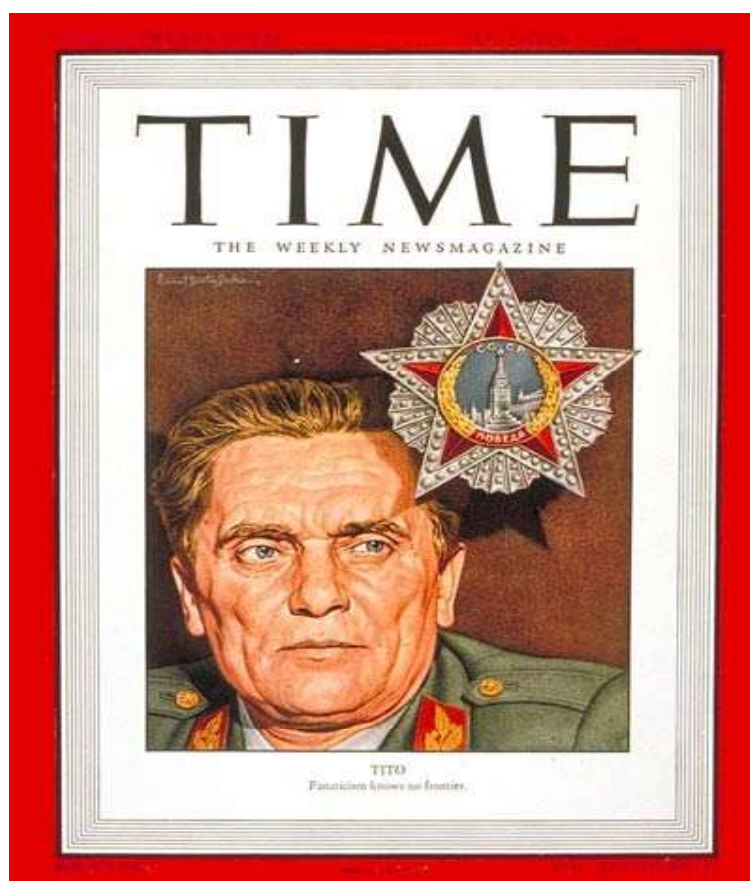
Além disso, o líder era visto com bons olhos pelo Ocidente, deram-lhe a alcunha de “O Bom Comunista”, inclusive, como pode ser observado na Figura 4, o Marechal chegou a ser capa da Revista Time em 1946. Todavia, Tito demonstrou-se pragmático em sua política externa, não se alinhando com Ocidente e tampouco com o Oriente, graças à isso, a Iugoslávia se tornou um dos membros fundadores do Movimento dos Não-Alinhados⁴⁴. Durante a década de 1950, a Iugoslávia restabeleceu relações diplomáticas com a URSS em 1955 e com os países satélites comunistas, exceto a Albânia de Enver Hoxha, que temia as tendências expansionistas de Tito (Mazat, 2011).

⁴⁴ Foi um movimento que passou a tomar forma em 1955, através da Conferência de Bandung, todavia, durante a Declaração de Belgrado em 1961 líderes de diversos países encontraram-se na capital da Iugoslávia, neste período ainda não se denominavam como um movimento propriamente dito, porém, a Iugoslávia já se colocava como um dos membros mais ativos do não-alinhamento (Espósito, 2020).

Figura 4: Capa da Revista Time com o rosto de Tito em 1946 (TIME, 2019).

O rompimento com o modelo stalinista causou o isolamento da Iugoslávia e surgiu a necessidade de criar um novo modelo de desenvolvimento econômico no ambiente interno, tal contexto se dá quando o chamado “Titismo” é instaurado, uma forma alternativa de instaurar o socialismo, baseado no sistema de autogestão, o qual os trabalhadores detinham o direito de definir os rumos das empresas, em um sistema descentralizado, um contraste ao centralismo burocrático exercido pela URSS (Gomes, 2019). Ademais, os salários eram definidos pelos próprios trabalhadores, portanto os meios de produção não eram geridos pelo Estado e tampouco por indivíduos, mas sim pela sociedade (Casanova, 2004).

A descentralização associada a este sistema buscava garantir autonomia para



os trabalhadores e prezar pela sua capacidade de gestão administrativa, econômica e cultural. Neste modelo, a administração das empresas e instituições era transferida diretamente aos trabalhadores, organizados em conselhos eleitos, responsáveis pela gestão da produção e pela distribuição dos resultados. Apesar do ceticismo

inicial de Tito, Milovan Djilas⁴⁵ conseguiu convencer o Marechal a adotar tal política, que foi oficialmente adotada em 1950.

[...] Por meio da Lei Básica sobre os Trabalhadores, generalizando esta prática para todas as empresas, organizações de trabalhadores e instituições locais. Esta lei previa que o “conselho dos trabalhadores” (de 15 a 120 membros), o “comitê administrativo” (3 a 10 membros) e o diretor fossem eleitos (ou revogados) pelos trabalhadores em cada empresa, organização de trabalhadores e instituição local. Essas novas instituições, internas a cada empresa, podiam decidir o nível dos salários, do investimento, as orientações da produção, independentemente do estado central. Entretanto, existiam restrições, no sentido que as eleições nos “conselhos de trabalhadores” estavam controladas por um sindicato dominado pelo partido comunista e que havia grandes limitações na autonomia financeira das empresas (Mazat, 2011, p. 20).

Deve-se tomar nota que, para reforçar a identidade “iugoslava”, Tito implementou políticas que unificassem as diferentes etnias, ao mesmo tempo em que equilibravam os limites e particularidades de cada povo. Em 1971, para suprimir crescentes pressões que os croatas estavam impondo, Tito acionou uma política anti-distúrbio, a qual o exército federal interveio em Zagreb, prendendo milhares de pessoas e autoridades, inclusive Franjo Tujman, general do exército (Momce, 2006).

O marechal Tito centralizou o poder em suas mãos procurando abafar as diferenças internas. Criou formas para uniformizar as nacionalidades. Obrigou, por exemplo, que o serviço militar de um croata fosse realizado na Sérvia, e vice-versa. Esse procedimento fez aumentar o número de matrimônios entre sérvios e croatas, cujos filhos tenderiam a assumir uma identidade “iugoslava”. Além disso, os croatas tiveram a obrigatoriedade de aprender nas escolas o alfabeto cirílico. Outro procedimento imposto por Tito foi concentrar determinados segmentos industriais em distintas repúblicas, gerando uma interdependência entre as regiões do país (Momce, 2006, p. 98).

A descentralização também se estendeu às comunas e repúblicas federadas, que culminaria na Constituição de 1974, a qual definiu a autogestão como direito fundamental e princípio organizador da sociedade (Queiroz, 1981). Desta forma, a Iugoslávia construiu um socialismo singular, baseado na autonomia dos trabalhadores e em um socialismo de mercado regulado, distinto do capitalismo

⁴⁵ Esteve ao lado de Tito durante toda a Guerra, assumiu cargos importantes como Vice-presidente da Iugoslávia e presidente da assembleia em 1953, era considerado o herdeiro natural de Tito, até que em 1955, Tito em uma tentativa de reaproximação com a URSS de Krushev, passou a perseguir lideranças revisionistas do socialismo iugoslavo, inclusive o próprio Djilas. Percebe-se uma certa contradição do socialismo iugoslavo: por um lado, pioneiro na descentralização e na busca de uma via alternativa ao stalinismo, por outro, autoritário na repressão interna, para preservar a unidade do regime (Casanova, 2004).

ocidental e do socialismo estatal soviético.

No entanto, ainda em 1953 a tensão entre sérvios e croatas não havia cessado, Belgrado inclusive rompe relações com o Vaticano neste ano (Benson, 2002). Para sanar tais possíveis insurgências nacionalistas pontuais, Tito governou com mão de ferro, além de adotar a terminologia de “Irmandade e Fraternidade” (Bratstvo i Jedinstvo) que seguidamente era utilizado para criar uma identidade supranacional iugoslava. Deve-se ter em mente que Tito aplicou este princípio não apenas como mecanismo de integração, mas também como instrumento de poder, pois alternava concessões de autonomia e repressão seletiva, chegando a estimular tensões entre Sérvia e Croácia para reafirmar sua autoridade central (Glenny, 2012).

Apesar da contradição presente no discurso em face da prática, a política teve efeitos relevantes, uma vez que promoveu relativa estabilidade nas primeiras décadas, permitiu a construção de uma identidade iugoslava comum e, ao mesmo tempo, possibilitou o florescimento econômico e cultural sob a égide socialista (Glenny, 2012). Contudo, seu caráter ambíguo, conciliatório no discurso, mas repressivo na prática, teve um efeito colateral que seria sentido nos anos 1990, os nacionalismos exclusivistas moveram-se para a clandestinidade.

Por outro lado, o modelo de autogestão teve mais peso ideológico do que econômico, a assimetria entre as repúblicas, a falta de sindicatos independentes e a escassa participação das bases nas decisões do conselho fizeram com que o modelo fosse transfigurado, apesar de ter gerado um crescimento médio anual da economia que foi de 13% entre 1952 e 1959, o ponto de virada seria em 1961 (Severo, 2011).

A verdadeira via iugoslava para o socialismo começa a partir de 1961. Os dirigentes liberais tentaram dar um novo impulso à economia mediante a liberalização dos preços, a ampliação das competências dos conselhos operários na distribuição dos investimentos e um sistema de créditos no qual os bancos substituiriam progressivamente a autoridade do Estado. No entanto, para que a reforma fosse eficaz, era necessário pôr fim ao controle do partido sobre a economia. O paradoxo da Iugoslávia, como em muitos regimes de caráter autoritário, era a coexistência entre estruturas autoritárias e uma certa descentralização. E enquanto os dirigentes das repúblicas mais desenvolvidas eram favoráveis à manutenção da economia de mercado, os conservadores exigiam uma maior centralização. Os enfrentamentos entre uns e outros despertaram os antagonismos entre os sérvios, que não queriam perder os benefícios da redistribuição em nível federal, e os croatas e eslovenos, que não aceitavam isso e reclamavam

maior autonomia política (Casanova, 2004, p. 342-343, tradução nossa)⁴⁶

A Constituição de 1963 mostrou importantes passos para o sistema eleitoral e funcionamento do Estado, pois garantiu a rotatividade no Executivo, novas Câmaras na Assembleia Federal e uma Corte Constitucional. Ademais, as repúblicas tiveram suas competências aumentadas, ao mesmo tempo em que fatores étnicos e culturais das diferentes nacionalidades foram preservados (Severo, 2011). No entanto, tais mudanças desagradaram as elites ligadas às regiões mais produtivas (norte do Estado), que argumentavam que estariam sustentando as regiões menos desenvolvidas. Graças a isso, protestos acerca do nacionalismo croata eclodiram em 1971, o que exigiu uma resposta firme do governo central, Tito sugeriu que havia interesses estrangeiros ligados a essas manifestações, e que tinham por objetivo acabar com o modelo de autogestão e a autonomia dos trabalhadores (Severo, 2011).

Deve-se ter em mente que a população via Tito como uma figura quase paternal, e sua imagem de “marechal carismático” era reforçada pela propaganda e por experiências concretas de melhoria de vida, como por exemplo, a maior liberdade de circulação, aumento do consumo e orgulho no prestígio internacional da Iugoslávia, além da prosperidade econômica, entre 1953 e 1965, quando a economia industrial manteve uma média constante de crescimento de 12,4% (Mazat, 2011). No entanto, essa popularidade coexistia com um sistema autoritário, em que a repressão da UDBa (polícia secreta) era constante e as oportunidades de democratização eram interrompidas sempre que ameaçavam o controle central (Glenny, 2012).

Acerca da linguagem oficial utilizada para a administração em Belgrado, o Estado adotava o chamado servo-croata (ou croato-sérvio), estabelecido pelo Acordo de Novi Sad de 1954 como idioma literário comum, apesar de variantes

⁴⁶ La verdadera vía yugoslava al socialismo empieza a partir de 1961. Los dirigentes liberales trataron de dar un nuevo impulso a la economía mediante la liberalización de los precios, ampliación de competencias de los consejos obreros en la distribución de las inversiones y un sistema de créditos en el que los bancos remplazarían progresivamente la autoridad del Estado. Sin embargo, para que la reforma fuese eficaz se tenía que poner fin al control del partido sobre la economía. La paradoja de Yugoslavia, como en muchos regímenes de carácter autoritario, es que coexistían las estructuras autoritarias y una cierta descentralización. Y mientras que los dirigentes de las repúblicas más desarrolladas eran partidarios de mantener la economía de mercado, los conservadores reclamaban una mayor centralización. Los enfrentamientos entre unos y otros despertaron los antagonismos entre los serbios que no querían perder los beneficios del reparto a nivel federal, y los croatas y los eslovenos que no lo aceptaban y reclamaban mayor autonomía política (Casanova, 2004, p. 342-343).

locais serem reconhecidas (Benson, 2002). Tal política foi contestada, sobretudo pelos croatas, que argumentavam que havia uma predominância do padrão sérvio como tentativa de transformar o croata em um dialeto. O esloveno e o macedônio também tinham status oficial em suas repúblicas, e o albanês ganhou espaço a partir do final da década de 1960 no Kosovo (Glenny, 2012). Assim, a política linguística refletia o equilíbrio instável entre a busca de uniformidade administrativa e o reconhecimento da diversidade nacional.

O Censo de 1961 reconheceu os “Muçulmanos étnicos” como minoria nacional, com o objetivo de diminuir tensões na Bósnia e englobar os bósnios na conjuntura iugoslava, pois, o termo “Bosníaco” refere-se à bósnio-muçulmanos, de maneira a diferenciá-los dos sérvios e croatas. Os três povos eram de origem eslava, desta forma, a relação do termo “Bosníaco” foi reconhecida como uma nacionalidade, com o objetivo de prevenir possíveis insurreições separatistas (Belançon, 2015).

Além disso, apesar do mercado de trabalho ter aumentado na década de 1960, a questão da superlotação rural se tornava um problema, em contrapartida, a industrialização era ineficiente. Tito buscou empréstimos com o GATT para cobrir déficits provenientes de importações do Ocidente (Benson, 2002). A tensão econômica tornava-se latente à medida em que as diferentes repúblicas contribuíam de maneira assimétrica para o Estado.

O problema para a unidade do Partido era que a Sérvia era o principal agente e beneficiária do sistema de gestão econômica descentralizado-administrado. Todas as repúblicas, exceto Sérvia e Montenegro, eram contribuintes líquidos para o orçamento federal, sendo que a Eslovênia e a Croácia respondiam por mais da metade do total. A Sérvia se beneficiava enormemente, contribuindo com 29%, mas recebendo bem mais de dois terços dos repasses. Em termos de investimentos, a Bósnia e a Macedônia se saíam relativamente bem, mas novamente a Sérvia se destacava, recebendo mais de 40% do fundo federal. A Croácia e a Eslovênia mantinham taxas de retorno sobre os investimentos de duas a três vezes superiores às demais, e reclamavam que estavam financiando uma política economicamente irracional e dispendiosa de equalização, que na prática favorecia a Sérvia, e não as regiões mais atrasadas da federação (Benson, 2002, p. 105, tradução nossa)⁴⁷.

⁴⁷The problem for Party unity was that Serbia was the main agent and beneficiary of the decentralized-administered system of economic management. All the republics, except Serbia and Montenegro, were net contributors to the federal budget, with Slovenia and Croatia accounting for more than half the total. Serbia gained massively, contributing 29 per cent, but taking well over two-thirds of receipts. In terms of investment, Bosnia and Macedonia fared quite well, but again Serbia stood out, receiving over 40 per cent of the federal purse. Croatia and Slovenia maintained rates of return on investment two to three times higher than the rest, and they complained that they were

As tensões nacionalistas não deixaram de existir na Iugoslávia socialista, é possível perceber o crescente descontentamento com o governo central por parte dos croatas na década de 1970, que ainda em 1971 realizaram uma manifestação simbólica, o nacionalismo croata havia reacendido-se com a Primavera Croata (1968-1971)⁴⁸. Estudantes depuseram o reitor da universidade e em seu lugar, colocaram um líder do movimento estudantil, tais estudantes foram apoiados pela presidente do Comitê Central da Liga dos Comunistas da Croácia e por seus compatriotas. A manifestação aumentou gradualmente e apesar de ter surgido no âmbito intelectual, em seguida alastrou-se pelos comitês de obras e trabalhadores, sendo o primeiro momento em que se coloca pública a vontade da Croácia se independentizar (Casanova, 2004).

A Constituição de 1974 garantiu ainda mais autonomia para as repúblicas, com direitos quase federativos, o que aumentou a descentralização do governo central, além de ser uma das maiores e mais complicadas Constituições do mundo, com 406 artigos. Em seu preâmbulo está declarado que todo trabalhador detém o direito de decidir sobre seu próprio trabalho, sejam as condições e resultados deste trabalho, com a orientação voltada para o desenvolvimento social (Queiroz, 1981). A literatura interpreta a adoção da Constituição de 1974 como um fator que alimentou a fragmentação das nacionalidades. Ademais, a forte presença de albaneses no Kosovo fez com que a Constituição reconhecesse a região como uma Província Autônoma, assim como o reconhecimento de Voivodina como tal.

A descentralização da economia, da administração e da organização do partido teria um resultado em grande parte inesperado. As seis repúblicas federais eram baseadas nas antigas divisões nacionais e históricas. Com o afrouxamento dos laços centrais, mais autoridade foi transferida para as capitais das repúblicas, a maioria das quais havia sido, e ainda era, redutos de fervorosos sentimentos nacionalistas. Quando surgiam disputas sobre questões econômicas ou políticas, os líderes locais tendiam a desenterrar todas as antigas bandeiras e símbolos, retornando com entusiasmo às batalhas do passado. A questão nacional voltaria a ser o tema predominante na política interna iugoslava e levaria a uma série de crises. [...] No entanto, as disputas realmente violentas envolveriam os antigos adversários, sérvios e croatas, e, dentro da própria república da Sérvia, os sérvios e os

financing an economically irrational and wasteful policy of equalization, which in fact favoured Serbia, not the most backward regions of the federation (Benson, 2002, p. 105).

⁴⁸ A Primavera Croata de 1971 revelou as reivindicações por maior autonomia econômica, reconhecimento cultural e uso da língua, refletindo um descontentamento mais amplo em face ao que era visto como predominância sérvia dentro do sistema federal. Embora Tito tenha reprimido o movimento, o episódio evidenciou a fragilidade do equilíbrio entre unidade socialista e diversidade nacional (Benson, 2002).

albaneses (Jelavich, 1983, p. 393, tradução nossa)⁴⁹

A desigualdade socioeconômica ecoava de maneira expressiva na década de 1970 entre as Repúblicas, com a Eslovênia sendo a mais rica, seguida pela Croácia, que apresentavam indicadores sociais e econômicos maiores que a média do país. Em seguida, a Sérvia já encontrava-se abaixo em comparação com as duas Repúblicas do norte, Bósnia, Macedônia do Norte e Montenegro constituíam as partes mais atrasadas do país (Mazat, 2011). Além disso, a crise econômica se agravou graças aos choques do Petróleo de 1973 e 1979.

Já na década de 1970, percebe-se que o cenário econômico não estava à favor da Iugoslávia, a balança comercial era deficitária e o país dependia em grande medida da importação de produtos externos, somado à isso, havia um alto índice de endividamento externo com o FMI (Severo, 2011). Desta forma, o desemprego e o despreparo da economia interna fizeram com que o Estado enfrentasse a recessão econômica. O crescente desemprego ocasionou diversas ondas de migração de jovens para a Europa Ocidental. Apenas Tito e o exército foram os mantenedores da estabilidade, no entanto em 1978 Tito já demonstrava pessimismo a respeito do futuro da Iugoslávia, dizia para o General Tempo que não havia mais Iugoslávia (Casanova, 2004).

Todavia, ressalta-se que pelas raízes históricas expostas no presente trabalho, Eslovênia e Croácia tinham boas relações com a Alemanha e Itália, ambos países majoritariamente católicos. Os sérvios, por sua vez, graças às suas raízes do cristianismo ortodoxo, relacionavam-se em grande medida com a URSS e Grécia. Os bósnios possuíam como religião dominante o Islamismo, o que os aproximavam de países árabes e Turquia, embora abrangesse minorias expressivas de sérvios e croatas. Os montenegrinos possuíam uma ligação histórica com a Sérvia e os macedônios detinham em seu território minorias compostas por romenos, albaneses e turcos (Severo, 2011).

A última década do governo Tito foi marcada por tensões políticas e

⁴⁹ The decentralization of the economy, the administration, and the party organization was to have a largely unexpected result. The six federal republics were based on the former national and historic divisions. With the loosening of the central bonds, more authority was transferred to the capitals of the republics, the majority of which had been, and still were, strongholds of fervent nationalist sentiments. When disputes arose over economic or political questions, the local leaders tended to dust off all the old flags and symbols and return with enthusiasm to the battles of the past. The national question was to become once again the predominant issue in Yugoslav internal politics and to lead to a series of crises. [...] However, the really vicious disputes were to involve the old adversaries, the Serbs and the Croats, and, within the Serbian republic, the Serbs and the Albanians (Jelavich, 1983, p. 393).

econômicas, o desconforto dos sérvios com a autonomia dada ao Kosovo, croatas e eslovenos reivindicando maior espaço nas decisões tomadas em Belgrado, a tentativa de distensionamento causou ainda mais separação. As rivalidades não tomavam apenas o escopo cultural, religioso ou cultural, mas também o poder (Casanova, 2004). A tentativa de autogestão não foi uma solução definitiva e o caráter supranacional iugoslavo de Tito mostrou-se ineficiente na contenção dos nacionalismos excludentes, que se reacendiam gradualmente desde os anos 1960.

No contexto da segunda metade da década de 1970, líderes republicanos recorreram cada vez mais à retórica nacionalista para defender interesses próprios frente a disputas econômicas e políticas, revivendo velhos antagonismos, sobretudo entre sérvios e croatas, mas também entre sérvios e albaneses em Kosovo. Tal conjuntura somada ao fato da crise econômica, causou o enfraquecimento da Iugoslávia, no entanto, no dia 04 de maio de 1980, o líder carismático e respeitado, Marechal Josip Broz Tito faleceu sem deixar um sucessor claro para assumir o posto de presidente. Seu funeral foi um dos maiores da história, com a presença de centenas de líderes de Estado e milhões de pessoas que o admiravam e o viam como um “pai”. Considera-se que sua morte marca o início da desintegração iugoslava (Benson, 2002).

3.6 Início da Desintegração: Ascensão de Milošević

Após a morte do Marechal, a presidência iugoslava passou por um sistema de rotatividade anual composto por representantes de todas repúblicas e províncias autônomas (Severo, 2011). Sistema este que havia sido introduzido por Tito pouco antes de falecer, com isso, implicitamente o Marechal admitia que a coesão estatal até então havia sido fruto do culto à personalidade de sua figura política e do Partido Comunista (Casanova, 2004). Através de líderes ambiciosos e a crise econômica crescente, os anos 1980 foram marcados pela ascensão de nacionalismos que operavam implicitamente. A identidade iugoslava era presente em centros urbanos e cosmopolitas de maneira efetiva, a Bósnia-Herzegovina, por exemplo, era um Estado com alto índice de casamentos mistos e a população não buscava fazer parte de partidos nacionais (em 1990, 74% dos bósnios eram contra) (Kaldor, 2012).

A Constituição de 1974 previa que as repúblicas poderiam ter seus próprios partidos comunistas, polícias e forças territoriais de defesa. Na prática, a lealdade

das elites políticas passou a ser mais republicana do que federal. Tito funcionava como a figura unificadora, mas após sua morte em 1980 não havia mais uma referência firme capaz de mediar disputas. Tal contexto foi propício para a utilização do nacionalismo local, desta maneira, foi menos um “ressurgimento de revanchismos antigos” e mais um instrumento com propósitos políticos de elites em crise, reforçada pela insegurança social e econômica do período (Kaldor, 2012). Em 1981, a porcentagem da população que se considerava “iugoslava” era de 5,4%, em grande medida, graças a filhos de casais interétnicos, que possuíam maior facilidade em considerar-se supranacionais (Popović, 2016).

Assim que Tito faleceu, os sérvios passaram a fazer uma campanha contra a vigente Constituição, a dissolução da Iugoslávia tem o seu início a partir da morte do Marechal e demonstraria violentos desdobramentos (Banac, 2009). Em 1983, a dívida externa iugoslava ultrapassava os US\$20,5 bilhões de dólares e crescia sem dar sinais de desaceleração (Benson, 2002). Ademais, a província autônoma do Kosovo sofreu interferências políticas por parte da Sérvia, que limitou a sua autonomia.

A imprensa de Belgrado exagerou sistematicamente os supostos ultrajes da maioria albanesa da província contra os sérvios, a fim de abolir o status autônomo do Kosovo. O termo “limpeza étnica” foi, de fato, introduzido pela primeira vez como uma acusação sérvia contra as intenções dos albaneses. Enquanto isso, a Academia Sérvia de Ciências e Artes promulgou um texto intitulado Memorando, no qual a liderança da Iugoslávia sob Tito, assim como as principais figuras comunistas da Eslovênia e da Croácia, eram acusadas de tendências anti-sérvias de longa data, notadamente de tentativas de dividir a nação sérvia e sua cultura. O ponto alto dessa fase foi a virtual ocupação militar do Kosovo (Banac, 2009, p. 464, tradução nossa)⁵⁰.

O problema político no Kosovo coincidiu com novas reivindicações dos croatas e eslovenos acerca da disparidade econômica, ao mesmo tempo, os empréstimos internacionais iam não apenas para o governo central, mas também pelas repúblicas que os solicitavam, ou seja, a crise econômica era catastrófica (Glenny, 2012). Em 1986 a Academia Sérvia de Artes e Ciências, publicou um

⁵⁰ The Belgrade press systematically exaggerated the supposed outrages of the province’s albanian majority against the Serbs in order to abolish Kosovo’s autonomous status. The term ethnic cleansing was in fact first introduced as a Serbian accusation against albanian intentions. Meanwhile, the Serbian academy of Sciences and arts promulgated a text titled Memorandum in which the leadership of Yugoslavia under Tito, as well as the principal Communist figures of Slovenia and Croatia, was accused of long-standing anti-Serbian tendencies, notably of attempts to divide the Serb nation and its culture. The high point of this phase was the virtual military occupation of Kosovo (Banac, 2009, p. 464).

documento chamado “Memorandum”, no qual afirmava que a Iugoslávia estava à beira da desintegração e culpava a política apaziguadora de Tito, com um discurso inflamatório regada com nacionalismo sérvio (Aguilar; Mathias, 2012). O “Memorandum” dizia que os sérvios que viviam no Kosovo estariam sendo vítimas de perseguição e extermínio por parte das autoridades de etnia albanesa, além de afirmar que a criação de um Estado nacional sérvio era indubitável⁵¹ (Glenny, 2012).

A corrupção se tornou um fator endêmico, levando ao descrédito nas instituições por parte da população, além do desemprego ter aumentado entre jovens com educação superior. A taxa de desemprego passou de 9,1% em 1973 para 13,9% em 1977, chegando a 16,3% em 1985 (Gomes, 2019). Em 15 de maio de 1986, Slobodan Milošević tornou-se presidente do Partido do Comitê Central do Partido Comunista da Sérvia. Milošević seria uma das figuras mais marcantes deste período na Iugoslávia, o político expressava abertamente sua posição nacionalista sérvia, alçando-se publicamente durante as manifestações sérvias no Kosovo (Belançon, 2015).

Durante as manifestações em 1987 e 1988 no Kosovo, centenas de manifestantes de origem sérvia clamavam por melhores condições de vida, afirmavam que eram alvo de perseguição e outros tipos de abusos pelos albaneses. Neste contexto, Milošević visita o Kosovo, a mando do até então Presidente da República da Sérvia, Ivan Stambolić, e percebe o momento como propício a alçar-se, ele dirigiu-se ao sérvios ali presentes e afirmou que jamais alguém iria maltratá-los novamente (Belançon, 2015). Ainda neste contexto, ressalta-se a importância do Kosovo na memória coletiva dos sérvios, o papel da mídia nesta visão foi fundamental, pois criaram até mesmo recriações audiovisuais da Batalha do Kosovo de 1389 (BBC, 2022).

A partir deste momento, a promessa de proteção foi um marco simbólico para a ascensão do seu nacionalismo autoritário e centralizador para a Sérvia, desta maneira, Kosovo serviu como palco para Milošević criar uma histeria nacional. Até então Slobodan era um político sem grandes feitos, pouco carismático e um burocrata, no entanto, seu oportunismo na questão kosovar fez sua carreira

⁵¹ O documento exaltava o passo sérvio e o ideal de “Grande Sérvia”, ademais, entre 1961 e 1981 mais de 160 mil sérvios e montenegrinos haviam deixado o Kosovo, todavia, tais migrações tem como motivo a industrialização ao norte da Sérvia, e não por razões étnicas. Percebe-se que os ultranacionalistas argumentam que a presença sérvia estava diminuindo na terra do mito fundador sérvio: Estêvão Dušan (Benson, 2002).

projetar-se exponencialmente (Glenny, 2012).

Entre 1988 e 1989 (ano em que é eleito presidente da república iugoslava da Sérvia), Milošević encabeçou a chamada “revolução anti burocrática”, estimulando manifestações populares que pressionaram a substituição de lideranças nas províncias autônomas e em Montenegro, garantindo maioria para a Sérvia no sistema federal. Graças a este movimento, Milošević detinha sob seus interesses duas instituições, a Liga dos Comunistas da Iugoslávia, e o Conselho da Presidência da Iugoslávia (Gomes, 2019). Além disso, clérigos ortodoxos promoveram uma “cruzada” contra os muçulmanos⁵², o discurso religioso tomou destaque neste período justamente utilizado para deliberadamente separar os povos (Benson, 2002).

Em 1989, promoveu a revisão constitucional que esvaziou a autonomia de Kosovo e Voivodina, integrando-as novamente ao controle direto de Belgrado. No campo do nacionalismo, explorou o mito fundador da Batalha do Kosovo e a memória de sofrimento sérvio, associando a defesa nacional à sua própria liderança (Benson, 2002). A população sérvia o enxergava com entusiasmo, justamente pelo controle da mídia por parte do Partido e por seus discursos inflamados com o desejo de uma “Grande Sérvia” que ressaltavam um passado glorioso.

Ao passo em que Milošević realizava tais atos, as outras repúblicas que compunham a Iugoslávia passaram a ainda mais querer se independentizar, ademais, o líder passou a utilizar a mídia para criar desconforto contra os croatas. Franjo Tudjman, ex-General do exército Iugoslavo e ex-Partisan, se elege como presidente da Croácia em 1990. Ambos com suas demagogias nacionalistas e retóricas populistas. Deve-se ter em mente que a mídia ocidental pintava Milošević como o “novo satã” e principal causador da desintegração iugoslava, no entanto, não mencionavam que Tudjman era igualmente intolerante e racista, porém pregava o livre mercado, graças a isso, o Ocidente não o condenava (Severo, 2011).

No começo dos anos 1990, a conjuntura interna da Iugoslávia apresentava novos elementos fundamentais: A maturidade política dos eslovenos, assim como dos bosníacos, albaneses kosovares e macedônios; A exposição iugoslava para o

⁵² Neste contexto, os nacionalistas sérvios evocaram a figura da “Donzela de Kosovo”, como símbolo de pureza e sacrifício nacional, como contraponto às supostas violações de mulheres sérvias, o que reforçou narrativas históricas de martírio e resistência (Benson, 2002). A lenda surge no contexto da Batalha do Kosovo, em que supostamente uma jovem mulher caminha pelo campo de batalha oferecendo cuidados aos feridos, representando a pureza, proteção e fidelidade.

Ocidente; As divisões culturais entre a vida rural e urbana; A inflação galopante de 2.500% por mês e o desemprego que havia subido 14% desde a última década (Kaldor, 2012). O Exército Popular Iugoslavo (JNA) era composto majoritariamente por jovens provindos de famílias pobres e camponeses, durante o serviço, viviam de cidade para cidade, dormindo em tendas. Eles viviam em diversas cidades, mas não faziam parte delas, o que fez com que crescesse um ressentimento por elas e a quem lá vivia, nutrido pelo sentimento de isolamento e rejeição (Glenny, 2012).

Ademais, os projetos expansionistas espalharam-se não apenas pela Croácia e Sérvia, mas também o sonho de uma “Grande Albânia”, unificando partes do Kosovo, o sul da Sérvia, partes de Montenegro, da Macedônia do Norte e noroeste da Grécia, locais com alto número de albaneses. Certos islâmicos por outro lado, passaram a projetar a chamada “Transversal Verde”, que seria uma aspiração de fundamentalistas islâmicos que uniria sob o Islã os territórios entre Istambul e Viena, percorrendo o território da Macedônia do Norte, Kosovo, Sérvia, Bósnia e norte da Croácia, surgiu como resposta à exclusão dos muçulmanos aos projetos expansionistas sérvios e croatas. Até mesmo a Macedônia do Norte possuía interesse de reviver a nação de Filipe II e Alexandre, o Grande, com objetivo de fazer frente aos gregos e búlgaros (Aguilar; Mathias, 2012).

A agitação do início dos anos 1990 apresentava a erosão iugoslava como apenas uma questão de tempo. A televisão e o rádio na Sérvia tornaram-se veículos de propaganda nacionalista e de disseminação de uma narrativa vitimista, o discurso ultranacionalista expunha ao público sérvio constantes referências históricas de violência, desde a batalha do Kosovo em 1389, passando pela perseguição de sérvios pelos Ustaše croatas durante a Segunda Guerra Mundial, até os conflitos mais recentes no Kosovo e na Croácia.

O mesmo aconteceu na Croácia, a Televisão Croata (HTV) transmitia documentários que romantizavam os seus soldados durante a Segunda Guerra Mundial (Glenny, 2012). Desta forma, criou-se um ambiente em que a linha entre realidade e narrativa torna-se tênue, muitas vezes com distorções, através de interpretações históricas guiadas pelos interesses nacionalistas, à medida em que naturalizavam a ideia de conflito permanente. Destarte, em 1990 a legitimidade federal caiu a partir do momento em que Croácia e Eslovênia realizaram eleições democráticas em nível repúblicano e não federal, quando a Corte Constitucional Federal questionou, as repúblicas apenas a ignoraram (Kaldor, 2012). Ademais, a

eleição do presidente da República Bósnia, Alija Izetbegović no sistema rotativo da federação, bósnio e muçulmano sunita, foi o suficiente para que os radicais nacionalistas croatas e sérvios alardeassem a possibilidade da Iugoslávia tornar-se um “Cantão Islâmico na Europa” (Belançon, 2015).

Paralelamente, Milošević instrumentalizou o Exército Popular Iugoslavo (JNA), transformando-o em ferramenta dos interesses sérvios. Enquanto eslovenos e croatas organizavam forças próprias a partir das unidades de defesa territorial e recorriam ao mercado negro de armas através da Hungria, a Sérvia fomentava grupos paramilitares e implementava o plano RAM⁵³, destinado a armar sérvios na Croácia e na Bósnia (Kaldor, 2012). Ademais, o fracasso do último primeiro-ministro iugoslavo, Ante Marković, em manter a unidade econômica e comunicativa, em face à recusa da Eslovênia em contribuir para fundos federais e ao endividamento da Sérvia para sustentar sua política no Kosovo, expôs a falência do modelo comum.

O 14º Congresso Extraordinário do Partido (20–22 de janeiro de 1990), convocado por Milošević tinha por objetivo submeter a Eslovênia à sua influência, depois do Kosovo, foi esta República que tornou-se seu alvo. Os representantes eslovenos temiam seu destino na visita à capital da federação, criaram inclusive planos secretos de saída de emergência. Em poucas horas, impossibilitados de apresentar suas ideias para reformar os moldes da federação iugoslava, o comitê esloveno retirou-se do Congresso em forma de protesto, o surpreendente para Milošević foi o fato de que, os croatas seguiram o protesto e assim como os eslovenos, retiraram-se (Benson, 2002).

Cresceu um sentimento de insegurança entre as minorias das repúblicas, com o crescente nacionalismo excludente, neste contexto, a desintegração do país se tornava latente. O conflito começou de diversas maneiras, através de uma guerra comercial entre Sérvia e Eslovênia, grande contingente de propagandas racistas e nacionalistas e disputas pelo controle das receitas fiscais. Tais fatores suprimiram a possibilidade de um diálogo racional e aberto, dando espaço para propagandas em massa para despertar na população como um todo, um ódio pelas outras nacionalidades que até então estava restrito a parcelas extremistas e seletivas (Glenny, 2012).

⁵³ Foi fruto de encontros entre o JNA e especialistas do Departamento de Operações Psicológicas do JNA. O plano era conhecido pelos comandantes do exército sérvio, incluindo Milošević e Karadžić, era basicamente a implementação do sonho da “Grande Sérvia”, o vazamento de tal plano em 1991 levou a Bósnia a proclamar sua independência (Kaldor, 2012).

Eles inundaram a arena pública com memórias históricas instrumentalizadas. Na Sérvia, a maioria desses símbolos, mitos e martírios remetia à Segunda Guerra Mundial, o período mais violento da história iugoslava. Neles, a identificação entre “croata” e “ustaša” era frequentemente tomada como certa. [...] Os partidos e movimentos que reviveram os momentos mais sombrios do passado recente da Iugoslávia buscavam incutir medo não tanto nos “inimigos”, mas dentro de sua própria comunidade. Se os sérvios comuns acreditassem que os ustašas estavam prestes a retornar, ou se os croatas em áreas mistas da Croácia fossem convencidos de que seus vizinhos estavam se preparando para um ataque chetnik, seria muito mais fácil mobilizá-los para a guerra, segundo o princípio: “mate antes que seja morto” (Glenny, 2012, p. 629, tradução nossa)⁵⁴.

Ironicamente, às portas do conflito, o até então líder comunista croata Stipe Šušar, recorda um almoço o qual estavam presentes Milošević, Tudjman e Marković, nesta ocasião, os três líderes estavam dialogando normalmente, divertindo-se entre si e fazendo piadas (Glenny, 2012). Outrossim, Tudjman restringiu os direitos da minoria sérvia na Croácia, pois retirou seu status de nação dentro da República, o que suscitou revoltas por parte dos sérvios, momento este que marca o embrião do autodenominado Exército Sérvio de Krajina⁵⁵, que recebeu apoio substancial do comandante local do Exército Popular Iugoslavo (JNA), o general Ratko Mladić (Benson, 2002).

A partir de 1990 os processos de independência se iniciam, o precedente se dá evidentemente pela Eslovênia, a qual através de um referendo proposto por Lojze Peterle (Primeiro-Ministro esloveno) e Milan Kučan (Presidente esloveno) acerca da separação da Federação, obteve 88,5% dos votos como “sim”, o que os levou a marcar a independência para 26 de junho de 1991, prevendo uma resposta sérvia, ambos em conjunto à Croácia, anunciam um dia antes, em 25 de junho. Em uma tentativa de conter o iminente desmembramento, a Sérvia declara Guerra à Eslovênia, em um conflito que durou apenas dez dias e mostrou-se ineficaz para

⁵⁴ They swamped the public arena with instrumentalized historical memories. In Serbia, most of these symbols, myths and martyrdoms recalled the Second World War, quite the most violent period of Yugoslav history. The identification of ‘Croat’ and ‘Ustaše’ was too often taken for granted in them [...] The parties and movements that indulged in reviving the darker moments of Yugoslavia’s recent past sought to instill fear less in ‘enemy’ ranks than in their own community. If ordinary Serbs believed that the Ustaše were about to return, or if Croats in the mixed areas of Croatia could be convinced that their neighbours were preparing for a Chetnik onslaught, then it would be much easier to mobilize them for war, according to the principle ‘Kill before you are killed’ (Glenny, 2012, p. 629).

⁵⁵ Significa “Fronteira”, foi um território autodenominado “autônomo” pelos sérvios croatas através de um plebiscito, sua capital era a cidade de Knin, e a milícia sérvia expulsou os policiais croatas, tal província perdurou de 1991-1995 (Banac, 2009).

segurá-la na Terra dos Eslavos-do-Sul, pelo fato da baixa incidência de sérvios na região (Belançon, 2015).

A proclamação se deu ao mesmo tempo pela Croácia, que inspirou-se no modelo de independência utilizado por Liubliana, e em maio de 1991, organizou um plebiscito popular sobre a separação da Iugoslávia, que obteve 92% dos votos a favor da separação total. Desta forma, Zagreb declarou sua independência em conjunto com Liubliana, todavia, devido à maior presença de sérvios na região e a existência da região autônoma de Krajina, a resposta sérvia seria de grande ênfase (Belançon, 2015). Ressalta-se a importância da religiosidade neste contexto de desintegração, tal qual a sua atuação no âmbito político acerca das independências e promoção de retóricas nacionalistas, pois a Igreja Católica representada pelo Vaticano estimulou o reconhecimento das proclamações para os países ocidentais, assim como a Igreja Ortodoxa Sérvia que apoiava publicamente o expansionismo sérvio (Belançon, 2015).

Após a declaração de independência, a situação croata se agravou rapidamente. A minoria sérvia da região da Krajina, apoiada pelo Exército Popular Iugoslavo (JNA), resistiu à autoridade do governo de Franjo Tudjman e recusou-se à subordinação. Em contrapartida, o presidente Tudjman mobilizou o país para a “Guerra de Libertação” (Belançon, 2015). O confronto transformou-se em guerra civil aberta, marcada pelo cerco e destruição de cidades como Vukovar e pela limpeza étnica em diversas localidades, a qual sérvios e croatas cometeram massacres e expulsões forçadas. Todavia, deve-se ter em mente que ambos os líderes Tudjman e Milošević nutriam certa admiração entre si, inclusive através de uma reunião secreta, discutiram a possibilidade de desmembramento da Bósnia-Herzegovina, com metade para Croácia e outra, para Sérvia⁵⁶. O objetivo para tal reunião era a criação de dois Estados etnicamente homogêneos (Glenny, 2012).

O desfecho croata se deu com a assinatura do cessar-fogo em janeiro de 1992 e a aceitação do Plano Vance em novembro de 1991, o qual consistia na implementação de forças de paz da ONU em territórios croatas ocupados e a retirada do Exército Popular Iugoslavo (JNA) (Severo, 2011). Além disso, o bombardeio ao sítio arqueológico de Dubrovnik por parte do JNA foi uma tentativa

⁵⁶ Embora não haja documentos oficiais ou testemunhos, a chamada Reunião de Karađorđevo ocorreu em março de 1991, entre Slobodan Milošević e Franjo Tuđman, no auge da Guerra da Croácia, a repartição da Bósnia-Herzegovina entre as vizinhas seguiria o molde do Acordo Cvetković-Maček de 1939 (Glenny, 2012).

deliberada de destruir a herança cultural croata (Walasek, 2020).

Ainda em 1991, a Macedônia do Norte ganhou uma independência pacífica da Iugoslávia, no entanto, litígios fronteiriços e históricos com a Grécia, fizeram com que a vizinha não a reconhecesse de imediato, levou mais de 20 anos para que a situação se normalizasse. Todavia, após a mudança de nome do recém criado Estado, que se chamava apenas Macedônia (mesmo nome de uma província grega) para Macedônia do Norte e mudanças na bandeira, a Grécia recuou e a reconheceu oficialmente em 2019, após o Acordo de Prespa 2018 (Daskalovski, 2019).

Diferente da Croácia, a Bósnia-Herzegovina apresentava uma composição multiétnica mais complexa: cerca de 44% muçulmanos, 31% sérvios e 17% croatas (Kaldor, 2012). O referendo pela independência de março de 1992 e em seguida reconhecida pelos EUA, todavia foi boicotado pelos sérvios bósnios, que criaram uma região separatista, a República de Srpska, o que serviu de prelúdio para uma sangrenta guerra. Radovan Karadžić⁵⁷ e os sérvios bósnios, apoiados por Slobodan Milošević e pelo general Ratko Mladić, organizaram campanhas militares de limpeza étnica contra populações muçulmanas e croatas, desencadeando uma série de massacres, deportações e estupros sistemáticos como instrumentos de guerra (Severo, 2011). A Guerra da Bósnia foi o conflito mais sangrento em solo europeu desde a Segunda Guerra Mundial.

A guerra da Bósnia (1992-1995) foi um dos episódios mais brutais da dissolução iugoslava, trouxe à tona a radicalização do nacionalismo como mecanismo de exclusão e violência, marcado pela limpeza étnica e tentativa de apagar a história (ver figura 5). O cerco de Sarajevo (1992 a 1996) iniciou-se no mesmo dia do reconhecimento da independência da Bósnia pela Comunidade Européia, sob o comando de Radovan Karadžić, com mais de 14 mil mortos e dentre eles, 1.500 crianças (Belançon, 2015). O genocídio de Srebrenica⁵⁸ em 1995 demonstrou a selvageria do conflito que tinha por suas motivações principais o ultranacionalismo pujante e irracional, quando mais de 8 mil muçulmanos, entre jovens, crianças e idosos foram mortos sob comando de Mladić e enterrados em

⁵⁷ Líder dos sérvios bósnios e criador do Partido Democrático Sérvio (SDS), foi um dos principais responsáveis pela promoção do genocídio em terras bósnias.

⁵⁸ O Massacre de Srebrenica foi um dos episódios mais controversos e bárbaros da história recente europeia, pois a cidade de Srebrenica era considerada pelas forças de paz da ONU (UNPROFOR) como sendo parte das chamadas “Zonas de Segurança”, todavia, a cidade tornou-se uma armadilha para os bósnios, que pensavam que lá estariam seguros, sem esforço os sérvios bósnios tomaram a cidade sem resistência por parte dos poucos holandeses de capacetes azuis.

valas comuns cavadas às pressas, em uma tentativa de limpeza étnica, as mortes eram feitas por fuzilamentos, com tiros na cabeça ou na nuca (Kaldor, 2012) .

Figura 5: Idoso observa a Biblioteca Nacional da Bósnia-Herzegovina em chamas.



Fonte: (Rádio Sarajevo, 2023).

A atuação da comunidade internacional acerca da Guerra da Bósnia é matéria de debate até os dias atuais, pois as forças de paz da ONU, a UNPROFOR havia acabado de chegar na Croácia quando a guerra bósnia eclodiu, assim, sua ação estendeu-se para a guerra vizinha, com um despreparo latente, a própria motivação da Organização é contraditória. O Conselho de Segurança aprovou a intervenção inicialmente com caráter de legítima defesa, posteriormente adquiriu caráter coercitivo, tal indecisão sobre o real propósito da intervenção no país mostrou o despreparo que o órgão possuía. Ademais, tendo em vista que as instituições internacionais criadas pós-segunda guerra refletem os interesses e princípios do Ocidente, no período em que o conflito na Bósnia ocorria, ao mesmo tempo, os EUA encontravam-se envolvidos na Guerra do Golfo e o colapso da URSS o que deixava a situação dos Balcãs como secundária aos olhos norte-americanos.

A independência bósnia foi reconhecida pela ONU ainda em 1992, ademais, a organização impôs sanções econômicas à Iugoslávia, em novembro do mesmo ano,

um terço da população encontrava-se como refugiado. A Guerra teve por característica a cobertura constante da mídia internacional no que concerne aos desdobramentos do conflito, a Guerra da Bósnia foi um marco para a percepção do público da comunidade internacional e evidenciou o poder da imprensa, os veículos de comunicação ocidentais reportavam a existência de: Campos de concentração; Massacre de civis indefesos; Tortura; Estupros sistemáticos; Eliminação sistemática de muçulmanos e artefatos culturais islâmicos (Benson, 2002).

Além das perdas humanas que passaram da casa dos duzentos mil mortos, a Guerra da Bósnia ficou marcada pela destruição de patrimônios históricos como a Ponte de Mostar⁵⁹, a qual era símbolo de união entre cristãos e muçulmanos por mais de 400 anos, que foi bombardeada por croatas durante a guerra. O desejo em apagar a herança cultural e religiosa se refletiu na destruição de mesquitas que marcavam o histórico de dominação otomano e pluralidade (Walasek, 2020). Ademais, a diversidade étnica que antes era característica intrínseca ao povo bósnio se viu encurralada graças a guerra, vizinhos de diferentes etnias coexistiam pacificamente, através da influência da mídia e dos discursos inflamados de nacionalismos, passaram a se olhar com hostilidade, que antes não existia.

Ressalta-se o fato de que além de paramilitares sérvios serem perpetradores de campos de extermínio de bosníacos, croatas também praticavam tais crimes de guerra, que posteriormente serviriam para a criação do Tribunal Internacional para a Ex-Iugoslávia tipificar diversas jurisprudências no contexto de violações de direitos humanos (Belançon, 2015). Os desdobramentos do final do conflito da Bósnia articularam-se entre uma escalada militar local e uma intervenção internacional progressivamente mais incisiva, a qual focou-se nas pressões diplomáticas norte-americanas e ações militares da OTAN. Após anos de conflito e com a crescente comoção internacional, a OTAN passou da simples contenção do espaço aéreo para a utilização de força aérea punitiva contra posições sérvias, o que ajudou a fragilizar a capacidade de resistência das forças (Alves, 2013).

Em 1993, Cyrus Vance e o antigo Secretário de Relações Exteriores Britânico, Lord David Owen, elaboraram o frustrado Plano Vance-Owen, que consistia na divisão da Bósnia-Herzegovina em dez cantões autônomos, como forma a equilibrar o poder entre as diferente etnias. Inicialmente o plano obteve simpatia de Zagreb e

⁵⁹ A cidade de Mostar que é a capital de Herzegovina foi tomada pelas forças croatas, que dividiram a cidade em dois guetos etnicamente separados pela própria ponte (Benson, 2002).

Belgrado, o mesmo não pode ser dito pelos EUA, sérvios bósnios e o Governo Bósnio. O plano foi rejeitado pelos bósnios sérvios, todavia, apesar das críticas ao Plano Vance-Owen, ele prezava pela compreensão e preservação da multiétnica bósnia (Glenny, 2012).

A falha do Plano Vance-Owen foi precedida pela eclosão de conflitos entre bosníacos e croatas, que até então cooperavam para fazer frente ao exército mais forte, que era dos bósnios sérvios. Tudjman interpretou que havia chegado o momento de colocar em prática o plano de divisão da Bósnia-Herzegovina, desta forma, os croatas provaram-se capazes de realizar atrocidades igualmente graves como os sérvios (Glenny, 2012). Por exemplo, áreas controladas por croatas que existiam sérvios, a repressão foi generalizada, o que ocasionou nos massacres de Gospić e Pakračka Poljana (Banac, 2009). Ademais, centros de detenção foram descobertos em 1992, de 715 centros, 237 eram administrados por bósnios sérvios, 89 pelo Exército da República da Bósnia e Herzegovina, 77 por bósnios croatas, em tais centros, o estupro sistemático e a limpeza étnica eram recorrentes (Kaldor, 2012).

Todavia, a atuação da OTAN não foi linear nem imediata, o atraso para o envolvimento com o conflito se deu, além da organização ter participado dos conflitos no Oriente Médio, havia as ressalvas em relação a Rússia e as possíveis baixas ocidentais (Alves, 2013). Por outro lado, Milošević adotou um papel ambíguo, pois simultaneamente era um dos principais catalisadores de tensões e ao mesmo tempo foi um ator pragmático nas negociações externas. Em determinado momento disposto a negociar sob influência das sanções e das pressões diplomáticas ocidentais, o que contribuiu para fragmentações e acomodações entre elites e a população iugoslava, em processo de desmembramento.

Internamente, a população possuía visões ambíguas no contexto das guerras, pois, por um lado houve adesões ao nacionalismo e participação direta ou passiva nas práticas de violência, em contrapartida, havia segmentos civis e políticos descontentes com a guerra, justamente pelo cenário catastrófico em que sofriam diariamente, através de migrações em massa e o colapso econômico que debilitaram a coesão social. Por outro lado, apesar da atuação da comunidade internacional ter inicialmente sido contida, a participação da ONU e OTAN foram decisivas para que fossem levadas as partes⁶⁰ à mesa de negociações em Dayton.

⁶⁰ Tudjman, Milošević e Alija Izetbegovic

Esse acordo, negociado sob a mediação norte-americana em Dayton, Ohio e assinado em dezembro de 1995, colocou fim às hostilidades na Bósnia, além de criar a arquitetura institucional e constitucional da Bósnia-Herzegovina (Presidência tríplice; duas entidades: Federação bósnia e República Srpska) (Alves, 2013).

Após os Acordos de Dayton, a Bósnia-Herzegovina foi configurada como um Estado unitário, mas dividido em duas entidades autônomas: a Federação da Bósnia-Herzegovina, composta majoritariamente por bósnios muçulmanos e croatas, e a Republika Srpska, dominada pelos sérvios bósnios, como pode ser observado pela Figura 6.

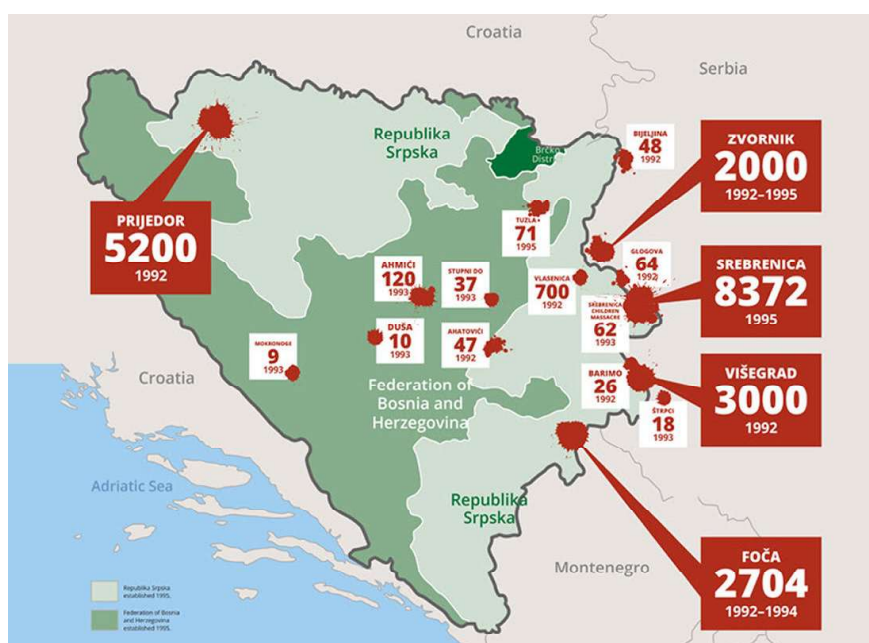


Figura 6: Representação da divisão política e territorial da Bósnia, os números em vermelho representam as vítimas mortas (Remembering Srebrenica, 2021).

Tal arranjo territorial e político estabeleceu um sistema de poder compartilhado entre os grupos étnicos com a presença da ONU, que atua até hoje por meio do Escritório do Alto Representante, Christian Schmidt, para garantir a implementação do tratado. Apesar de ter assegurado o fim da guerra, a configuração estatal pós-Dayton resultou em um modelo fragmentado, que dividiu as etnias de maneira clara e evidenciou as dificuldades para consolidar uma democracia coesa (Lima, 2017).

Após o fim dos conflitos, todas as tropas encontravam-se exaustas da guerra e do estresse, a Sérvia especialmente estava com a economia degradada e em uma

situação extensamente pior do que o contexto pré-guerra. A repressão de Milošević contra minorias persistiu mesmo após os Acordos de Dayton, especialmente no Kosovo, onde Albaneses Kosovares revoltaram-se e criaram um movimento de guerrilha, o Exército de Libertação do Kosovo (UÇK), que iniciou ataques contra as forças sérvias e colaboradores locais (Banac, 2009).

Quando pensou-se que a dissolução violenta da Iugoslávia havia chegado ao fim, mais um conflito acometeu a região, causando uma sensação de sofrimento persistente, ademais, reforçou a ideia dos Bálcãs como a “terra de ninguém” da Europa. Desta maneira, acabando com qualquer esperança de paz duradoura na região, em 1998, Milošević respondeu com violenta repressão militar, resultando em massacres, deslocamento em massa de civis e novos relatos de limpeza étnica. Essa escalada de violência marcou o início da guerra aberta, sendo o último grande conflito do processo de desintegração da Iugoslávia e marcou o colapso definitivo do projeto nacionalista de Milošević da “Grande Sérvia”.

Rapidamente a Guerra do Kosovo se traduziu em uma crise humanitária preocupante, em 1999 foram realizadas reuniões para discutir a paz entre Kosovo e Sérvia, no que ficou conhecido como Acordos de Rambouillet. Ambas as partes concordaram com as prerrogativas do acordo, no entanto, Belgrado recusou categoricamente o trecho que previa o estabelecimento de tropas da OTAN em território kosovar, o que levou o acordo ao fracasso (Glenny, 2012).

Desde a década de 1990 a região autônoma do Kosovo tenta sua independência da Sérvia. Em 1998 Milosevic iniciou uma dura campanha militar contra o separatismo na região e em 1999 a OTAN criou a Força do Kosovo (KFOR), força de paz internacional para proteger a população kosovar dos possíveis ataques da Sérvia. Em 10 de Junho de 1999 a ONU criou uma missão na região com o objetivo de cuidar da administração civil do Kosovo, a Missão de Administração Interina das Nações Unidas no Kosovo (UNMIK) (Belançon, 2015, p. 3644).

Em março de 1999, a OTAN começou a sua campanha de bombardeios na Sérvia em nome de sua reputação principalmente como organização, sem incursões terrestres, o que serviu de justificativa para que Milošević expulsasse milhares de albaneses kosovares, que inundaram a Macedônia e a Albânia em proporções imensas, ambos os países se desestabilizaram com tal fato (Glenny, 2012). O ataque à Sérvia durou 78 dias, ao passo em que Milošević aumentava seu projeto de limpeza étnica, desta maneira, em maio de 1999 o Tribunal de Haia o considerou um criminoso de guerra, em conjunto com o Chefe do Estado Maior das forças

armadas iugoslavas, Ministro do Interior da Sérvia, Vice-Primeiro Ministro da Iugoslávia e o Presidente da Iugoslávia (Benson, 2002).

Apesar da repressão, a ofensiva sérvia fracassou diante da pressão militar e diplomática. O isolamento internacional, as sanções e o colapso econômico forçaram Milošević a aceitar um acordo de retirada. Na Sérvia, havia sido cortado o acesso à eletricidade, água e comunicações. Em junho de 1999, as tropas sérvias deixaram Kosovo, e o território passou a ser administrado pela ONU (UNMIK: Missão Administrativa Interina das Nações Unidas no Kosovo) com a presença de forças da OTAN (KFOR). A retirada das forças sérvias foi seguida pelo retorno massivo dos refugiados albaneses, o que desencadeou um sentimento de revanchismo contra os sérvios remanescentes. Ademais, o UÇK foi transformado em uma força policial local e em base de poder político, consolidando o domínio albanês sobre a província (Banac, 2009).

O conflito de Kosovo enfraqueceu decisivamente o regime de Milošević, que já enfrentava crescente oposição interna. O fracasso militar, a destruição do país e o isolamento diplomático abalaram sua legitimidade. Em 2000, movimentos de resistência cívica, como o grupo Otpor (Resistência), ganharam força e se uniram a partidos oposicionistas em torno de Vojislav Koštunica (Banac, 2009). O fim da influência de Milošević se deu em 2000, quando perdeu o poder na Presidência da República Federal da Iugoslávia para Koštunica e recusou-se a entregar o cargo, apenas aceitou mediante um expressivo número de manifestantes de toda a Sérvia que exigiram sua saída. Em seguida, em 2001 foi preso com diversas acusações de abuso de poder (Benson, 2002). Milošević morreria em sua cela em 2006 de ataque cardíaco, no Tribunal Penal Internacional para a ex-Iugoslávia, em Haia (Kaldor, 2012).

Ademais, Karadžić, líder político dos sérvios bósnios e chefe do autoproclamado Estado da Republika Srpska, e Mladić, comandante militar responsável pelo cerco de Sarajevo e pelo massacre de Srebrenica em 1995, tornaram-se símbolos do nacionalismo radical e da política de “limpeza étnica” que marcou o colapso iugoslavo. A deposição de Milošević em 2000 marca simbolicamente o fim da breve experiência da “Terra dos Eslavos-do-Sul” proposta por Tito. Em seu desfecho trágico, a dissolução da Iugoslávia demonstrou como o nacionalismo predatório criado de cima para baixo.

A partir daí, o que restava da federação, a chamada “Iugoslávia residual”,

composta por Sérvia e Montenegro, sobreviveu até 2003, quando foi oficialmente renomeada como Sérvia e Montenegro, dissolvendo-se por completo em 2006 com a independência montenegrina (Banac, 2009). Todavia, manteve-se o legado da história de um dos Estados mais heterogêneos já existentes na história recente, a partir de então, o espaço balcânico entrou num período de relativa estabilização, sob intensa supervisão internacional, mas profundamente marcado pelas cicatrizes de um projeto nacionalista que buscou e logrou de certa maneira, a homogeneização nacional dos Bálcãs.

4. ANÁLISE DE DISCURSOS DOS LÍDERES DA IUGOSLÁVIA

As causas que levaram à crise econômica e política a impactar a Iugoslávia após a morte do Marechal Tito não foram eventos temporários ou momentâneos, mas sim fruto de uma onda de profunda crise estrutural. O presente estudo reconhece que a crise perpassou desde o setor de existência individual e societal, até os âmbitos econômico, educacional, político, cultural, moral e religioso, ademais, todos fatores aglutinados causaram uma perda de pertencimento e certezas que a população detinha (Roter, 1988). No entanto, o atual capítulo fornece um enfoque ao poder das palavras, dos discursos proferidos por ambos líderes que marcaram a história recente da Iugoslávia. Propõe-se evidenciar e comparar o nacionalismo expresso de acordo com seus respectivos interesses, em conjunto à AD. Deve-se tomar consciência que a Análise de Discurso (AD) não é um método isolado, mas uma análise com diversos níveis e que transcende o setor linguístico, abarcando o sociológico, político e psicológico.

O discurso está intimamente ligado ao poder e à autoridade, ao passo em que, o processo de distribuição e produção do discurso é sujeita (e dependente) ao poder, através do discurso é possível observar o aparato do saber, os valores e aspirações de determinada comunidade ou nação (Pilarska, 2017). A noção do “nós” e “eles” é construída deliberadamente, com a referência sendo a nação em evidência, o “outro” geralmente fala outra língua, possui outra cor de pele, pratica outra religião e detém uma cultura diferente. Essencialmente, o nacionalismo utilizado pelas elites na Iugoslávia, e posteriormente pelos Estados que antes a compunham, é uma ferramenta de legitimação do Estado para implementar políticas e retóricas que convém para aqueles que estão no poder (Van Winkle, 2005).

Deve-se ter em mente que a seguir, inicialmente serão expostos ao menos três trechos de cada discurso dos respectivos líderes, sendo analisados através da AD e do nacionalismo teorizado por Gellner, Hobsbawm e Kaldor. Após a apresentação dos discursos e de seus trechos julgados relevantes para o presente trabalho, na última seção, será feito um comparativo entre os trechos citados, identificando semelhanças e diferenças entre as abordagens de Tito e Milošević em direção ao nacionalismo, guerra, mobilização popular e teor retórico.

Para Tito, escolheram-se três discursos, dois deles (“A Respeito da Questão Nacional e do Patriotismo Socialista” e “O desenvolvimento histórico no mundo caminhará para o fortalecimento do socialismo”) proferidos na primeira metade do seu governo, refletindo o esforço do Marechal em evidenciar a Irmandade e Fraternidade entre os iugoslavos. O último discurso (“Comemoração de 35 anos da Batalha de Sutjeska”) reflete um último apelo de Tito contra o nacionalismo excludente, classificado como maior perigo para a Iugoslávia. Optou-se pela seleção de três discursos em momentos distintos do governo de Tito, para evidenciar sua preocupação atemporal com a coesão política da Iugoslávia.

Por outro lado, a escolha dos discursos de Milošević se deu em matéria de contrastar com os de Tito, o primeiro discurso analisado (“Discurso de Kosovo Polje”) marca a ascensão política de Milošević, foi escolhido justamente por refletir um tom de dubiedade, ao passo em que continua a retórica semelhante de Tito baseada na união ideológica socialista, ao mesmo tempo fomenta o nacionalismo exclusivo dos sérvios kosovares. O segundo discurso a ser abordado (“Discurso de Gazimestan”) reflete o auge das tensões étnicas entre as repúblicas iugoslavas, foi escolhido por representar também uma data comemorativa de uma batalha gloriosa do passado (Batalha do Kosovo 1389). Foram selecionados apenas dois discursos de Milošević pela robustez de elementos nacionalistas excludentes, além de que muitos de seus discursos estão em sérvio, o que dificulta a tradução.

O critério utilizado para a seleção de determinados discursos se baseia em situações semelhantes ou diferentes para ambos, em que encontram-se dirigindo suas falas para massas populacionais presentes no respectivo momento da explanação. Deve-se ter em mente o agregado histórico exposto até então no presente trabalho, em relação às particularidades culturais, religiosas e étnicas de cada região. O nacionalismo invocado nos discursos citados a seguir reflete tanto a

ideologia, quanto a conveniência dos resultados políticos que os líderes gostariam de conquistar.

4.1 “O Nacionalismo é o maior perigo para o nosso país”: Discursos de Tito e o combate à fragmentação

Josip Tito pôde manter a coesão da Iugoslávia por 35 anos através de inúmeros fatores, sejam eles, a repressão de insurgências pontuais nacionalistas nas repúblicas, seja pelo seu lema “Irmandade e Fraternidade”, pela prosperidade econômica e educacional promovida, ou pela sua figura centralizadora e carismática. No entanto, fornecemos um enfoque aos discursos proferidos pelo Marechal em função de manter a supranacionalidade iugoslava, como centro de aglutinação social e de combate ao nacionalismo excludente, enquanto ao mesmo tempo, nutre um sentimento de pertencimento ao povo iugoslavo. Apesar de que a população fosse heterogênea, ainda identificava-se pelo discurso do líder como pertencente à Iugoslávia, se definindo como “iugoslavos”.

O primeiro discurso que será analisado foi proferido na Academia Eslovena de Artes e Ciências em Liubliana no ano de 1948, durante o 5º Congresso do Partido Comunista da Iugoslávia, com o título de “A Respeito da Questão Nacional e do Patriotismo Socialista”. A ocasião se deu no contexto pós guerra, apenas um mês após o cisma com Stalin, em que Tito recebeu o status de membro honorário da Academia Eslovena de Artes e Ciências.

Tito (1948, p. s/p) menciona a identidade nacional iugoslava pelo viés revolucionário e utiliza-se como intérprete da ideologia socialista:

Quanto ao primeiro tema, a questão nacional, não me refiro a ela por ser um problema em nosso país, de uma forma ou de outra, atualmente. Não — a questão nacional aqui foi resolvida, e muito bem resolvida, para a satisfação geral de todos os nossos povos. Ela foi solucionada com base nos ensinamentos de Lênin. E a resolução da questão nacional neste país reflete o caráter da nossa revolução. O sucesso que estamos alcançando na construção do socialismo é a prova mais forte da correção da nossa solução para a questão das nacionalidades neste país. Sem uma solução correta para essa questão — da maneira como a resolvemos — seria impossível continuar construindo o socialismo, pois sem unidade interna, sem fraternidade construtiva e união entre as nacionalidades em nosso país, seria impossível reconstruir nossa pátria e totalmente fora de questão cumprir o Plano Quinquenal, ou implementar muitas das outras medidas, ou

alcançar os sucessos que já obtivemos até agora (Tito, 1948, s/p, tradução nossa)⁶¹.

De acordo com o trecho de seu discurso, Tito redefine o nacionalismo como unidade fruto da revolução, não dos laços étnicos, ou seja, é a utilização do marxismo como justificativa de existência da federação. Gregolin (1995) relembra a importância do contexto para o entendimento do discurso, ou seja, Tito encontrava-se ainda no início de seu governo; todavia, já preconizava a implementação do lema “Irmandade e Fraternidade”, até mesmo para fortalecer sua centralização de poder, para implementar, por exemplo, o mencionado Plano Quinquenal⁶². O Marechal utiliza do nacionalismo entre suas palavras para implementar a centralização estatal, como Hobsbawm (2022) argumenta, tal princípio busca sustentar a unidade política e nacional.

Deve-se observar a relação que Tito expressa entre nacionalismo e os ensinamentos de Lênin, pois a conscientização nacional está intimamente ligada à consciência de classe reformista, presente na teoria marxista (Stanimirovič, 2021). Tito ainda afirma que, “O Partido deve assegurar que todos os fenômenos negativos do nacionalismo desapareçam e que o povo seja educado no espírito do internacionalismo”⁶³ (Tito, 1948, s/p.). Tito reforça a retórica de desaparecimento do nacionalismo e defende o internacionalismo como virtude, ou seja, percebe-se uma dicotomia discursiva entre a sua fala, o que lhe permite controlar narrativas de identidades e reforça seu status de detentor do poder⁶⁴.

⁶¹ As for the first theme, the national question, I am not referring to it because of its being a problem in our country, in one form or another, today. No, the national question here has been settled, and very well settled, to the general satisfaction of all our peoples. It has been settled on the lines of Lenin's teaching. And the settlement of the national question in this country reflects the character of our revolution. The success that we are achieving in building socialism is the strongest proof of the correctness of our solution of the nationalities question in this country. Without a correct solution of this question — in the manner in which we have settled it — it would be impossible to go on building socialism, because without internal unity, without constructive brotherhood and unity among the nationalities in our country, it would be impossible to reconstruct our country and quite out of the question to fulfill the Five-Year Plan, or to carry out many of the other measures, or to achieve such successes as we have to date (Tito, 1948, p. s/p).

⁶² Foi um ambicioso plano adotado por Tito em 1947 que previa um crescimento exponencial da economia, de estilo soviético, o plano previa o centralismo estatal e nacionalização da economia. Prevvia-se um aumento da industrialização e agricultura, em 1949 o plano já havia sido deixado de lado (Benson, 2002).

⁶³ The Communist Party must always endeavour, and does endeavour, to ensure that all the negative phenomena of nationalism disappear and that people are educated in the spirit of internationalism (Tito, 1948, s/p.).

⁶⁴ “Verdades” declaradas publicamente se tornam automaticamente fontes de legitimação de poder e autoridade, neste caso, a posição de Tito o confere ao status da figura pública detentora do “paradigma da verdade”, desta maneira Tito logra a condenação do nacionalismo e o apreço ao internacionalismo, justamente pela sua posição agraciada, a população aceita sua retórica de maneira ordinária (Pilarska, 2017).

Ademais, pode-se interpretar que o titoísmo baseava-se em uma espécie de “internacionalismo doméstico”, justamente ocasionado pela pluralidade de nações, o que rompe com o paradigma que existe entre internacionalismo e nacionalismo. Hobsbawm (2022), argumenta que até 1914 todas as formas de nacionalismo possuíam um fato em comum: a rejeição dos movimentos socialistas, pois tinham caráter internacionalista. Tal mudança é perceptível no discurso de Tito, vide a questão nacional como sendo matéria de debate entre os marxistas do período, além de que, de acordo com Hobsbawm (2022, p. 169), os partidos socialistas se tornaram os principais veículos de movimentos nacionais de seus povos.

Em certo ponto do discurso, Tito traça um comparativo entre a “Velha Iugoslávia”, que se submetia ao capitalismo e permitia a exploração dos oprimidos, e a “Nova Iugoslávia”, de caráter socialista em que “a igualdade de direitos entre todas nacionalidades tornou impossível qualquer hegemonia nacional” (Tito, 1948, s/p.). Através do contraste temporal, o Marechal rechaça o passado que baseava-se no nacionalismo étnico e burguês, ao passo em que glorifica um futuro próspero que se baseia no nacionalismo de Estado e socialista. Ademais, Tito ressignifica o nacionalismo iugoslavo em “patriotismo socialista”, no que seria o elemento central do seu discurso, em que transforma a ideologia como pedra angular do “nós” federativo (Tito, 1948).

“Durante o período da Guerra de Libertação, entretanto, colocamos as relações entre os grupos nacionais sobre novas e melhores bases. Separamo-nos formalmente para que, de fato, pudéssemos estar mais unidos. E, em nossa comunidade atual, os direitos dos grupos nacionais menores gozam de igual reconhecimento em relação aos maiores. Agora já não há mais hegemonia de um grupo nacional sobre outro. E é precisamente isso que nos torna tão firmes e monolíticos” (Tito, 1948, s/p.)⁶⁵.

De acordo com Fernandes (2005), sob a ótica da Análise de Discurso, Tito expressa-se através de uma formação discursiva socialista e integradora, em que o sujeito enunciator “nós” é homogêneo, sem as diferenças étnicas em prol do ideal de unidade nacional. Nota-se a expressão “Guerra de Libertação”, em que o Marechal se refere à Segunda Guerra Mundial, esta expressão é carregada de

⁶⁵ During the Liberation War period, however, we placed relations between the national groups on other, new and better, foundations. We formally separated ourselves in order that we might in true fact be better united. And in our present community the rights of smaller national groups enjoy equal recognition with those of the larger groups. Now there is no longer hegemony of one national group over another. And that is precisely what makes us so firm and monolithic (Tito, 1948, s/p.).

simbolismo pelo fato de, justamente, a ascensão do nacionalismo socialista iugoslavo ter surgido através da luta dos partisans contra os nazistas, ou seja, quando as diferenças étnicas e religiosas foram colocadas de lado sob o véu da bandeira de libertação nacional⁶⁶.

O próximo discurso foi proferido em 1959, a ocasião foi o 40º aniversário do Partido Comunista da Iugoslávia em Belgrado. À primeira vista, Tito (1959, s/p.) evidencia que “Nós, comunistas iugoslavos, não acreditamos que, no futuro, a situação internacional deva inevitavelmente se desenvolver de modo que os países tenham de se alinhar a este ou àquele bloco”, percebe-se já em 1959 a postura de Não-Alinhamento que Tito adota para a Iugoslávia, nem com o bloco capitalista e tampouco o socialista. Ademais, o termo “nós” expresso no início de sua fala evidencia que Tito se coloca como sujeito coletivo, que representa um projeto político autônomo.

Há um efeito de sentido de resistência ideológica, em que a exterioridade (o conflito Leste-Oeste) é reinterpretada sob a perspectiva iugoslava. Tito se expressa em uma formação discursiva nacional-socialista, que recusa a submissão a blocos hegemônicos e afirma a autodeterminação da Iugoslávia (Fernandes, 2005). Tal discurso exemplifica o esforço do Estado em fazer coincidir cultura política e fronteiras nacionais, transformando a soberania socialista em base de uma identidade nacional moderna e integradora. Todavia, deve-se reafirmar que Tito buscava implementar um nacionalismo moderno, que é uma identificação compartilhada por comunidades de culturas compartilhadas, criadas até mesmo a partir de diferenças pré-existentes (Gellner, 1983).

Tito (1959, s/p.) reafirma a posição iugoslava como líder do Movimento dos Não-Alinhados quando diz: “Nossa resistência a essa política [...] encoraja os povos dos países que se libertaram do jugo do colonialismo e desejam construir suas vidas sobre bases progressistas — as bases do socialismo”⁶⁷. Pode-se observar que Tito acende a consciência dos iugoslavos como parte da resistência, o que faz com que

⁶⁶ Deve-se tomar nota de que, Gellner (1995) argumenta que o princípio de organização social nacionalista se deve ao casamento entre cultura e política, em que o Estado se transforma no protetor da cultura. O autor evidencia que sociedades com grande diversidade étnica, o princípio nacionalista de coesão se torna difícil de ser implementado, algo que Tito tinha em mente que a Iugoslávia passaria.

⁶⁷ “Our resistance to this policy [...] gives encouragement to the peoples of countries which have freed themselves from the yoke of colonialism and wish to build their lives on progressive foundations — the foundations of socialism” (Tito, 1959, s/p.).

saibam sua identidade e o local que habitam, tal trecho estende o peso ideológico na fala de Tito, para que outros povos também sejam comovidos pelo não-alinhamento.

Pelo viés da AD, o sujeito discursivo, neste contexto, se constrói como porta-voz dos “povos oprimidos”. O discurso produz um efeito de legitimação nacional pela solidariedade internacionalista, fundindo o “socialismo iugoslavo” à identidade do “povo libertador”, como “exemplo” a ser seguido. Reforça-se o fato do contexto em que Tito profere suas palavras, o qual fornece as condições necessárias para geração do discurso⁶⁸.

Ao fim do discurso, Tito (1959, s/p.) buscou valorizar as glórias do Partido Comunista Iugoslavo: “Temos todo o direito de nos orgulhar do nosso passado glorioso e da nossa atividade atual na construção do socialismo em nosso país [...] É absurdo chamar de antissocialista ou nacionalista toda expressão de orgulho pelos êxitos do nosso Partido”⁶⁹. Tito liga diretamente o orgulho nacional à construção socialista. Nota-se a presença de um discurso de defesa identitária, no qual a palavra “orgulho” funciona como marcador ideológico. O líder procura redefinir o nacionalismo como socialismo autêntico, ao mesmo tempo em que afasta a acusação de “nacionalismo burguês” feita pela URSS.

Ademais, percebe-se um resgate ao passado glorioso do Partido, fato esse comum na construção do nacionalismo que volta-se ao passado e o interpreta, moldando-o de acordo com seus interesses. Como Hobsbawm (2022) afirma, um dos elementos essenciais na formação de uma nação é o proporcionamento de uma associação histórica com o presente Estado, ou com um longínquo ou recente passado comum. Neste caso, o discurso de Tito baseia-se na, até então, recente história da Iugoslávia socialista, garantindo em sua posição de interlocutor a construção da memória iugoslava em torno de sua proposta de nação.

O último discurso analisado também foi a última aparição pública de Tito, proferido em 1978 na comemoração de 35 anos da Batalha de Sutjeska, que serviu como um marco simbólico da resistência Partisan contra as forças fascistas, ocorrida durante a Segunda Guerra Mundial (Stanimirovič, 2021). No primeiro trecho extraído, Tito afirma que: “Derramamos muito sangue pela fraternidade e unidade

⁶⁸ Como Gregolin (1995) afirma, o processo discursivo encontra-se no cerne da produção dos sentidos, e a linguagem é o materialismo onde se manifestam os “efeitos de sentido”.

⁶⁹ “We have every right to be proud of our glorious past and of our present activity in building socialism in this country [...] It is nonsensical to call every expression of pride at the successes of our Party antisocialist or nationalist” (Tito, 1959, s/p.).

dos nossos povos. Não permitiremos que isso seja destruído pelo nacionalismo!”⁷⁰ (Tito, 1978, s/p.). Tito constrói o discurso a partir de uma posição ideológica de resistência ao nacionalismo como ameaça à coesão política iugoslava.

Foucault (2002) fornece um olhar profundo acerca da história e como ela se coloca no papel da arqueologia, no sentido de que, serve como uma investigação do passado através de ferramentas que as auxiliam, o discurso, desta forma, é uma ferramenta de investigação e interpretação da história. Tal trecho do discurso de Tito reflete o que Foucault argumenta, pois Tito deixa claro o fato de que os iugoslavos lutaram lado a lado em um passado glorioso de resistência. A justificativa para o interlocutor evidenciar tal união se dá pelo temor ao nacionalismo crescente entre as repúblicas, o que Tito implicitamente faz com suas palavras é alertar acerca dos perigos do nacionalismo.

É imperioso mencionar o papel pragmático de Tito em que reconhece o impacto que suas palavras detêm sobre a população iugoslava, pois, de acordo com Pêcheux (2006), o enunciador propõe uma bipolarização lógica das proposições feitas, o intuito da fala de Tito pode ser interpretado como a interposição de uma barreira entre o “nós” (aqueles que derramaram sangue pela unidade) e “eles” (os nacionalistas excludentes). Tito se coloca como interlocutor de uma voz coletiva, enquanto que, através da ótica de Hobsbawm (2022) é possível observar o resgate de uma memória comum de luta contra o fascismo. Por outro lado, a fala de Tito pode simbolizar a luta contra a tendência moderna de implementação de Estados Nacionais próprios entre as repúblicas, através da reafirmação do caráter multiétnico e coeso da federação socialista (Gellner, 1983).

No segundo trecho do discurso, Tito reforça o perigo do nacionalismo para a existência do Estado: “O nacionalismo é o maior perigo para o nosso país. Ele destrói aquilo que construímos juntos na luta contra o fascismo.” (Tito, 1978,s/p.). Sabe-se que as palavras proferidas dificilmente serão neutras, pois intrinsecamente trazem consigo a visão de mundo e a ideologia⁷¹ do interlocutor entre seu discurso, neste caso Tito associa o nacionalismo com a destruição do projeto histórico que uniu os povos iugoslavos.

⁷⁰ "Mi smo mnogo krvi prolili za bratstvo i jedinstvo naših naroda. Nećemo dozvoliti da se to ruši nacionalizmom!" (Tito, 1978, s/p.).

⁷¹ É um específico conjunto de crenças que as pessoas possuem acerca do que é certo ou errado, bom ou ruim. A ideologia auxilia na criação de uma visão de mundo compartilhada entre um particular grupo, ao mesmo tempo, tende a limitar a forma como visualizamos a realidade e tende a marginalizar pessoas, ideias e coisas que não encaixam-se na sua própria (Jones, 2024).

Nota-se que o período em que Tito profere tal discurso, o cenário econômico na Iugoslávia estava em crise, o que viria a piorar em menos de um ano depois com a Segunda Crise do Petróleo. Gellner (1995) argumenta que a estabilidade econômica tende a diminuir a intensidade de sentimentos étnicos e nacionalistas, vemos o contrário neste contexto, o que pode ajudar a explicar o tom incisivo de Tito contra o nacionalismo, o colocando como principal perigo para a Federação. Ao passo que Hobsbawm (2022) evidencia a necessidade de preservar o nacionalismo “cívico” da libertação em detrimento do “étnico” desagregador.

No terceiro trecho, Tito reitera o combate à fragmentação e coesão iugoslava, através da proposição supranacionalista iugoslava: “Conclamo todos os povos da Iugoslávia a resistirem às ideias nacionalistas que levam à divisão e ao ódio.” (Tito, 1978, s/p.). O nacionalismo excludente é considerado por Tito como um inimigo interno a ser combatido, todavia, a dubiedade em seu combate paira sob o véu da promoção da ideologia socialista unificadora para com a federação, com a própria “Irmandade e Fraternidade” e o “Patriotismo Socialista” sendo utilizado exponencialmente pelo Marechal.

Segundo Fernandes (2005), há um efeito de sentido coletivo que busca fixar a identidade iugoslava como resultado de uma interdiscursividade histórica entre socialismo e antifascismo. Hobsbawm (2022) interpreta tal gesto como uma tentativa de manter vivo o “programa integrador” que legitimava o Estado, ainda que o nacionalismo fosse, paradoxalmente, a base da coesão iugoslava. Já Gellner (1983) evidencia a tensão estrutural: Tito tenta impedir que a cultura volte a determinar a política, preservando o Estado multinacional como construção racional e não étnica.

4.2 “Nunca permitiremos que alguém nos espanque novamente”: Discursos de Milošević e a reconstrução da Identidade Nacional Sérvia

Após a morte do Marechal Tito, a figura proeminente de Milošević destacou-se a partir do momento em que passou a priorizar a retórica exclusivista sérvia, em que propunha o nacionalismo sérvio de forma explícita em suas declarações. A vontade de Milošević em construir uma “Grande Sérvia” em uma nação territorial homogênea não poderia ser um programa a ser imposto sem ser por meios bárbaros, como o genocídio, a limpeza étnica e deslocamento em massa de minorias (Hobsbawm, 2022).

O primeiro discurso a ser analisado foi proferido por Milošević em 1987 no Kosovo, conhecido como “Discurso de Kosovo Polje”, o contexto por trás deste discurso é de suma importância para entender como Milošević ganhou projeção política como sendo o “defensor dos sérvios no Kosovo”. Graças às agitações de sérvios em Kosovo, o Presidente da República da Sérvia Ivan Stambolić enviou seu braço direito, Milošević, para suprimir as tensões e reivindicações dos sérvios, o que se configurou como o contrário. Ao chegar no local em que havia nacionalistas sérvios protestando, Milošević forneceu inicialmente um discurso unificador provindo da cartilha de “Irmandade e Fraternidade”, chegando a afirmar que “o nacionalismo excludente, baseado em ódios nacionais, jamais poderia ser progressivo” (BBC, 2022). No entanto, ao prometer um diálogo com os sérvios, Milošević rompeu com o princípio básico da política titoísta de pacificação das tensões étnicas.

Antes de realizar o discurso formal dentro da assembleia, Milošević proferiu a famosa frase “Ninguém tem o direito de bater em vocês!”⁷² (BBC, 2022). Tal frase foi em resposta ao confronto entre os manifestantes e a polícia local, a historiografia ocidental trata este momento como o ponto de virada e ascensão de Milošević como “protetor” do nacionalismo sérvio. O confronto se deu de maneira deliberada por sérvios kosovares que planejaram antecipadamente a disposição de pedras que seriam lançadas contra os policiais⁷³ (BBC, 2022). A construção desta figura em torno de Milošević em grande medida foi moldada deliberadamente pela mídia sérvia. Reforça-se o fato de que Hobsbawm (2022) afirma que a mídia possui um papel igualmente importante do que a educação para construir a conscientização nacionalista, pois determinada ideologia pode ser transformada e explorada de acordo com os interesses da elite.

Por outro lado, adentrando no discurso formal proferido por Milošević o primeiro trecho que o nacionalismo é mencionado chama atenção pela posição aparentemente dúbia em suas palavras:

“O nacionalismo sempre significa isolamento dos outros, estar trancado em um círculo fechado, e isso também significa interromper o crescimento, porque sem cooperação e conexão com a Iugoslávia — e, então, com horizontes mais amplos — não há progresso. Toda nação e nacionalidade que se fecha e se isola comporta-se de maneira irresponsável em relação ao crescimento de seus próprios cidadãos. É por isso que, antes de

⁷² “No one should dare to beat you!” (BBC, 2022).

⁷³ Lembra-se que as relações entre sérvios e albaneses no Kosovo são tensas graças a séculos de embates étnicos e religiosos, fato este que foi utilizado por Milošević para promover-se (Didić, 2020).

qualquer outra coisa, nós, comunistas, devemos fazer tudo o que for necessário para eliminar as consequências do comportamento nacionalista e separatista, e das forças contrarrevolucionárias, tanto em Kosovo como em outras partes do nosso país. [...] Esta é a sua terra. Suas casas estão aqui, suas memórias.” (Milošević, 1987, s/p., tradução nossa)⁷⁴.

Neste trecho, Milošević se posiciona contrário ao nacionalismo separatista e reforça a união iugoslava sob o véu do comunismo. Todavia, percebe-se a dubiedade de sua retórica, inicialmente condenando o nacionalismo e posteriormente ativando marcadores de pertencimento territorial e afetivo característicos do discurso nacionalista. Gellner (1983) traz o conceito de nacionalismo cultural, que neste caso, é estruturado em um projeto político típico de sociedades em crise.

O discurso implicitamente menciona que “eles” (albaneses kosovares) são os causadores das tensões na província, ao passo em que Milošević se coloca como interlocutor não apenas do Partido Comunista Sérvio, mas de todo o povo sérvio através de uma retórica de defesa do nacionalismo moderno, isto é, mobiliza a emoção nacional ao mesmo tempo em que busca evidenciar uma predominância cultural e aglutinadora do socialismo, de forma velada entende-se que tal predominância seria pertencente aos sérvios (Gellner, 1983).

A última frase do trecho que diz, “Esta é a sua terra. Suas casas estão aqui, suas memórias”, simboliza o que Hobsbawm (2022) evidencia como a instrumentalização do passado para legitimar o presente, que reforça o sentimento de pertencimento a um passado comum dos sérvios kosovares, e a ligação com a terra em que vivem. Ao passo em que Milošević se mostra como um defensor da unidade socialista e posteriormente, defende o pertencimento nacional (Kosovo = sua terra), ou seja, há uma heterogeneidade discursiva que reflete a contradição ideológica de sua fala (Fernandes, 2005).

O segundo trecho a ser analisado é: “A Iugoslávia não existe sem Kosovo! A Iugoslávia se desintegraria sem Kosovo! A Iugoslávia e a Sérvia nunca desistirão de

⁷⁴ “Nationalism always means isolation from others, being locked in a closed circle, and that also means stopping growth, because without cooperation and connection with Yugoslavia, and then widening vistas, there is no progress. Every nation and nationality which shuts itself off and isolates itself behaves irresponsibly toward their constituents' growth. That is why before anything else, we communists must do all that is required to eliminate the consequences of nationalist and separatist behavior, and counterrevolutionaries forces, as on Kosovo, so in other parts of our land. [...] This is your land. Your homes are here, your memories.” (Milošević, 1987, s/p).

Kosovo!” (Milošević, 1987, s/p., tradução nossa)⁷⁵. É possível observar uma repetição de hipérboles que ressaltam a ligação existencial entre Kosovo e Iugoslávia, o efeito de tal enunciado cria um sentido de ameaça à unidade, em que o sujeito interlocutor é o guardião de tal unidade. O sujeito discursivo é múltiplo (representa a Sérvia e Iugoslávia), todavia, o enunciado evidencia uma voz dominante, pois não menciona os albaneses que compunham a maioria étnica da Província⁷⁶. De acordo com Pêcheux (2006), o enunciado busca constituir uma realidade política, direcionando os sentidos dos ouvintes a compreender a indispensável presença do Kosovo.

Tendo em vista que nação e Estado devem estar em congruência para a formação do nacionalismo, o território (Kosovo) é apresentado como peça constitutiva da tal ligação entre nação e Estado. A declaração emana a priorização dos interesses sérvios/iugoslavos (Gellner, 1983). Por outro lado, Kaldor (2012) argumenta que a identidade serve como instrumento de mobilização em contextos de crise estatal, Milošević adota a retórica de securitização do Kosovo (“não existe; se desintegraria”) que fornece um tom belicoso e suscita a mobilização dos sérvios kosovares. A fala final (“nunca desistirão”) reflete a adoção de um compromisso retórico de atores políticos e a sociedade, é um dispositivo de coesão interna e intimidação externa entre enunciadador e sujeito.

O segundo discurso foi proferido por Milošević em 1989, já no cargo de Presidente da Sérvia, no Kosovo, todavia, o contexto que envolve-o é a mais profunda representação de como o líder reavivou mitos fundacionais da Sérvia para mobilizar as massas. Com título de “Discurso de Gazimestan”, se deu no aniversário de 600 anos da Batalha do Kosovo com mais de um milhão de pessoas presentes, o contexto era de crescente tensão entre a Sérvia e as outras repúblicas da Iugoslávia. Milošević inverte o resultado histórico e afirma que os sérvios venceram a batalha para angariar apoio entre os sujeitos presentes, todavia, não foi o que se configurou em 1389, quando os turco-otomanos derrotaram os sérvios (Didić, 2020).

⁷⁵ “Yugoslavia doesn’t exist without Kosovo! Yugoslavia would disintegrate without Kosovo! Yugoslavia and Serbia will never give up Kosovo!” (Milošević, 1987, s/p.).

⁷⁶ De acordo com o CIA Factbook (2025), de acordo com um censo demográfico realizado pelo Kosovo em 2011, o mapa étnico na Província se representava pela seguinte porcentagem: Albaneses 92,9%, Bósnios 1,6%, Sérvios 1,5%, Turcos 1,1%, Ashkali 0,9%, Egípcios 0,7%, Gorani 0,6%, Roma 0,5%, outros/não especificados 0,2%. Todavia, a parte norte da Província (de maioria sérvia e roma) foi excluída do censo nacional, além de ter sido parcialmente boicotada por tais minorias ao sul, ou seja, há uma sub-representação de minorias.

O primeiro trecho a ser analisado é:

"Hoje, é difícil dizer qual é a verdade histórica sobre a Batalha do Kosovo e o que é lenda. Hoje isso já não importa. Oprimido pela dor e cheio de esperança, o povo costumava lembrar e esquecer, como, afinal, todos os povos do mundo fazem; e se envergonhava da traição e glorificava o heroísmo. Por isso, é difícil dizer hoje se a Batalha do Kosovo foi uma derrota ou uma vitória para o povo sérvio, se graças a ela caímos na escravidão ou se sobrevivemos dentro dela." (Milošević, 1989, p. 1, tradução nossa)⁷⁷

Nesse trecho, Milošević deturpa o foco da veracidade histórica para construir um valor simbólico baseado na memória coletiva, em que os sujeitos fazem parte (sérvios). A dúvida quanto à "verdade" sobre a batalha evidencia o que Fernandes (2005) chama de memória discursiva: um conjunto de sentidos que antecede o sujeito e o inscrevem em uma formação ideológica específica, de um passado sociocultural em comum. No momento em que põe em cheque o que é verdade ou lenda, que o importante não é o fato, mas a lembrança. Milošević adota a posição de guardião da memória, legitimando a mitificação do passado como base moral da unidade nacional do presente. Ademais, o interlocutor menciona que "todos os povos do mundo" lembram e esquecem a história de acordo com seus interesses, numa tentativa de justificar ao fazer o mesmo, com a deturpação histórica para alcançar seu projeto nacionalista e comover os sérvios.

Dessarte, é possível realizar paralelo com a colocação de Gellner (1995) acerca da exaltação de glórias passadas que envolvem o mito nacional, para os Sérvios, a Batalha do Kosovo é sagrada, inclusive pela canonização do Príncipe Lázaro e de Miloš Obilić que morreram durante a batalha. Por outro lado, Hobsbawm (2012) oferece uma proposição que aplica-se a esse tipo de operação simbólica, isto é, como parte da invenção das tradições, processo pelo qual elites políticas e intelectuais constroem mitos fundadores para sustentar projetos nacionais, neste caso, Milošević se coloca no centro do nacionalismo contemporâneo sérvio. Muitas vezes, tal construção depende não apenas do discurso, mas da mídia, da literatura e das artes (Dimitras, 2000).

⁷⁷ "Today, it is difficult to say what is the historical truth about the Battle of Kosovo and what is legend. Today this is no longer important. Oppressed by pain and filled with hope, the people used to remember and to forget, as, after all, all people in the world do, and it was ashamed of treachery and glorified heroism. Therefore it is difficult to say today whether the Battle of Kosovo was a defeat or a victory for the Serbian people, whether thanks to it we fell into slavery or we survived in this slavery." (Milošević, 1989, p. 1).

O segundo trecho a ser exposto é:

"A desunião entre os oficiais sérvios fez a Sérvia ficar para trás e a sua inferioridade humilhou a Sérvia. Portanto, nenhum lugar na Sérvia é mais apropriado para dizer isto do que o campo do Kosovo, e nenhum lugar na Sérvia é mais apropriado do que o campo do Kosovo para dizer que a unidade na Sérvia trará prosperidade ao povo sérvio na Sérvia e a cada um dos seus cidadãos, independentemente da sua filiação nacional ou religiosa" (Milošević, 1989, p. 1, tradução nossa)⁷⁸.

Há uma ênfase retórica em “Kosovo” e “Sérvia”, com uma repetição que evidencia a interdependência existencial entre ambas, cria no inconsciente coletivo dos ouvintes uma realidade ao verbalizá-la. O Mito do Kosovo é alicerce central na criação do nacionalismo sérvio, Milošević utiliza do sacrifício e da luta de seus antepassados para a situação moderna, convocando os sérvios a permanecer unidos em prol de uma luta para manter a Iugoslávia e a Sérvia. Ao opor “unidade” e “desunião”, Milošević constrói uma fronteira simbólica entre o “povo verdadeiro” e o inimigo interno, apagando a diversidade étnica e ideológica sob a retórica da coesão (Fernandes, 2005). Ademais, Gellner (1983) argumenta que com o nacionalismo moderno utiliza da instrumentalização da religião para diferenciar sociedades culturalmente semelhantes, como é o caso da Iugoslávia que Milošević se aproveita, ao adotar uma retórica belicosa e hostil contra albaneses muçulmanos em face aos cristãos ortodoxos.

Para Gellner (1983), o nacionalismo moderno emerge quando a estrutura social requer homogeneidade cultural para manter a estabilidade política. Nesse sentido, o apelo à unidade não representa pluralismo, mas sim integração forçada na cultura nacional dominante, com os interesses e a coesão sérvia sendo o motor da retórica. Hobsbawm (2022) complementa ao afirmar que o nacionalismo, em suas formas messiânicas, mistura utopia e dever histórico: a união é apresentada como redenção moral do povo sérvio. O discurso cumpre a função ideológica de substituir o conflito político pela fé na harmonia nacional, no tocante a isso, o discurso supervaloriza os campos do Kosovo na mobilização atual dos sérvios, estimulando os sentimentos nacionalistas exclusivamente sérvios, Milošević ainda afirma no

⁷⁸ Disunity among Serb officials made Serbia lag behind and their inferiority humiliated Serbia. Therefore, no place in Serbia is better suited for saying this than the field of Kosovo and no place in Serbia is better suited than the field of Kosovo for saying that unity in Serbia will bring prosperity to the Serbian people in Serbia and each one of its citizens, irrespective of his national or religious affiliation" (Milošević, 1989, p. 1).

discurso que uma nova batalha não estaria tão longe (Ramet, 1999).

O terceiro trecho evidencia a convicção de que o povo sérvio encontrava-se em uma situação semelhante a quando travaram a Batalha do Kosovo:

"Na época em que esta famosa batalha histórica foi travada no Kosovo, as pessoas olhavam para as estrelas, esperando ajuda delas. Agora, seis séculos depois, elas estão olhando para as estrelas novamente, esperando conquistá-las. Na primeira ocasião, podiam se dar ao luxo de estar desunidas e de ter ódio e traição porque viviam em mundos menores e fracamente interligados. Agora, como povo deste planeta, elas não podem conquistar nem mesmo o próprio planeta se não estiverem unidas, muito menos outros planetas, a menos que vivam em mútua harmonia e solidariedade" (Milošević, 1989, p. 2, tradução nossa)⁷⁹.

Milošević faz o uso do nacionalismo neste trecho no sentido de suscitar uma destituição do ego individual dos ouvintes/sujeito e os transporta para um senso de comunidade integradora, o interlocutor evidencia que sem a unidade, "não se pode conquistar nem o próprio planeta, muito menos outros planetas", em uma clara alusão ao expansionismo sérvio (Kaldor, 2004). O sujeito discursivo assume a posição de profeta político, que não apenas interpreta o passado, mas o reescreve como destino. De acordo com Fernandes (2005), Milošević se coloca como porta-voz do gesto enunciativo performativo, em que o dizer cria a necessidade de unidade e a realidade presente como fato, remodelando a história.

O interlocutor ainda traz uma espécie de missão cosmológica, que insere a nação sérvia como patenteadora de um destino transcendental e unitário. Ademais, Gellner (1983) e sua teorização sobre o sonho do nacionalismo moderno da criação de uma nação homogênea etnicamente se mostra no que não é dito por Milošević, a AD e o contexto posterior das guerras de dissolução demonstram que tal postura já estava presente em sua retórica. Há, portanto, uma dualidade em seu discurso, que apesar da postura comemorativa, existe ao mesmo tempo um revanchismo contra a dominação da Sérvia.

Deve-se ressaltar que apesar das tensões entre sérvios com croatas e eslovenos, o princípio de tensionamento sérvio encontrava-se com os albaneses kosovares, que são islâmicos, ao passo em que Milošević revive de maneira enfática

⁷⁹ "At the time when this famous historical battle was fought in Kosovo, the people were looking at the stars, expecting aid from them. Now, six centuries later, they are looking at the stars again, waiting to conquer them. On the first occasion, they could allow themselves to be disunited and to have hatred and treason because they lived in smaller, weakly interlinked worlds. Now, as people on this planet, they cannot conquer even their own planet if they are not united, let alone other planets, unless they live in mutual harmony and solidarity" (Milošević, 1989, p. 2).

a memória da Batalha do Kosovo em que cristãos ortodoxos lutaram para impedir a dominação muçulmana. Ou seja, fica evidente que a questão religiosa é utilizada de maneira indireta para justificar a separação étnico-religiosa entre ambas as nações, como Hobsbawm (2022) argumenta, a importância da religião na conscientização nacional se dá de maneira mais intensa em locais que o nacionalismo tomou proporções das massas, ao contrário de quando tal sentimento está seletivo aos intelectuais e pequenos grupos.

Por outro lado, o quarto e último trecho a ser exposto é o mais belicoso do discurso, que suscita o pujante nacionalismo exclusivamente sérvio, sem preocupar-se com a supranacionalidade iugoslava já em ruínas:

"Seis séculos depois, agora, estamos novamente engajados em batalhas e enfrentando batalhas. Não são batalhas armadas, embora tais coisas não possam ser ainda excluídas. No entanto, independentemente do tipo de batalhas que sejam, elas não podem ser vencidas sem resolução, bravura e sacrifício, sem as nobres qualidades que estavam presentes aqui no campo do Kosovo nos tempos passados [...] Seis séculos atrás, a Sérvia defendeu-se heroicamente no campo do Kosovo, mas também defendeu a Europa. A Sérvia era naquela época o baluarte que defendia a cultura, a religião e a sociedade europeias em geral. Portanto, hoje parece não apenas injusto, mas até anti-histórico e completamente absurdo falar sobre o pertencimento da Sérvia à Europa. A Sérvia faz parte da Europa incessantemente, agora tanto quanto era no passado, claro, à sua própria maneira, mas de uma maneira que no sentido histórico nunca a privou de dignidade" (Milošević, 1989, p. 3, tradução nossa)⁸⁰.

Milošević amplia a importância da Batalha do Kosovo para além do âmbito local, transformando-a em um ato de defesa da Europa, da própria religião cristã e da "sociedade europeia". Trata-se de um discurso de elevação moral, segundo ele a Sérvia não é apenas uma nação entre outras, mas o bastião da civilização ocidental. Como Orlandi (2000) expressa a memória discursiva (ou interdiscurso) torna-se possível compreender o discurso como sustento de uma estratificação de formulações já feitas mas esquecidas, mas que constroem uma história de sentidos. Milošević historiciza o dizer e o sujeito, fazendo fluir o discurso e moldando o

⁸⁰ "Six centuries later, now, we are being again engaged in battles and are facing battles. They are not armed battles, although such things cannot be excluded yet. However, regardless of what kind of battles they are, they cannot be won without resolve, bravery, and sacrifice, without the noble qualities that were present here in the field of Kosovo in the days past [...] Six centuries ago, Serbia heroically defended itself in the field of Kosovo, but it also defended Europe. Serbia was at that time the bastion that defended the European culture, religion, and European society in general. Therefore today it appears not only unjust but even unhistorical and completely absurd to talk about Serbia's belonging to Europe. Serbia has been a part of Europe incessantly, now just as much as it was in the past, of course, in its own way, but in a way that in the historical sense never deprived it of dignity" (Milošević, 1989, p. 3).

imaginário dos ouvintes em torno da mitificação da Sérvia (Orlandi, 2000).

Em busca de mobilizar a população, o interlocutor evidencia que “estamos novamente engajados em batalhas e enfrentando batalhas”, interpreta-se que o mesmo se refere às outras Repúblicas iugoslavas e os próprios albaneses kosovares, sua posição, agora como Presidente da República Sérvia lhe fornecia mais liberdade de expressar uma retórica enfática sem se preocupar com as consequências (Didic, 2020). Ademais, meses antes do discurso ser proferido, as províncias autônomas do Kosovo e de Vojvodina tiveram sua autonomia abolida pela Sérvia, ou seja, as tensões estavam latentes.

Ao afirmar que “nós defendemos a Europa”, Milošević coloca a Sérvia como única em seu heroísmo, porém, com uma missão universal, que pode ser interpretada como um discurso baseado em uma hegemonia retórica, pois não é apenas um resgate histórico de glórias passadas, mas uma justificativa para ações no até então presente, além de recordar o fato de que os sérvios foram os primeiros a libertar-se do domínio otomano e terem sido majoritariamente Partisans Sérvios que expulsaram os fascistas no fim da Segunda Guerra Mundial (Van Winkle, 2005).

Pode-se utilizar os conceitos de “velhas” e “novas” guerras de Kaldor (2012) para visualizar o trecho acima, quando o interlocutor afirma que atualmente “não são batalhas armadas, embora não se exclua esse fato”, desta maneira é possível observar elementos comuns em sociedades em crise, como o prelúdio de guerras que eclodiram em torno (não exclusivamente) da composição étnica na Iugoslávia, em que o aparato estatal utilizou de seu monopólio da força contra a própria população civil.

O padrão de violência no novo tipo de guerra é confirmado pelas estatísticas das novas guerras. A tendência de evitar o combate e direcionar a maior parte da violência contra civis é evidenciada pelo aumento dramático na proporção de vítimas civis em relação às militares [...] Mas há um consenso geral sobre o declínio na proporção de mortes relacionadas a combates diretos em relação ao total de mortes, de modo que hoje em dia o número de militares e civis mortos em fogo direto entre as partes em conflito é minúsculo em comparação com aqueles mortos pelo que é, por vezes, conhecido como violência unilateral contra civis e outras mortes relacionadas à guerra (Kaldor, 2012, p. 106, tradução nossa)⁸¹.

⁸¹ The pattern of violence in the new type of warfare is confirmed by the statistics of the new wars. The tendency to avoid battle and to direct most violence against civilians is evidenced by the dramatic

Através da teorização de Gellner (1983), é possível interpretar esse tipo de discurso como expressão da necessidade de homogeneidade cultural e moral típica do nacionalismo moderno: a coesão interna é justificada pela missão civilizatória externa. Ao passo em que Hobsbawm (2022) evidencia que, ao universalizar o papel da nação (“defender a Europa”), cria-se certa legitimação que naturaliza o poder político e o papel das elites dirigentes, reforçando o fato de que a Sérvia faz parte da Europa, em uma tentativa de atrair para a Sérvia um senso de responsabilidade histórica, que o Ocidente “deve” percebê-la como tal. Em convergência, Kaldor (2012) observa que discursos que mobilizam valores universais, “civilização”, “Europa”, “paz”, frequentemente funcionam como justificativas para projetos nacionalistas excludentes, sobretudo em contextos de crise e fragmentação.

Milošević, nestas frases, explicou como ele via a situação que se desenrolou no Kosovo durante o final dos anos 1980. Ele “avançou” de ser um defensor da paz e da unidade entre os dois grupos étnicos para se tornar um firme apoiador da limpeza étnica de um grupo étnico que ele considerava muito inferior ao povo sérvio. Ele conseguiu isso ao ‘moldar’ os eventos históricos a seu favor e ao caminhar em uma ‘linha tênue’ entre o martírio e a vitória para a Sérvia (Didić, 2020, p. 17, tradução nossa)⁸².

Em suma, a análise dos discursos de Milošević ilustra como o nacionalismo sérvio pode ser construído linguisticamente partindo da manipulação e interpretação deliberada da memória histórica. Conforme Fernandes (2005) argumenta, o interdiscurso fundacional mobilizado pelo enunciador transforma o passado em elemento estruturante do presente, produzindo a própria realidade para aqueles que são afetados pelas suas palavras. De acordo com Hobsbawm (2022) e Gellner (1983), percebe-se que o mito de Kosovo serve como um elemento mobilizador do nacionalismo excludente típico baseado nas diferenças religiosas, culturais e étnicas entre os sérvios e os outros povos eslavos do sul, ao passo em que transforma um episódio medieval em instrumento de coesão e memória coletiva no Estado

increase in the ratio of civilian to military casualties [...] But there is general agreement about the decline in the share of battle-related deaths to overall deaths so that nowadays the number of both military and civilians killed in direct fire between the warring parties is tiny compared with those killed from what is sometimes known as one-sided violence against civilians and other war-related deaths (Kaldor, 2012, p. 106).

⁸² Milošević has, in these sentences, explained how he views the situation that unfolded in Kosovo during the late 1980s. He has ‘advanced’ from being an advocate of peace and unity between the two ethnic groups, to being a staunch supporter of ethnic cleansing of a ethnic group which he deemed to be far less inferior to the Serbian people. He achieved this by ‘shaping’ historical events to his favour, and walking a ‘fine line’ between martyrdom and victory for Serbia (Didić, 2020, p. 17).

moderno.

Ao longo do discurso, Milošević enfatizou quatro temas: 1) o caráter libertador da identidade nacional sérvia; 2) as perspectivas de prosperidade a serem alcançadas por meio da unidade; 3) as divisões nacionais que existiam na Iugoslávia naquele momento; e 4) a dignidade — perdida na derrota histórica — que seria recuperada com a conquista da unidade nacional. O subtexto de cada um desses pontos pode ser interpretado da seguinte forma: 1) os sérvios foram vítimas de outros grupos com base étnica, mas não retaliaram da mesma forma; 2) os sérvios serão mais prósperos em um Estado puramente sérvio, ou ao menos em um Estado comprometido com uma agenda sérvia; 3) os sérvios não devem esquecer os perigos históricos e potenciais representados pelos outros povos iugoslavos, especialmente pelas minorias na província autônoma de Kosovo; e 4) a Sérvia perdeu sua posição como nação europeia (e, com isso, sua dignidade) quando foi conquistada pelos otomanos, e perder autoridade sobre os albaneses étnicos em Kosovo representa o risco de uma desonra semelhante (Van Winkle, 2005, p. 31, tradução nossa)⁸³.

Já Kaldor (2012) revela que a retórica da “unidade” e da “solidariedade” esconde um projeto de identidade excludente, característico das novas guerras e da ascensão dos “novos nacionalismos” étnicos do fim do século XX. Desta maneira Milošević coloca os sérvios como um povo injustiçado, que necessita responder a atentados realizados contra eles durante a história, ou seja, adota uma retórica revanchista e hostil contra grande parte das repúblicas que compunham a Iugoslávia. A partir disso, torna-se possível comparar tais aspirações nacionalistas excludentes que ocasionaram a ascensão do discurso de ódio, com o projeto discursivo de Josip Broz Tito, cuja retórica buscou construir uma unidade supranacional iugoslava fundada na fraternidade e na coexistência dos povos.

4.3 Comparação dos discursos e a identificação do Nacionalismo

Na presente seção, serão comparados trechos entre os discursos expostos acima de ambos os líderes, na tentativa de trazer uma análise comparativa que

⁸³ Over the course of the speech Milosevic stressed four themes. 1) The liberational nature of the Serbian national character; 2) the prospects for prosperity to be achieved through unity; 3) the national divisions that currently existed in Yugoslavia; and 4) the dignity—lost in their historic defeat—that would be regained by the achievement of national unity. The sub-text to each of these points might be better read as 1) Serbs have been victimized by others along ethnic lines but have not retaliated in kind; 2) Serbs will be more prosperous in a purely Serbian state, or at least a state committed to a Serbian agenda; 3) Serbs should not forget the historical and potential dangers posed by the other Yugoslav peoples, and especially the minorities in the autonomous province of Kosovo; and 4) Serbia lost its position as a European nation (thereby losing its dignity) when it was conquered by the Ottomans, and losing authority over the ethnic Albanians in Kosovo presents the potential for a similar disgrace (Van Winkle, 2005, p. 31).

identifique semelhanças e diferenças referentes à abordagem retórica de cada um. De acordo com a tentativa de Tito de manter a coesão iugoslava e, em contrapartida, Milošević priorizar uma nação em função das outras, os trechos serão analisados por áreas de expressão. A análise comparativa dos discursos de Josip Tito e Milošević busca evidenciar como distintas formações discursivas expressam projetos políticos e ideológicos divergentes, e/ou convergentes, em torno da identidade iugoslava e sérvia. Partindo da perspectiva da Análise do Discurso, propõe-se compreender como cada líder mobiliza sentidos de unidade e pertencimento nacional para com a população sujeita aos discursos.

Deve-se ter em mente que, de acordo com a AD, o sentido não está nas palavras em si, mas sim nas condições de sua produção, ou seja, ambos os líderes adotam a retórica da “unidade”, “nação” e “nós”, contudo, os efeitos ideológicos são distintos (Fernandes, 2005). Tito e Milošević partilham a crença na “unidade” como agenda política central, mas divergem no significado e na forma a alcançá-la. Para Tito, unidade é a solidariedade baseada no socialismo entre as nações que compunham a Iugoslávia, ao contrário para Milošević, que acredita na homogeneidade de um só povo (sérvio). Essa diferença marca o deslocamento do nacionalismo político para o nacionalismo étnico, fica claro que dentro de um mesmo campo discursivo, a Iugoslávia e a unidade, as palavras podem mudar de sentido conforme as aspirações de quem está no poder.

No governo de Tito, o discurso encontra-se com a lógica internacionalista e socialista do pós-guerra, sustentando a coesão da federação pela ideia de “fraternidade e unidade”. Por outro lado, nos discursos de Milošević é possível observar a realocação do nacionalismo como instrumento de legitimação política e mobilização étnica, em um contexto de fragmentação estatal. É possível analisar através de Hobsbawm (2002), que o nacionalismo é uma construção histórica e maleável por aqueles que estão no poder, e de Kaldor (2012), que identifica na retórica de fragmentação identitária presente nas “novas guerras” um elemento central dos conflitos contemporâneos. Assim, a presente subseção busca expor como a dinâmica discursiva reflete na mudança do ideal integrador para o exclusivismo étnico, que antecedeu a dissolução da Iugoslávia.

Inicialmente, deve-se evidenciar o contexto histórico e político de cada discurso, em matéria de entendimento “do que diziam o que diziam”, e seu “porquê” (Fernandes, 2005). Entende-se que o sujeito e o interlocutor são frutos das

condições de produção de sua época, cada um com suas peculiaridades e especificidades. O discurso de Tito se dá no período de consolidação da Federação Socialista Iugoslava, no momento em que a coesão interna era vital para o sucesso do projeto socialista, ou seja, o Marechal buscava incessantemente afirmar que o nacionalismo era um germe da desintegração, considerando-o “o maior perigo” para a Iugoslávia. Já Milošević fala em um contexto de crise sócioeconômica da federação, marcado pela ascensão de discursos excludentes e proeminência de sentimentos exclusivamente localizados. De acordo com Foucault (2002), o discurso é condicionado por “formações de enunciados” que delimitam o que pode ser dito em cada conjuntura histórica, no caso de Tito, a retórica da unidade socialista, no de Milošević, o da união dos sérvios para uma “Grande Sérvia”.

Como já foi apontado, o contexto do discurso “A Respeito da Questão Nacional e do Patriotismo Socialista” de 1948 se deu no pós guerra, pouco tempo após o cisma de Tito e Stalin, o Marechal havia aberto maior intimidade com o Ocidente, Tito era visto como “Davi” e Stalin, “Golias”, ou seja, o Ocidente via Tito como um herói e apoiava-o já em seus anos iniciais de governo (Ramet, 1999). Tito busca evidenciar a ideologia socialista como fator determinante para a união, ao afirmar que a “questão nacional” já foi resolvida na Iugoslávia “graças aos ensinamentos de Lênin” (Tito, 1948, s/p.). No presente discurso, Tito expressa confiança no sistema descentralizado que prometia maior autonomia às repúblicas, em prol de uma coexistência pacífica: “Separamo-nos formalmente para que, de fato, pudéssemos estar mais unidos” (Tito, 1948, s/p.).

O Marechal reafirma a importância de todas as nações ao dizer “sem fraternidade construtiva e união entre as nacionalidades em nosso país, seria impossível reconstruir nossa pátria” (Tito, 1948, s/p.). Desta maneira, reforça sua fé na crença do socialismo internacionalista de sua época. Já em seu segundo discurso, 40º aniversário do Partido Comunista da Iugoslávia, tal tentativa de posicionar a Iugoslávia como líder de um projeto de “socialismo não-alinhado” buscava encorajar “os povos a se libertarem do jugo do colonialismo e construir suas vidas sobre bases progressistas — as bases do socialismo” (Tito, 1959, s/p.).

Por outro lado, Milošević ao proferir seu discurso chamado de “Discurso de Kosovo Polje” em 1987, utiliza da mesma cartilha do Partido Comunista Iugoslavo, ao afirmar que “O nacionalismo sempre significa isolamento dos outros, estar trancado em um círculo fechado” (Milošević, 1987, s/p.) e “nós, comunistas,

devemos fazer tudo o que for necessário para eliminar as consequências do comportamento nacionalista e separatista” (Milošević, 1987, s/p.). Observa-se a semelhança de retórica com Tito, no sentido de tentar suprimir o nacionalismo, todavia, a partir do momento em que Milošević afirma que “Esta é a sua terra. Suas casas estão aqui, suas memórias.” (Milošević, 1987, s/p.), ele rompe com a mesma, ao passo em que a Iugoslávia havia restringido demonstrações nacionalistas desde o tempo de Tito, Milošević reacende tais sentimentos e passa a ser visto como “protetor” dos sérvios kosovares, o que vai na contramão do que Tito previa para a coesão estatal (Van Winkle, 2005).

Desta maneira, percebe-se uma ambiguidade discursiva, Milošević se apresenta inicialmente como crítico do nacionalismo, mas simultaneamente o reforça em uma retórica de ligação territorial de determinada nacionalidade (sérvia). Já em 1989, no chamado “Discurso de Gazimestan”, essa ideologia se consolida: “A Iugoslávia não existe sem Kosovo!” (Milošević, 1989, s/p.) e “Seis séculos atrás, a Sérvia defendeu-se heroicamente no campo do Kosovo” (Milošević, 1989, s/p.). O nacionalismo torna-se, o eixo central e legitimador do poder político, substituindo a retórica da “fraternidade” e “patriotismo socialista” pela da “salvação nacional”.

Por outro lado, deve-se diferenciar a posição em que os interlocutores se colocam, Tito coloca-se como pertencente à supranacionalidade iugoslava, todavia, sem negar as nações existentes no Estado, o “nós” e “nossos povos” representam a forma como o Tito se colocava, como materializador de uma realidade ideológica socialista (Orlandi, 2000). Tito se coloca como enunciador da polifonia das vozes do socialismo, enquanto Milošević é o enunciador dos sérvios, em torno de uma retórica exclusivamente sérvia, dado contexto histórico-social que lhe possibilitou aderir tal polifonia discursiva (Fernandes, 2005).

No discurso de Tito em 1978 de comemoração da “Batalha de Sutjeska”, ao afirmar, “Derramamos muito sangue pela fraternidade e unidade dos nossos povos. Não permitiremos que isso seja destruído pelo nacionalismo!” (Tito, 1978, s/p.), Tito mobiliza a população em torno da glória Partisan contra os nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Como Hobsbawm (2022) argumenta, não é possível distinguir “classe” de “nação” prontamente, pois, países socialistas como a Iugoslávia que travaram resistências contra os fascistas, obtiveram sucesso em resgatar sentimentos nacionais e patrióticos, através de um “nacionalismo antifascista”, algo que Tito utiliza para a criação de símbolos que sustentam a

identidade iugoslava.

Em contrapartida, Milošević em seu “Discurso de Gazimestan” em 1989, realiza algo semelhante, pode-se traçar um paralelo entre a mobilização baseada na identidade socialista e Partisan de Tito, com a defesa de Milošević em torno da luta dos sérvios contra os turco-otomanos. A invocação do “heroísmo de Kosovo” e a comparação entre “as batalhas de seis séculos atrás” e “as batalhas atuais”, é possível observar a relação linguístico-histórica, pois, o discurso se relaciona com a história no trabalho significativo do interlocutor e em sua relação com o mundo, ele trata de atingir e reviver a memória daqueles receptores (sérvios) e os faz compreender como o discurso funciona, enquanto objeto simbólico, ao lograr a comoção popular em torno de sua história em comum (Orlandi, 2000).

Um ponto comum presente em ambos discursos é a questão da “unidade”, pois, reconheciam seu valor político para coesão de suas propostas. Todavia, a maneira abordada para chegar à “unidade” difere-se entre os líderes, Tito argumenta que “a igualdade de direitos entre todas nacionalidades tornou impossível qualquer hegemonia nacional” (Tito, 1948, s/p.). Percebe-se, ao passo que reconhece as nações presentes no território iugoslavo, no entanto, graças à unidade e a retórica homogênea baseada no supranacionalismo, sem excluir a heterogeneidade étnica, mas reconhecendo-a e gradualmente de acordo com seu governo, dando maior autonomia a elas. É possível interpretar que, o Marechal entendia que a imposição do nacionalismo iugoslavo “de cima para baixo” era inerente à um discurso condizente a tal (Gellner, 1983).

Outrossim, Milošević adota um discurso que busca a homogeneidade cultural e étnica de maneira mais explícita que Tito, ao priorizar os sérvios. A “unidade” volta-se para a identidade sérvia em seu discurso, ocorre o deslocamento discursivo do “patriotismo socialista” para o nacionalismo étnico, de acordo com Foucault (2002), uma mutação nas condições de possibilidade do dizer, a passagem de um regime de verdade coletiva para um regime identitário e excludente. O discurso de ódio afeta a percepção da realidade cultural de determinado período em que está inserido, além de manifestar-se de diversas formas: histórias populares recentemente 'reescritas' glorificando os heróis nacionais; Criando uma divisão distinta de “Nós contra Eles” com um forte apego emocional negativo a este último (Pilarska, 2017, p. 67).

Percebe-se com a evidenciação acima de elementos dos discursos de ódio,

características presentes no “Discurso de Gazimestan” proferido por Milošević, ou seja, ao afirmar “é difícil dizer hoje se a Batalha do Kosovo foi uma derrota ou uma vitória para o povo sérvio” (Milošević, 1989, s/p.) manifesta uma reescrita deliberada em relação à história em torno dos sérvios. Desta maneira, ao passo em que Tito fomenta um discurso voltado à coesão ideológica da federação sob a égide do socialismo e da “Irmandade e Fraternidade”, Milošević redireciona tal campo semântico para legitimar a fragmentação. A análise demonstra como o discurso atua como produtor da realidade e do materialismo histórico, além de ser uma prática constitutiva do poder e da nação, necessária para a coesão política e social. Percebe-se um movimento que transforma a “fraternidade” de Tito na “salvação” de Milošević, e a “unidade dos povos” em “unidade da Sérvia”.

Ademais, fica claro como Milošević utilizou de uma narrativa histórica para mobilizar os sérvios, ao fundir o passado com o presente, percebe-se o que Hobsbawm (2022) chama de tradição inventada, em que um mito histórico é reinterpretado para legitimar o presente político. Ao criar uma interpretação que distancia-se da realidade, o enunciador glorifica a Batalha do Kosovo e reivindica a vitória dos sérvios, ao mesmo tempo em que vitimiza o sofrimento daqueles que perderam a vida, desta forma Milošević aproveita-se das tensões étnicas entre albaneses e sérvios no momento em que proferia seu Discurso de Gazimestan (Didić, 2020).

Ao passo que Tito realiza um nacionalismo cívico como projeto de Estado, sua retórica de glorificação da luta Partisan e do patriotismo socialista se exemplifica pelo seguinte trecho: “Temos todo o direito de nos orgulhar do nosso passado glorioso [...] É absurdo chamar de antissocialista ou nacionalista toda expressão de orgulho pelos êxitos do nosso Partido” (Tito, 1959, s/p.). Apesar de existirem semelhanças entre os discursos dos líderes, é possível observar diferenças acerca do caminho optado para alcançar seus objetivos, somado à subjetividade das palavras proferidas dentro do mesmo campo discursivo, a Iugoslávia, as aspirações variam de acordo com os interesses dos enunciadoreis.

O cerne da diferença discursiva de Tito e Milošević não encontra-se apenas no conteúdo/contexto, mas na função política do discurso. Tito utiliza o discurso no sentido integrador, busca reafirmar a existência de um “povo iugoslavo” ao nomeá-lo, ao passo em que Milošević o discurso possui um sentido exclusivista, o que enfraquece a federação ao priorizar os sérvios. Assim como Kaldor (2012)

argumenta que as “novas guerras” não se baseiam mais em ideologias universais, mas em identidades fragmentadas e com vínculos emocionais. O discurso de Milošević subverte a retórica do Partido Comunista da Iugoslávia de unidade em torno da ideologia para a retórica de exclusão baseada no nacionalismo do povo sérvio.

O discurso é atravessado por contradições e ideologias inerentes a sua natureza, Foucault (2002) argumenta que o enunciador possui o poder de reorganizar elementos do passado para construir novos sentidos, além de excluir o que não é compatível com seu interesse. Neste caso, é possível perceber o nacionalismo como uma construção histórica adaptável à sua época, pois como analisamos, Tito condenava o nacionalismo e ao mesmo tempo construía o seu lema de “Fraternidade e Irmandade” em torno de um supranacionalismo iugoslavo. Na medida em que Milošević instrumentaliza o discurso em prol de interesses nacionalistas baseados na etnicidade.

A comparação entre ambos os líderes demonstra que o nacionalismo é mutável, servindo como produto discursivo, moldado por relações de poder e estratégias de legitimação. Enquanto Tito utiliza o discurso para manter a Iugoslávia como Estado multiétnico e coeso, buscando respeitar as diferentes nações e suprimir insurgências nacionalistas, Milošević adota a retórica exclusivamente sérvia que contribui significativamente para a desintegração do Estado iugoslavo, deslocando o nacionalismo da esfera do socialismo integrador para a da identidade étnica. O discurso reflete as transformações e peculiaridades dos contextos históricos respectivos dos líderes analisados, operando como instrumento de suma importância de construção e desconstrução da nação ao redor do nacionalismo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, o presente trabalho buscou analisar o papel do nacionalismo nos rumos da Iugoslávia evidente nos discursos proferidos por Tito e Milošević, que após a investigação histórica da região da Península Balcânica e da República Socialista Federativa da Iugoslávia, foi possível identificar a dificuldade em manter a coesão entre as seis repúblicas e suas duas províncias autônomas sob a bandeira do socialismo patriótico. Ademais, Josip Tito e Slobodan Milošević foram determinantes nos caminhos que o Estado tomou, a relação dos líderes com a própria história da

região é interligada, o que é possível observar através de seus discursos.

Inicialmente, o trabalho realizou a apresentação do nacionalismo como teoria, principalmente através dos autores Ernest Gellner, Eric Hobsbawm e Mary Kaldor, que forneceram um arcabouço teórico robusto para o entendimento do termo. Quando se fala em nacionalismo atualmente, tende-se a ter a impressão de ser algo naturalmente aceito pelas populações ao redor do mundo, todavia, deve-se ter em mente que é um fenômeno político criado artificialmente pela elite que detém o poder, criado recentemente após a Revolução Industrial. Pode-se argumentar que o nacionalismo é baseado em aspectos culturais, históricos, religiosos, linguísticos em comum de determinada comunidade.

Após a apresentação geral do nacionalismo, o trabalho buscou evidenciar a vasta contribuição teórica acerca do nacionalismo através do embate entre primordialistas e modernistas. Optou-se preferencialmente por utilizar autores modernistas na aplicação ao caso iugoslavo pela preferência por Gellner e Hobsbawm, ademais, os modernistas tendem a adotar uma visão crítica que flerta com o socialismo, graças aos seus argumentos de que o nacionalismo é uma ferramenta de controle e coesão social, utilizado pelas elites de acordo com seus interesses.

Ao final do primeiro capítulo, houve a apresentação da Análise de Discurso (AD), que serve como uma ferramenta de análise multidimensional, abarcando desde a psicanálise até a gramática. Foi constatada que há uma grande compatibilidade com as Relações Internacionais, sendo uma ferramenta metodológica profunda e complexa que contribuiria com a área. A AD explica que o discurso é o materialismo histórico, produzindo a realidade ao passo em que é proferido, além de possuir caráter subjetivo que contém contradições e dubiedades. O discurso mostra-se como elemento imbuído por ideologias determinadas pelo interesse do interlocutor, o discurso constrói sujeitos e regula sentidos, além de ser condicionado pelo contexto inserido.

Já no segundo capítulo a história da península foi analisada até chegar à República Socialista Federativa da Iugoslávia, perpassando desde os tempos do Império Macedônio de Alexandre, o Grande, até a queda da Iugoslávia com Milošević. Deve-se ter em mente que devido ao curto tempo, a pesquisa histórica teve de ser percorrida de maneira relativamente breve, apesar do apanhado histórico anterior a 1945 ser ambicioso. No entanto, o trabalho percorre através da

história pois entendemos que para compreender as dinâmicas durante o governo Tito e Milošević, é necessário examiná-la com minúcias, vide a importância da história na construção do nacionalismo, sendo um de seus principais alicerces.

Pôde-se perceber que as nações que compunham a Iugoslávia estiveram durante séculos sob dominação estrangeira, com pontuais experiências de independência durante a história, experiências estas que serviram como base para a glorificação de seu passado como mitos fundadores. Ainda assim, a composição étnica e religiosa da região também é fruto de diásporas, guerras, conquistas e reconquistas. Ao exemplo das Grandes Migrações que levaram os eslavos para a península no século VII, além das influências religiosas provindas dos dominadores estrangeiros.

A dominação Otomana impactou profundamente a península, pois além de terem fomentado a conversão ao Islã através do sistema de Millets, socialmente e economicamente o seu legado perdura até os dias atuais. A lógica de preservação da multiculturalidade para a dominação já existia na região, todavia, a população desenvolvia um sentimento de pertencimento apenas com a sua comunidade seleta, em que compartilhavam ritos e língua comum, ainda sem o advento da educação primária (Hobsbawm, 2022). O protonacionalismo passa a emergir no contexto pós-Otomano na região, com a valorização do dialeto servo-croata e da crescente conscientização social acerca das dominações estrangeiras, o que foi reforçado pelos círculos intelectuais internos.

Após a ascensão das nações balcânicas do século XIX, nós evidenciamos que as tensões e identidades étnicas tornaram-se palpáveis, ao passo que o caldeirão cultural dos Bálcãs efervescia. Pôde-se perceber logo em seguida com a Primeira Iugoslávia, a dificuldade em manter as diferentes nacionalidades dos eslavos do sul sob uma única bandeira, além de ter sido estabelecida pelo Tratado de Versalhes, e não pela autodeterminação (Van Winkle, 2005). No entanto, com Tito, o socialismo serviu como um fator importante para a aglutinação. Sua mão de ferro, carisma, discurso, crescimento econômico e organização interna permitiu que a Iugoslávia Socialista obtivesse um sucesso sem precedentes de coesão política, Tito era admirado por grande parte da população. Como a pesquisa expôs, o Marechal adotou o lema “Fraternidade e Irmandade”, justamente buscando preservar o elemento patriótico fruto da resistência Partisan durante a Segunda Guerra.

Apesar de Tito ter tentado minar o nacionalismo, com suas Constituições complexas e extensas (principalmente a de 1974), a maior autonomia para as Repúblicas permitiu um aumento nos sentimentos nacionalistas próprios e não mais iugoslavos. As elites iugoslavas passaram a ver a história de acordo com sua própria interpretação, focando em seus mitos nacionais e suas ligações históricas, o norte com a Europa Ocidental, o leste com a União Soviética, o sul com a Grécia e Turquia. No contexto pós-Tito, a investigação demonstrou que a falta de um sucessor definido proporcionou um vácuo de poder, ademais, o contexto era de crise econômica severa, consequentemente Slobodan Milošević surge na política.

A investigação histórica do presente trabalho teve em sua conclusão a análise da desintegração da Iugoslávia, além de suas causas e consequências. Reforçou-se o papel de Milošević como fomentador do nacionalismo excludente sérvio, com aspirações expansionistas e de retórica de povo oprimido. Milošević fez o uso da história e da mídia para legitimar seu poder, revivendo mitos do passado e alocando-os no até então presente. Após o fomento dos nacionalismos e as guerras de dissolução, a Iugoslávia deixaria de existir, desintegrando o sonho da terra dos eslavos do sul projetada por Tito.

No último capítulo, o trabalho buscou analisar os discursos tanto de Tito quanto Milošević, em razão de mapear elementos acerca do nacionalismo em suas falas, evidenciando o contexto em que foram proferidos e ressaltando a subjetividade do discurso, incluindo aquilo que está implícito nas palavras. Através da metodologia de Análise de Discursos e da teorização do nacionalismo (Hobsbawm, Gellner e Kaldor principalmente), a pesquisa evidenciou trechos contundentes em que Tito combatia o nacionalismo excludente com sua retórica baseada na ideologia socialista e da Irmandade e Fraternidade, numa espécie de internacionalismo doméstico. Ao passo que Milošević buscou priorizar os interesses sérvios, ao reforçar a ligação dos sérvios de toda Iugoslávia e retirar a autonomia das duas províncias autônomas (Kosovo e Vojvodina).

A pesquisa selecionou três discursos de Tito, o primeiro proferido em 1948 em que o enunciador aborda de maneira direta a questão nacional na Iugoslávia, percebe-se que o líder possuía consciência que o nacionalismo era um fator importante na sua agenda de governo. O segundo discurso proferido em 1959, o Marechal engloba mais elementos socialistas de coesão, colocando a Iugoslávia como uma das líderes do Movimento dos Não Alinhados e fomentando que outros

Estados sigam o seu exemplo, além de exaltar seu passado glorioso. O último discurso selecionado foi proferido em 1978, Tito com uma idade avançada, provavelmente já percebendo o que estava por vir, alerta para os perigos do nacionalismo excludente e clama para a população resistir a tais ideias, pode-se considerar o discurso mais impactante feito pelo líder.

Por outro lado, foram selecionados apenas dois discursos de Milošević, portanto, reveladores acerca das nuances em suas palavras e a clara utilização do nacionalismo de “cima para baixo”. O primeiro proferido em 1987 demonstra a ascensão do que era ainda um incipiente político sérvio, Vice-Presidente do Partido Comunista da Sérvia, mostrou-se como defensor dos sérvios kosovares. Apesar de manter a cartilha retórica do Partido Comunista ao reafirmar o lema da “Irmandade e Fraternidade” e condenar o nacionalismo, já se percebe uma dualidade em suas palavras. O segundo discurso proferido em 1989 que marcava o aniversário de 600 anos da Batalha do Kosovo é repleto de elementos que o colocam como patenteador de um discurso de ódio, em que reinterpreta a história e divide a população, ao adotar uma retórica de vitimização do povo sérvio ao mesmo tempo que os coloca como comprometidos a uma missão cósmica de defesa ao barbarismo.

Ao final do capítulo e do trabalho por si, tentou-se comparar os elementos dos discursos de ambos os líderes, identificando diferenças e semelhanças. Constatou-se que ambos procuravam pautar seus interesses políticos em suas palavras, o objetivo geral era o mesmo, a unidade, os meios a se chegar neste objetivo que diferem-se. Ao passo em que Tito buscou garantir a coesão iugoslava, Milošević buscou a legitimação do seu projeto sérvio, nos discursos, o resgate histórico do passado glorioso Partisan e sérvio, respectivamente, alimentou os sentimentos de pertencimento dos ouvintes em torno de suas retóricas. Tito tentava minar o nacionalismo, Milošević o alimentava.

A pesquisa em fim responde ao seu problema central, ao confirmar parcialmente a hipótese proposta, pois os discursos oficiais foram importantes para os destinos do Estado da Iugoslávia, todavia, não foram os únicos fatores determinantes tanto na coesão, quanto na desintegração estatal. Entende-se que as decisões políticas e econômicas impactaram os rumos do Estado, condicionando o contexto histórico em que os discursos foram proferidos, influenciando inclusive as próprias escolhas de argumentação dos líderes. Todavia, os discursos foram

ferramentas de evidenciação ideológica de suma importância na agenda política dos líderes. Desta forma, apesar de ter influenciado, o discurso sozinho não foi determinante nos rumos da Iugoslávia.

Ademais, o objetivo geral da pesquisa foi alcançado, ao discorrer acerca do termo do “nacionalismo” e aplicá-lo ao caso iugoslavo, pôde-se perceber que o mesmo esteve presente no espectro social e político de maneira assídua, seja na política de contenção do nacionalismo de Tito, seja na população em matéria de debate e questionamentos, seja na retórica excludente de Milošević. No tocante à importância do nacionalismo na coesão e queda da Iugoslávia, confirma-se sua palpável influência, problematizar o termo é essencial para compreendê-lo. O nacionalismo divide as nações, impõe a intolerância e por vezes, cega populações frente à barbáries que ocorrem, como foi o caso das guerras de dissolução da Iugoslávia, principalmente durante a Guerra da Bósnia (Ramet, 1999).

Por outro lado, os objetivos específicos também foram alcançados, pois realizou-se a investigação da formação histórica da região, ao traçar as influências culturais, religiosas e étnicas que determinaram dinâmicas que permeiam até os dias atuais os Estados da Península. Entende-se que é necessário regressar historicamente para entender o presente, com o objetivo de não repetir os erros do passado. Ademais, o segundo objetivo específico foi logrado ao comparar as ambições nacionalistas entremeadas nos discursos de ambos os líderes, com suas nuances e contradições. Por fim, o terceiro objetivo específico foi alcançado ao examinar o papel da retórica nacionalista presente na desintegração da Iugoslávia, que levou ao genocídio e a limpeza étnicamente motivada.

Em suma, a presente pesquisa visou evidenciar os perigos que o nacionalismo pode trazer consigo, buscou-se alertar para que o destino da Iugoslávia de desintegração não seja seguido por outros Estados multiétnicos. Todavia, identificam-se limitações na presente pesquisa, pois no primeiro capítulo, faltou profundidade nas obras dos autores primordialistas do nacionalismo. Além de que, o segundo capítulo carece de maior foco no impacto dos civis nas mudanças sócio-econômicas que a Iugoslávia passou, principalmente no tocante às guerras de dissolução. Já no terceiro capítulo, acreditamos que o terceiro subtópico foi o mais penoso, pois a criação de uma lógica de comparação entre discursos mostrou-se como um desafio para padronização, pairou o temor da repetição argumentativa.

Desta maneira, incentivamos as futuras pesquisas sobre a Iugoslávia que

aprofundem a comparação entre Tito e Milošević em outros âmbitos, além dos discursos, no questionamento das causas da desintegração Iugoslava. Ademais, reforço a importância metodológica e teórica da AD, pois acreditamos que há pouco espaço para a teoria na academia de relações internacionais, sugere-se seu uso nos mais diversos estudos, incluindo na própria Iugoslávia, especificamente, no âmbito das notícias durante as guerras de dissolução. Por fim, o nacionalismo como teoria deve ser explorado, pois há uma riqueza de produções intelectuais ao seu respeito, a Iugoslávia é um campo de pesquisa que serve como exemplo do uso do nacionalismo e principalmente na Bósnia-Herzegovina, que para o presente pesquisador, mostra-se como o Estado mais fascinante e complexo a se analisar através da lógica do nacionalismo.

REFERÊNCIAS

AGUILAR, S. L. C.; MATHIAS, A. L. T. C. **Identidades e diferenças: o caso da guerra civil na antiga Iugoslávia**. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais, v. 4, n. 8, dez. 2012.

ALVES, J. A. L. **Nacionalismo e etnias em conflito nos Bálcãs**. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, São Paulo, n. 63, p. 5–30, 2004.

ALVES, J. A. L. **Os novos Bálcãs**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG), Ministério das Relações Exteriores, 2013.

AZEVEDO, J. A. N. de. **O nacionalismo dos povos da ex-Iugoslávia na Primeira Guerra Mundial**. 2005. Monografia (Graduação em Relações Internacionais) – Centro Universitário de Brasília (UnICEUB), Brasília, 2005. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/9776/1/20169281.pdf>. Acesso em: 20 set. 2025.

AUSTRIA-FORUM. Josip Broz Tito. **AustriaWiki**. [S.l.], 4 maio 2025. Disponível em: https://austria-forum.org/af/AustriaWiki/Josip_Broz_Tito. Acesso em: 23 set. 2025.

BALAKRISHNAN, G. (ed.). **Mapping the Nation**. London; New York: Verso, 1996.

BANAC, I. **What Happened in the Balkans (or Rather ex-Yugoslavia)?** East European Politics and Societies, v. 23, n. 4, p. 461–478, 2009. DOI: 10.1177/0888325409346821.

BAUER, O. **The Nation**. In: BALAKRISHNAN, Gopal (ed.). **Mapping the Nation**. London; New York: Verso, 1996. p. 17–38.

BBC. **The Death of Yugoslavia**. [S.l.]: YouTube, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bVUg-VoPAeA&t=190s>. Acesso em: 3 jun. 2025.

BELANÇON, L. P. da S. **A crise política e a desintegração da República Federativa Socialista da Iugoslávia**. Anais do VII Congresso Internacional de História, Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2015. Disponível em: <http://cih.uem.br/anais/2015/trabalhos/1116.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2025.

BENSON, L. **Yugoslavia: A Concise History**. New York: Palgrave Macmillan, 2002.

BERTOLINI, P. C. **Dilemas do nacionalismo**. Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, n. 56, p. 33–53, 2003. Disponível em: <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/265>. Acesso em: 1 jun. 2025.

BIBER, F. **Is Nationalism on the Rise? Assessing Global Trends**. Ethnopolitics, v. 17, n. 5, p. 519–540, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17449057.2018.1532633>. Acesso em: 16 mai. 2025.

BIANCHI, A. **O conceito de Estado em Max Weber**. Lua Nova, n. 92, p. 79–104, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-64452014000200004>. Acesso em: 31 mai. 2025.

BILGEN, Ş. **Differences Between Primordialist and Modernist Approaches to Nationalism**. [S.l.]: [s.n.], 2021. Disponível em: https://www.academia.edu/43177252/DIFFERENCES_BETWEEN_PRIMORDIALIST_AND_MODERNIST_APPROACHES_TO_NATIONALISM. Acesso em: 2 jun. 2025.

BRUBAKER, R. **Nacionalismo “cívico” e “étnico”**. Sociedade e Cultura, v. 20, n. 1, p. 295–312, 2017.

CASANOVA, M. **La Yugoslavia de Tito: el fracaso de un estado multinacional**. Espacio Tiempo y Forma. Serie V, Historia Contemporánea, n. 16, 2004. Disponível em: <https://revistas.uned.es/index.php/ETFV/article/view/3090>. Acesso em: 30 set. 2025.

DASKALOVSKI, Z. **Republic of Macedonia or North Macedonia?** Turkey, 2019. Disponível em: <https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/90283916/republic-of-macedonia-or-north-macedonia-libre.pdf>. Acesso em: 17 out. 2025.

DIDIĆ, I. **“Moving forward in the past” – a historical analysis of two speeches made by Slobodan Milošević regarding historical use of nationalism and ethnicity for the employment of divisiveness and fear-mongering**. Dissertação (Mestrado) – Lund University, Lund, 2020. Disponível em: <https://lup.lub.lu.se/luur/download?func=downloadFile&recordId=9015939&fileId=9015994>. Acesso em: 27 out. 2025.

DIMITRAS, P. E. **Writing and Rewriting History in the Context of Balkan Nationalisms**. Southeast European Politics, v. 1, n. 1, p. 41–59, out. 2000.

ESPÓSITO, F. A. **O Movimento dos Países Não-Alinhados e o Sistema Internacional em 1961**. XXV Encontro Estadual de História da ANPUH-SP, 2020. Disponível em: <https://www.encontro2020.sp.anpuh.org/resources/anais/14/anpuh-sp-erh2020/1597>

790527_ARQUIVO_85565203f2958a0b03278aa8d8050421.pdf. Acesso em: 2 out. 2025.

FANANI, A. F. **The Ottoman Empire: its rise, decline, and collapse**. Jurnal Salam Pascasarjana Universitas Muhammadiyah Malang, p. 93–109, 2011.

FERNANDES, C. A. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. Ed. rev. e ampl. [S.l.]: [s.n.], 2005.

FOUCAULT, M. **The Archaeology of Knowledge**. London: Routledge, 2002.

GELLNER, E. **Nations and Nationalism**. Ithaca: Cornell University Press, 1983.

GOMES, L. H. M. **A trajetória do socialismo na Iugoslávia (1945–1990)**. História Econômica & História de Empresas, Niterói, v. 22, n. 1, p. 231–258, 2019.

GONDIM, S. M. G.; FISCHER, T. **O discurso, a análise de discurso e a metodologia do discurso do sujeito coletivo na gestão intercultural**. Cadernos de Gestão Social, v. 2, n. 1, p. 9–26, 2009.

GREGOLIN, M. do R. V. **A análise do discurso: conceitos e aplicações**. Alfa: Revista de Linguística, São Paulo, v. 39, p. 13–21, 1995.

GREIMAS, A. J. **Sobre o sentido II: ensaios semióticos**. Trad. Ana Claudina Scataglini Cacioli. São Paulo: Edusp, 2014.

GUIMARÃES, S. P. **Nação, nacionalismo, Estado**. Estudos Avançados, v. 22, n. 62, p. 145–159, jan. 2008.

HABERMAS, J. **The European Nation-State – Its Achievements and Its Limits: On the Past and Future of Sovereignty and Citizenship**. In: BALAKRISHNAN, G. (ed.). **Mapping the Nation**. London; New York: Verso, 1996. p. 281–294.

HOBSBAWM, E. J. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

HOBSBAWM, E. J.; KERTZER, D. J. **Ethnicity and Nationalism in Europe Today**. Anthropology Today, v. 8, n. 1, p. 3–8, 1992.

HROCH, M. **From National Movement to the Fully-formed Nation: The Nation-building Process in Europe**. In: BALAKRISHNAN, G. (ed.). **Mapping the Nation**. London; New York: Verso, 1996. p. 39–77.

JELAVICH, B. **History of the Balkans: Twentieth Century**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

JONES, R. H. **Discourse Analysis: A Resource Book for Students**. 3. ed. New York: Routledge, Taylor & Francis Group, 2024.

KALDOR, M. **Global Insecurity**. v. 3. London, 2000.

KALDOR, M. **New and Old Wars: Organised Violence in a Global Era**. 3. ed. Cambridge: Polity Press, 2012.

KALDOR, M. **In Defence of New Wars**. *Stability*, v. 2, n. 1, p. 1–16, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5334/sta.at>. Acesso em: 31 mai. 2025.

KALDOR, M. **Nationalism and Globalisation**. *Nations and Nationalism*, v. 10, n. 1/2, p. 161–177, 2004. Disponível em: https://www.academia.edu/100662471/Nationalism_and_Globalisation. Acesso em: 1 jun. 2025.

KALDOR, M. **War and Transition**. *Research Policy*, v. 50, n. 10, 2021.

KAPLAN, R. **Balkan Ghosts: A Journey Through History**. New York: St. Martin's Press, 1993.

LAHARNAR, N. L. **The Balkans – A Mosaic**. Ideas, 2003.

LAZARIDIS, I. et al. **A genetic history of the Balkans from Roman frontier to Slavic migrations**. *Cell*, v. 186, n. 14, p. 3059–3077, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.cell.2023.06.004>.

LIMA, T. C. R. **O Acordo de Dayton: um estudo de caso sobre o processo de statebuilding da Bósnia-Herzegovina**. 2017. Monografia (Bacharelado em Relações Internacionais) – Recife, 2017. Disponível em: <https://revistas.faculadadedamas.edu.br/index.php/academico/article/view/2243/1671>. Acesso em: 7 out. 2025.

LOPES, M. C. **Nação e nacionalismo: uma revisão bibliográfica**. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.

MACHADO, W. de O. **A caminho das Índias: a transformação do imaginário no olhar do viajante europeu na primeira modernidade**. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2025. Disponível em: <https://www.ppghsuerj.pro.br/wp-content/uploads/2025/04/Dissertacao-Wallace-de-Oliveira-Machado.pdf>. Acesso em: 16 out. 2025.

MAZAT, N. **A Iugoslávia de Tito: a gênese de um estado original no contexto da Guerra Fria (1945–1965)**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/327920493_A_Iugoslavia_de_Tito. Acesso em: 30 set. 2025.

MAZOULIS, D. **Nationalism and the Myth of Stateless Nations: A Critique of Ernest Gellner**. In: MALEŠEVIĆ, S.; HAUERWAS, M. (ed.). **Ernest Gellner and Contemporary Social Thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 2021. p. 140–160.

MICHAIL, E. **Western attitudes to war in the Balkans and the shifting meanings of violence, 1912–91**. *Journal of Contemporary History*, London, v. 47, n. 2, p. 219–239, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1177/0022009411431714>.

MIGUEL, L. F. **Em torno do conceito de mito político**. Dados, v. 41, n. 3, p. 635–661, 1998.

MILOŠEVIĆ, S. **Speech at Kosovo Polje (24–25 April 1987)**. [S.l.], 1987.

Disponível em:

<https://identityhunters.org/wp-content/uploads/2017/07/slobodan-milosevic-24-25-april-1987-speech-at-kosovo-polje.pdf>. Acesso em: 25 out. 2025.

MILOŠEVIĆ, S. **St. Vitus Day Speech – Gazimestan, June 28, 1989**. National Technical Information Service, U.S. Department of Commerce, 1989. Disponível em: <http://www.slobodan-milosevic.org/spch-kosovo1989.htm>. Acesso em: 27 out. 2025.

MISHKOVA, D. **Balkans / Southeastern Europe**. In: MISHKOVA, D.; TRENCSENYI, B. (eds.). **European Regions and Boundaries: A Conceptual History**. New York; Oxford: Berghahn Books, 2017. p. 143–165. Disponível em: https://library.oapen.org/bitstream/handle/20.500.12657/63374/external_content.pdf?sequence=1. Acesso em: 29 ago. 2025.

MOMCE, A. P. **Nacionalismos dos eslavos-do-Sul de 1848 aos dias de hoje**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-01122009-113401/publico/ADILSON_PRIZMIC_MOMCE.pdf. Acesso em: 1 out. 2025.

MUSSALIM, F. **Análise do discurso**. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. v. 2. São Paulo: Cortez, 2001. p. 101–142.

NASCIMENTO, P. C. **Dilemas do nacionalismo**. Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, n. 56, p. 33–53, 2003. Disponível em: <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/265>. Acesso em: 12 abr. 2025.

NMA, E. M. **Interrogating Primordialism and Modernism in Nationalism**. FUWUKARI Journal of Social Sciences (FUWJSS), v. 2, n. 2, p. 189–202, 2023. Disponível em: <https://fuwjss.com/wp-content/uploads/2023/11/Paper-12.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2025.

NOGUEIRA, C. A. **A análise do discurso**. In: ALMEIDA, L.; FERNANDES, E. (orgs.). **Métodos e técnicas de avaliação: novos contributos para a prática e investigação**. Braga: CEEP, 2001.

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso: princípios & procedimentos**. São Paulo: Pontes, 1999.

PAVLAKOVIĆ, V. **Flirting with Fascism: The Ustaša legacy and Croatian politics in the 1990s**. In: The Shared History and the Second World War and National Question in ex-Yugoslavia. Novi Sad: CHDR, 2008.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 2006.

PILARSKA, J. **“Cultural” hate speech and the fall of Yugoslavia – discourse analysis of the selected aspects**. Multicultural Studies, 2017. Disponível em:

https://www.repozytorium.uni.wroc.pl/Content/79541/PDF/Pilarska_Justyna_Cultural_hate_speech_and_the_fall_of_Yugoslavia.pdf. Acesso em: 13 out. 2025.

POPOVIĆ, M. **Exhibiting “YU”: The Yugoslav 20th Century in Museums – Between Fragmentation and Continuity**. Družboslovne Razprave, Ljubljana, v. XXXII, n. 81, p. 7–24, 2016. Disponível em: <https://sciencespo.hal.science/hal-03612190/file/exhibitingyufinalpublished.pdf>. Acesso em: 30 out. 2025.

QUEIROZ, B. N. de. **A autogestão iugoslava**. Fortaleza: Fundação Getúlio Vargas, 1981.

RAMET, S. P. **Balkan Babel: The Disintegration of Yugoslavia from the Death of Tito to the War for Kosovo**. 3. ed. [S.l.]: [s.n.], 1999.

REMEMBERING SREBRENICA. **Ethnic Cleansing in Bosnia**. 24 jun. 2021. Disponível em: <https://srebrenica.org.uk/what-happened/history/ethnic-cleansing-bosnia>. Acesso em: 28 out. 2025.

REED, J. M.; KRYŠTUFK, B.; EASTWOOD, W. J. **The physical geography of the Balkans and nomenclature of place names**. In: ŽUKIĆ, D. et al. (eds.). *Balkan Biodiversity*. [S.l.]: [s.n.], 2004. p. 9–22.

RETCHKIMAN, G. **The Ustaše and the Roman Catholic Church in the Independent State of Croatia**. *Occasional Papers on Religion in Eastern Europe*, v. 40, n. 1, art. 9, 2020. Disponível em: <https://digitalcommons.georgefox.edu/ree/vol40/iss1/9>. Acesso em: 22 set. 2025.

ROTER, Z. **Yugoslavia at the Crossroads: A Sociological Discourse**. *Occasional Papers on Religion in Eastern Europe*, v. 8, n. 2, art. 2, 1988. Disponível em: <https://digitalcommons.georgefox.edu/ree/vol8/iss2/2>. Acesso em: 15 out. 2025.

SCANDOLARA, D. L. G. **A nação inventada: o pensamento político de Ernest Gellner a respeito de nações e nacionalismo**. Brasília, 2019. Disponível em: <https://www.academia.edu/39097029/>. Acesso em: 27 mai. 2025.

SCANDOLARA, D. L. G. **A vontade, a criação e a imaginação: revisões e reflexões acerca das teorias de nação de Ernest Renan, Ernest Gellner e Benedict Anderson**. Brasília, 2020. Disponível em: <https://www.academia.edu/44248550/>. Acesso em: 27 mai. 2025.

SCHEVILL, F. **History of the Balkans**. New York: Marboro Books, 1991.

SEVERO, M. B. **Determinantes sistêmicos na criação e na dissolução da Iugoslávia (1918–2002)**. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/34678/000790789.pdf?sequence=1>. Acesso em: 29 set. 2025.

SILVA, V. R. da. **Nacionalismo, uso e abuso da história e o ofício do historiador em Eric Hobsbawm**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Paraná,

Campo Mourão, 2022. Disponível em:
<https://repositorio.unespar.edu.br/handle/123456789/594>. Acesso em: 27 mai. 2025.

SMITH, A. D. **Nationalism and the Historians**. In: BALAKRISHNAN, G. (ed.). **Mapping the Nation**. London; New York: Verso, 1996. p. 146–174.

STANIMIROVIČ, N. **“Self-managing” the “Brotherhood and Unity”:
 Understanding Tito’s Approach to Nationalism**. Dissertação (Mestrado em Artes)
 – Hungria, 2021.

TIME. Josip Broz Tito. **Time: The Weekly Newsmagazine**, 16 set. 1946. 2019.
 Disponível em: <https://content.time.com/time/covers/0,16641,19460916,00.html>.
 Acesso em: 17 out. 2025.

TITO, J. B. **Concerning the National Question and Social Patriotism**. 26 nov.
 1948. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/tito/1948/11/26.htm>. Acesso
 em: 16 out. 2025.

TITO, J. B. **Historical Development in the World Will Move Towards the
 Strengthening of Socialism**. 1959. Disponível em:
<https://www.marxists.org/archive/tito/1959/04/19.htm>. Acesso em: 20 out. 2025.

TITO, J. B. **Josip Broz Tito posljednji govor na Sutjesci 1978. upozorava –
 ČUVAJTE BRATSTVO I JEDINSTVO!** [vídeo]. YouTube, 2018. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=p_s_B0ms6Z0. Acesso em: 21 out. 2025.

UREA, T. **The Ottomans in the Balkans**. Studium — Revista studenților,
 masteranzilor și doctoranzilor în istorie, v. 12, p. 5–13, 2020. Disponível em:
[https://www.studium.ugal.ro/ARTICOLE_STUDIUM/ARTICOLE_STUDIUM12/1201_](https://www.studium.ugal.ro/ARTICOLE_STUDIUM/ARTICOLE_STUDIUM12/1201_UREA.pdf)
 UREA.pdf. Acesso em: 15 set. 2025.

UNITED STATES. Central Intelligence Agency. **The World Factbook: Kosovo**.
 Langley, VA: CIA, 2025. Disponível em:
<https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/kosovo/#people-and-society>.
 Acesso em: 27 out. 2025.

VAN WINKLE, D. R. **The Rise of Ethnic Nationalism in the Former Socialist
 Federation of Yugoslavia: An Examination of the Use of History**. Trabalho de
 Conclusão de Curso (Bacharelado em História) – Western Oregon University, 2005.

VERDERY, K. **Whither “Nation” and “Nationalism”?** In: BALAKRISHNAN, G.
 (ed.). **Mapping the Nation**. London; New York: Verso, 1996. p. 214–225.

VIANNA, M. A. G. **Aspectos do fascismo no século XX**. Perseu, n. 16, 2018.

WALASEK, H. **Bosnia and the destruction of identity**. In: APAYDIN, V. (org.).
**Critical Perspectives on Cultural Memory and Heritage: Construction,
 Transformation and Destruction**. London: UCL Press, 2020. p. 13–28. Disponível
 em: <https://www.jstor.org/stable/j.ctv13xpsfp.19>. Acesso em: 4 out. 2025.

WILCOXSON, A. **“Nobody Should Beat You” – Slobodan Milošević**.
 Slobodan-Milosevic.org, 25 jan. 2005. Disponível em:

<http://www.slobodan-milosevic.org/news/smorg012504.htm>. Acesso em: 25 out. 2025.